



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS

ANA FLÁVIA DOS SANTOS MARTINS

DESCOBRINDO ANGOLA: o discurso poético de Viriato da Cruz e a luta pela
Independência

São Luís
2024

ANA FLÁVIA DOS SANTOS MARTINS

DESCOBRINDO ANGOLA: o discurso poético de Viriato da Cruz e a luta pela
Independência

Dissertação de mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre no Programa de Pós-Gaduação Stricto
Sensu em Letras – Mestrado em Letras da
Universidade Estadual do Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola de Jesus
Soares Santana (UEMA, Brasil)

Coorientador: Prof. Dr. Francisco José de Jesus
Topa (Universidade do Porto, Portugal)

São Luís
2024

Martins, Ana Flávia dos Santos.

DESCOBRINDO ANGOLA: o discurso poético de Viriato da Cruz e a luta pela Independência / Ana Flávia dos Santos Martins. – São Luís, 2024 .
104p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Fabíola de Jesus Soares Santana.

Coorientador: Prof. Dr. Francisco José de Jesus Topa

1. Angola. 2. Discurso. 2.Poesia. 3. Liberdade. I.Título.

CDU: 82-1(673)

ANA FLÁVIA DOS SANTOS MARTINS

DESCOBRINDO ANGOLA: o discurso poético de Viriato da Cruz e a luta pela
Independência

Dissertação de mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre no Programa de Pós-Gaduação Stricto
Sensu em Letras – Mestrado em Letras da
Universidade Estadual do Maranhão.

.

Aprovada em: 3 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Fabíola de Jesus Soares Santana

Doutora em Letras – Área de concentração: Linguística
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Prof. Dr. Francisco José de Jesus Topa

Doutor em Literatura
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP/U.Porto)

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho

Doutor em História
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

À Angola e ao povo angolano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Cristo, a quem, antes de tudo, devo os projetos, os sonhos e a vida.

Aos meus pais, Socorro e Ismael, por todas as tantas vezes que precisaram anular os seus sonhos para que os meus fossem possíveis. Pelas doses diárias de amor e cuidado. Por serem minhas maiores referências de honestidade, generosidade e dignidade.

Aos meus avós, Deusa, Valterlina, Osmar e Raimundo, por serem o lugar em que sempre pude encontrar colo, afeto e aconchego, onde fui regada pela luz da experiência, respeito e carinho. Ao meu avô Francisco, com quem nunca estive, mas sinto que comigo ele sempre esteve.

Aos meus cinco irmãos, Angélica, Ana Luíza, Paulo Victor, Maria Fernanda e Luís Gustavo, por me ensinarem a beleza e a grandeza de dividir a vida.

À minha grande e leal família, pelo exemplo de humanidade e complacência, por quem sempre fui cercada de um amor fraterno e gratuito. Em especial, à minha madrinha Dediane, por ter me inspirado a escolher o caminho da arte da docência.

Às minhas amigas para o infinito e além das letras, Raíce e Suelma. À Klaryssa, por ter sido o meu pedaço de casa em Portugal. À Eriane por ser um presente lindo que Cabo Verde me deu.

Ao José Luís, o português mais amável e companheiro, com quem divido muito de mim e dos meus sonhos.

Aos amigos que a Uema me presenteou, em especial a Sara, Thaís e Ariana. Ao Roberto, por sempre ter acreditado em mim.

À minha professora, orientadora e amiga, Fabíola Santana, por quem tenho imensa admiração e reverência.

A meu coorientador Francisco Topa, a quem devo um bem impagável: a certeza de que a docência é um caminho pelo qual devo seguir.

Ao professor Henrique Borralho por ser uma referência acadêmica e científica.

À Universidade Estadual do Maranhão, às Instituições que apoiaram e subsidiaram essa pesquisa: Capes, CNPq e Fapema, a toda comunidade científica do Brasil pela confiança e investimento que creditaram a mim ao longo desta trajetória acadêmica. À Universidade do Porto, pela honra da concessão da bolsa de estudos, oportunidade que me trouxe a dimensão das imensas descobertas que me esperavam a Lusofonia.

*[...] sou uma força a influir no destino que me cerca
graças a ti*

a ti, ó Mãe Terra!

[...]

do barro do teu chão

da água das tuas fontes

Só por ti consigo ser

o amor que transforma para melhor,

o ódio libertador que atemoriza, arrasa e silencia,

a emoção que dinamiza a apatia

rasga as trevas

vence os impossíveis

– A humanização do mundo!

Viriato da Cruz (Mensagem, n.º 24, Luanda, 1952)

RESUMO

Submersa num mar desconhecido, esta dissertação lança luz sobre a literatura de Angola, ao propor uma análise inédita do discurso pela independência na obra de Viriato da Cruz. A motivação para este estudo reside no pouco que dele se sabe, do desconhecimento da importância que teve sua curta produção literária no engajamento popular nos movimentos pela liberdade. Com foco nas estratégias retórico-discursivas de mobilização política em sua única obra publicada, *Poemas* (1961), apresentada como recurso desencadeador do processo de descolonização do continente africano, realiza-se uma pesquisa documental e bibliográfica, utilizando a abordagem teórico-metodológica da *Análise do Discurso* Crítica de Fairclough (1989, 1992, 2003), Wodak e Meyer (2001), para compreender o papel ideológico do discurso literário na produção, manutenção e mudança das relações sociais de poder. A polifonia discursiva acerca da e contrário à ideologia colonialista apresenta uma perspectiva inexplorada que a insere no cerne do Regime Salazarista, inspirado pela bio-política darwinista e pelo luso-tropicalismo brasileiro de Gilberto Freyre (1933, 1940). O contraponto discursivo é construído por ele nos limiares do marxismo, ao desafiar estruturas hegemônicas como o eurocentrismo, o patriarcalismo e o etarismo progressista. Investiga-se, ainda, como um movimento intelectual cujo lema: “Vamos Descobrir Angola!”, mobilizou uma inquietude popular que resultou na criação do Movimento Popular de Libertação de Angola, fazendo nascer no recém-poeta um político incansável. Esta pesquisa revela como escolhas linguísticas, gramaticais, semânticas e sintáticas, incluindo a lexicalização da língua do colonizador (o português europeu) e a língua bantu africana do colonizado (o quimbundo), engendram uma riqueza intertextual capaz de, em um único verso, entrelaçar cantiga trovadoresca e poesia concreta brasileira. Com isso, Viriato da Cruz enfrenta a ideologia do Estado Novo e faz da poesia um convite à revolução, testemunhando que no discurso literário habita um desconhecido e poderoso veículo de transformação social.

Palavras-chave: Discurso; Poesia; Liberdade.

ABSTRACT

Submerged in an unknown sea, this dissertation sheds light on Angolan literature, by proposing an unprecedented analysis of the speech for independence in the work of Viriato da Cruz. The motivation for this study lies in the little that is known about him, the lack of awareness of the importance of his short literary production in popular engagement in the freedom movements. Focusing on the rhetorical-discursive strategies of political mobilization in his only published work, *Poems* (1961), presenting as a triggering resource for the decolonization process of the African continent, documentary and bibliographical research is carried out, using the theoretical-methodological approach of Analysis of Critical Discourse by Fairclough (1989, 1992, 2003), Wodak and Meyer (2001), to understand the ideological role of literary discourse in the production, maintenance and change of social relations of power. The discursive polyphony about and against colonialist ideology presents an unexplored perspective that is inserted at the heart of the Salazarist Regime, inspired by Darwinist biopolitics and the Brazilian luso-tropicalism of Gilberto Freyre (1933, 1940). The discursive counterpoint is constructed by him within the limits of Marxism, by challenging hegemonic structures such as Eurocentrism, patriarchalism and progressive ageism. It is also investigated how an intellectual movement whose motto: “Let's Discover Angola!” mobilized popular unrest that resulted in the creation of the Popular Movement for the Liberation of Angola, giving birth to a tireless politician in the newly-born poet. This research reveals how linguistic, grammatical, semantic and syntactic choices, including the lexicalization of the colonizer's language (European Portuguese) and the African Bantu language of the colonized (Kimbundu), engender an intertextual richness capable of, in a single verse, intertwining troubadour song and Brazilian concrete poetry. With this, Viriato da Cruz faced the ideology of the Estado Novo and made poetry an invitation to revolution, testifying that literary discourse inhabits an unknown and powerful vehicle of social transformation.

Keywords: Discourse; Poetry; Liberty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992, p. 101).....	43
Quadro 2 - Categorias analíticas propostas no Modelo Tridimensional do Discurso	44
Figura 1 - Imagética do Mapa da América em “Mamã Negra”	59
Figura 2 - Posicionamento MPLA, FNLA e UNITA em Angola (1975).....	72
Tabela 1 - Atuação das Forças Armadas Portuguesas e as Guerras (1961-1973)	73

LISTA DE SIGLAS

AD - Análise do Discurso

ADC - Análise do Discurso Crítica

ANANGOLA - Associação dos Naturais de Angola

CLSTP - Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe

DGS - Direção-Geral de Segurança

FLEC - Frente de Libertação do Enclave de Cabinda

FMI - Fundo Monetário Internacional

FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

FRAIN - Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colônias Portuguesas

FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique

GRAE - Governo Revolucionário de Angola no Exílio

MAC - Movimento Anti-Colonialista

MLSTP - Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe

MNIA - Movimento dos Novos Intelectuais de Angola

MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola

ONU - Organização das Nações Unidas

OUA - Organização de Unidade Africana

PAI - Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau

PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCA - Partido Comunista Angolano

PCP - Partido Comunista Português

PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado

PVDE - Polícia de Vigilância e Defesa do Estado

SPN - Secretariado de Propaganda Nacional

UPA - União dos Povos de Angola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A IDEOLOGIA COLONIALISTA: face não revelada do Estado Novo Português	17
2.1 CIVILIZADOS x INDÍGENAS: a <i>Biopolítica</i> de Salazar	19
2.2 MUDANÇA DE ROTA: o integracionismo das ‘Províncias Ultramarinas’	24
2.3 O LUSO-TROPICALISMO: ferramenta retórica de manipulação ideológica.....	26
3 “VAMOS DESCOBRIR ANGOLA!”: o grito que fez nascer Viriato da Cruz.....	30
3.1 A MENSAGEM ANGOLANA: o poeta	32
3.2 MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA: o político	34
4 O POETA-POLÍTICO: análise do discurso tridimensional em Poemas (1961).....	38
4.1 POESIA: a prática textual	44
4.1.1 O vocabulário	45
4.1.2 A gramática.....	49
4.1.3 A coesão	53
4.1.3 A estrutura	57
4.2 ANTISSALAZARISMO: a prática discursiva	60
4.2.1 A produção (intertextualidade e interdiscursividade).....	62
4.2.2 A distribuição	64
4.2.2.1 Cantigas Galego-portuguesas (Trovadorismo).....	65
4.2.2.2 Arcadismo.....	66
4.2.2.3 Regionalismo (Romantismo brasileiro).....	67
4.2.2.4 Poesia Concreta	69
4.2.3 O consumo	69
4.2.3.1 Década de 60, a dissolução do “Império” e o início das Guerras Coloniais	70
4.2.3.2 A independência de Angola.....	71
4.2.3.3 A independência da Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe	72

4.3 LIBERDADE: a prática social	75
4.3.1 A ideologia	75
4.3.2 A hegemonia.....	78
4.3.2.1 Subversão da lógica patriarcal na elevação da figura feminina.....	79
4.3.2.2 Subversão da economia eurocêntrica na elevação da riqueza africana	79
4.3.2.3 Subversão do progresso etarista na elevação da cultura ancestral.....	79
5 CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS	85
ANEXO I - A CARTA DE WILLIE LYNCH.....	92
ANEXO II – PROCESSOS PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado).....	93

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar-se a relevância desta pesquisa para comunidade científica e para sociedade, mergulha-se em um território, paradoxalmente, ainda muito pouco explorado: a cultura e a literatura de Angola¹, nação que somente há 49 anos conheceu o estatuto da liberdade e, desde então, tem guardado em si histórias basilares da humanidade, que espera ansiosa por aqueles dispostos a contá-las.

Uma delas é sobre como a Angola, subjugada pelo regime colonial português desde o século XVI até a ditadura do Estado Novo (1933-1974), encontrou no discurso poético de Viriato da Cruz uma ferramenta eficaz de mobilização política e resistência ao colonialismo? Como este discurso pode ter sido um fator decisivo de transformação das relações de dominação social, que impulsionou não só o movimento de libertação como influenciou a construção da identidade da nação angolana? E por que a perspectiva tridimensional da Análise do Discurso Crítica, de Norman Fairclough, é uma abordagem teórica relevante para analisar essas complexas relações entre discurso, poder e mudança social?

Responder a perguntas como essas sobre aquele que foi o continente mais violado pela história, suscita um infinito mundo de possibilidades de investigação e descoberta. Contudo, esta pesquisa concentra-se na (re)construção da memória dos anos de colonização portuguesa e de todo o processo de resistência que culminou no 11 de novembro de 1975, quando o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), no qual Viriato da Cruz foi um dos membros-fundadores, proclamou a independência do país, renascendo como o protagonista que faltava para o desfecho dessa história.

Com isso, os objetivos específicos deste trabalho são: analisar o contexto histórico e político de Angola durante a Ditadura Salazarista para compreender a dimensão do cenário colonialista em que o discurso de Viriato da Cruz é construído; elaborar um panorama geral sobre a literatura angolana de língua portuguesa durante o processo de libertação, de modo que se compreenda qual a posição e influência de Viriato neste universo; identificar as estratégias retórico-discursivas de mobilização política em *Poemas* (1961), a partir da categorização dos elementos e subelementos de composição do discurso: texto (vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual); prática discursiva (produção – intertextualidade e interdiscursividade – distribuição e consumo); e prática social (ideologia – sentidos, pressuposições, metáfora – e hegemonia – orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas); e demonstrar, por meio

¹ Com base em *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa*, de Salvato Trigo (1977).

da abordagem crítica de Fairclough, o papel ideológico do discurso literário na produção, manutenção e reestruturação das relações de dominação social.

Nesse intuito, julga-se necessário iniciar a investigação pela complexa teia da ideologia colonialista que motivou a revolta que fez nascer o poeta, cuja aparição ainda muito tímida nas pesquisas científicas, esconde a principal baliza do regime do Estado Novo Português. Nesse capítulo inicial de contextualização, pretende-se desvendar a segregação racial das populações africanas oficializada na divisão arbitrária entre "civilizados" e "indígenas", com a instituição, em 1954, do Estatuto do Indigenato.

Em seguida, aborda-se a mudança estratégica do rótulo que transformou os “escravos” em “euro-africanos” e as “colônias” em “províncias ultramarinas” ao analisar-se como essa manobra legal refletiu, ao contrário do que pressionava o mundo pós-guerra, a evolução da ideologia colonialista. Além disso, examina-se a instrumentalização do Luso-Tropicalismo do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* (1933), *O mundo que o português criou* (1940) e *Aventura e Rotina* (1953) – que constituiu uma teoria que romantizava a miscigenação das raças – mas que, em última instância, serviu como uma poderosa ferramenta retórica para sustentar o domínio imperial de Salazar, baseado na abordagem socio-histórica de Alberto Oliveira Pinto², Fernando Pimenta³, Salvato Trigo⁴ e Cláudia Castelo⁵.

A segunda etapa da análise adentra nos ventos de mudança das relações de dominação social que, após a Segunda Guerra, começaram a soprar no mundo. Em Angola, o início dessa inquietude social dá-se com a criação do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), cujo grito “Vamos Descobrir Angola!” emergiu o poeta – ou o político – Viriato da Cruz como uma figura central, que liderou o esforço coletivo e poético de “angolanizar Angola”. Para isso, considerou-se três estudos principais: *História de Angola da Pré-História ao Início do Século XXI*, do historiador luso-angolano Alberto Pinto (2019); *Introdução à Cultura Angolana de Expressão Portuguesa*, do professor e pesquisador Salvato Trigo (1977); *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, do pesquisador Pires Laranjeira (1995); *A Sociedade Angolana através da Literatura*, de Fernando Mourão (1978); *A Descolonização da*

² PINTO, Alberto Oliveira. *História de Angola da Pré-História ao Início do Século XXI*. 3.^a edição. Lisboa: Mercado de Letras Editores, 2019.

³ PIMENTA, Fernando Tavares. *Portugal e o Século XX. Estado-Império e Descolonização, 1890-1975*. Porto: Edições Afrontamento, 2010. _____. *A Ideologia do Estado Novo, a Guerra Colonial, e a Descolonização em África*, in *Historiografias Portuguesa e Brasileira no século XX Olhares Cruzados*, João Paulo Avelãs Nunes e Américo Freire (coordenação), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Getúlio Vargas, p. 53-79, 2013.

⁴ TRIGO, Salvato. *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa*. Coleção: Literaturas Africanas, volume 1. Brasília Editora Porto, 1977.

⁵ CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo. O Luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*. Porto, Edições Afrontamento, 1999.

África Portuguesa, de Norrie MacQueen (1998) e em *Reler África*, do poeta angolano Mário António (1990).

Nessa seção, apresentam-se os principais registros e estudos sobre Viriato, inclusive documentos inéditos, arquivos pessoais e de acesso livre muito recente, que foram obtidos a partir do contato com pesquisadores, amigos e familiares do autor, após ocasião muito oportuna, inspiradora e decisiva para a proposição da escolha do tema e do problema de pesquisa para esta dissertação, na *Conferência Internacional sobre a vida política e a obra poética de Viriato da Cruz*⁶, em Portugal.

Na etapa investigativa da vida e obra do poeta, tomou-se como base os estudos reunidos na obra *Viriato da Cruz – o Homem e o Mito*, dos pesquisadores Edmundo Rocha, Francisco Soares e Moisés Fernandes (2023), publicada pela primeira vez em 2008, mas reeditada em 2023 por ocasião da passagem dos 50 anos de sua morte. Além disso, utilizou-se também a pesquisa sociobiográfica feita em 2023 pelo *Jornal Angolano de Artes e Letras*; em registros pessoais, documentos e processos jurídicos emitidos pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), de Portugal, durante o governo de Salazar, consultados com o apoio das pesquisadoras Anabela Silveira e Regina Queiroz, sobrinha do autor; bem como os arquivos encontrados na Associação Tchiweka de Documentação – organização não lucrativa de Angola que preserva voluntariamente a memória da independência e da soberania nacional⁷.

Os dois tópicos desse segundo capítulo dedicam-se à compreensão da figura multifacetada de Viriato⁸: o poeta, que transformou a revista *Mensagem* (1951) numa plataforma vital para o recém-nascido movimento que lutava pela fundação de uma literatura genuinamente angolana; e o político, quando junto da *Geração da Mensagem*, une-se para a criação do Partido Comunista Angola (PCA) e, mais tarde, do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), contribuindo para independência não só da cultura, como do povo.

Esses dois universos, apesar de aparentemente distintos, convergem para demonstrar como a poesia e a política estão entrelaçadas na trajetória de Viriato da Cruz, culminando naquilo que se acredita ser o resultado do melhor dos dois mundos que em si habitam: o poeta-político, manifestado na pequena-grande obra *Poemas* (1961, 1974 e 2013), objeto maior do estudo a que ora propõe-se. Considerado a “estrela meteórica que iluminou os céus do

⁶ Evento acadêmico organizado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob coordenação dos professores Francisco Topa, Francisco Soares e Regina Queiroz, em 22 e 23 de junho de 2023.

⁷ Sob orientação que me foi dada pelo Professor/Pesquisador Francisco Soares.

⁸ Baseada em Trigo (1977), Laranjeira (1995), António (1990) e Rocha (2008, 2013).

nacionalismo angolano”⁹, o poeta recria em seis poemas uma fusão bilíngue entre a língua do colonizador (o português europeu) e a língua do colonizado (neste caso, o quimbundo – ou kimbundo – uma das línguas bantas africanas mais faladas em Angola, principalmente no noroeste, que inclui a capital Luanda).

A partir do contato com essa única obra editada do autor, nasce em nós a ânsia de entender o poder que o discurso literário exerceu na união do povo angolano em prol da independência. Como guia teórico-metodológico para esta análise, finca-se principalmente na perspectiva crítica de Norman Fairclough em *Discurso e Mudança Social* (2001) e *Linguagem e Poder* (2001), em que o linguista britânico defende três principais dimensões do discurso: o texto, a prática discursiva e a prática social; e na análise histórica do discurso em práticas sociais opressoras, de Ruth Wodak e Meyer (2001, 2007 e 2010). Nessa proposição, dividiu-se este estudo em três macroetapas: a textual, concebida na **poesia**; a prática discursiva, exercida na retórica **antissalazarista**; e a prática social, quando por resultado do poder emancipatório que o discurso literário é capaz de exercer, culmina na **liberdade**.

Para a análise discursiva, este estudo embasou-se também nas referências gerais sobre a análise do discurso literário proposta por Dominique Maingueneau (1997-2006); além da abordagem da Análise Crítica do Discurso (ACD), preconizada por Fairclough (1989, 1999, 2001, 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999) e Wodak (2001, 2007 e 2010). Destacam-se outras referências de linguistas com ênfase crítica abordada nesta pesquisa, como Magalhães (2005a; 2005b); Resende e Ramalho (2006); e Magalhães, Martins e Resende (2017).

A partir desses fundamentos, inicia-se a investigação pelo texto com o propósito de elucidar questões como estas: Por que as escolhas linguísticas, gramaticais, lexicais, semânticas e sintáticas de Viriato questionam as narrativas eurocêntricas de civilização, desafiam a autoridade colonial, expõem as contradições do Estado Novo, rompem com a materialidade da palavra e engajam o leitor na sua luta? De que forma a representação da oralidade na literatura africana foi capaz de atuar sobre a realidade, evidenciando na linguagem poética uma força transformadora da sociedade?

Na análise da prática discursiva, questiona-se: como em meio ao caos da década de 60, marcada pela dissolução do “Império” e pelo início das guerras em Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, os seis poemas de Viriato se tornaram um convite à ação para o povo angolano? Por que o diálogo com outros textos e discursos se faz

⁹ ROCHA, Edmundo. ANGOLA, Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano, período de 1950-1964, Lisboa; Luanda, Autor; Kilombelombe, 2003, p. 230.

necessário? De que forma a influência de contextos, períodos e tradições literárias distintas trabalham para ampliar o alcance do seu texto?

Finalmente, na terceira e última seção: "Liberdade: a prática social", adentra-se no vasto mundo da ideologia presente nos poemas, uma vez que o poeta – considerado o único e verdadeiro marxista em Angola¹⁰ – no sonho pungente de fazer do seu continente um lugar mais justo e igualitário, utilizou-se dos princípios socialistas do mundo branco para reconstruir as relações de dominação em África.

Dessa forma, como Viriato transgrediu as estruturas hegemônicas de dominação que colocaram a Europa no centro do mundo? De que forma suas personagens femininas desmontam uma lógica patriarcal arquitetada para o benefício do homem? Por que, segundo ele, a visão etarista de progresso é confiada ao jovem quando é na ancestralidade que se encontra força e sabedoria?

Para encontrar essas respostas, os métodos científicos utilizados nesta dissertação de mestrado acadêmico são de inteiro caráter qualitativo, que partem de uma abordagem socio-histórica baseada em pesquisa documental e bibliográfica. Acredita-se, portanto, que sua relevância social reside na lacuna ainda existente na literatura acadêmica, que pouco ou nada atentou-se para a influência da literatura angolana, (principalmente da poesia), em todo o processo de independência, vista por uma perspectiva retórico-linguística que concebe um método de análise possível. Dessa forma, os contributos gerados a partir disso podem enriquecer o debate sobre as lutas pela liberdade, inclusive em outros contextos coloniais, e a compreensão de questões contemporâneas que coadunam a formação da identidade, da cultura e da soberania do continente africano.

¹⁰ Conforme defende Mário António (1990).

2 A IDEOLOGIA COLONIALISTA: face não revelada do Estado Novo Português

Diferimos fundamentalmente dos restantes, porque procurámos sempre unir-nos aos povos com quem entrámos em contacto, não apenas por laços políticos e económicos, mas essencialmente por um intercâmbio cultural e humano no qual lhes demos um pouco da nossa alma e deles absorvemos o que podiam dar-nos.

(Salazar, 1967)

O primeiro capítulo desta pesquisa segue uma proposição lógica que caminha em direção à compreensão da ideologia como um elemento transversal e subjacente ao discurso¹¹, propondo uma análise específica da ideologia colonialista como uma face não revelada do regime de António de Oliveira Salazar durante a Ditadura do Estado Novo Português (1933-1974).

Para isso, é importante ter em vista que depois da independência do Brasil, Angola posicionou-se como a colônia economicamente mais estratégica e lucrativa para Portugal. A venda de escravizados, conforme registros nos documentos da alfândega, mostram que entre 1819 e 1821, sob a governança de Manuel Vieira Tovar de Albuquerque, Angola manteve uma exportação anual de 20 a 22 mil escravizados para o Brasil, gerando cerca de 177 contos de réis em receita. Depois disso, as exportações, focadas principalmente na produção de café, diamante, milho e sisal, somavam 3.189.277 mil escudos. Por ano, eram exportadas cerca de “1.527.725 toneladas de café, 38.904 de açúcar, 6.186 de algodão e 734.324 quilates de diamantes”¹².

Ao mesmo tempo, o fascismo ideológico estava não só crescente, como em domínio de toda Europa; e no caso da Ditadura Salazarista, ainda que seja muitas vezes compreendida como uma ramificação autêntica do fascismo¹³, diferencia-se dos demais países pelo caráter colonialista que agrega às políticas internas e externas como motivação para a construção do então “Estado-Império Luso-Africano”¹⁴.

Após o 25 de abril de 1974, data que marca o fim da Ditadura em Portugal, os debates acadêmico-científicos centraram-se, em sua maioria, na compreensão de como a ideologia fascista foi incorporada na criação e fortalecimento do Estado Novo, uma vez que as discussões se baseavam em duas teses: a primeira, de que foi um regime fascista; a segunda, de que foi um “regime autoritário de direita, mas não propriamente fascista”¹⁵.

¹¹ Com base na *Teoria Social do Discurso* proposta por Fairclough (2008).

¹² Pinto (2019, p. 685).

¹³ Como explicado por Pimenta (2013).

¹⁴ Pimenta (2013, p. 189).

¹⁵ Pimenta (2012, p. 183)

Isso porque em 1986, no congresso intitulado: *O Estado Novo. Das origens ao fim da autarcia*¹⁶, dois investigadores estrangeiros, Stuart Woolf e Stanley G. Payne, chamaram atenção ao defender duas opiniões opostas: o primeiro coloca-o no mesmo campo do fascismo, devido à forte relação de Salazar com Mussolini e Franco, sobretudo ao nível do aparato repressivo, conservador e autoritário. O segundo defende que, apesar de organicista, chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista e anti-operário, o Estado Novo possui, além disso, outros aspectos não exatamente ligados ao fascismo italiano.

Nessa dicotomia, alguns estudiosos portugueses lançaram mão da segunda hipótese, como foi o caso de Fernando Rosas¹⁷, João Medina¹⁸ e Luís Torgal¹⁹, que acreditaram que o Estado Novo foi na verdade o produto da transição da crise económica causada pelo liberalismo na 1.ª República para o capitalismo. Já Manuel Braga da Cruz o concebe como um regime fundamentalmente católico, apesar de oficialmente não ter sido declarado como religião oficial²⁰. Enquanto António Costa Pinto aposta na comparação com outras ditaduras na Europa, o que contribui para o enquadramento do Estado Novo como um regime ditatorial de direita da Europa Meridional, Central e Balcânica²¹.

Por último, destacamos a declaração provocatória do pesquisador francês Jacques Georgel, que o conceitua como o "puro produto da sociedade rural portuguesa do final do século XIX", podendo ser, deste modo, compreendido em cinco palavras: "Deus, Pátria, Autoridade, Família e Trabalho"²².

Para compreender esta proposição, é crucial considerar as raízes do nacionalismo português, que remontam a Era dos Descobrimentos no século XV ao expansionismo das políticas da monarquia no século XIX, intensificadas posteriormente pelo movimento republicano, que enfatizou essa visão como um dos pilares centrais. Outro aspecto importante é a influência da dimensão racial na construção da ideologia colonial do Estado Novo, que ganha força, sobretudo, durante a Segunda Guerra Mundial ao defender a então existência de

¹⁶ AA.VV. *O Estado Novo. Das origens ao fim da autarcia, 1926-1959* (2 volumes). Lisboa: Fragmentos, 1987. Veja-se também WOOLF, Stuart. *European Fascism*. Londres: 1968.

¹⁷ ROSAS, Fernando. *O Estado Novo nos Anos Trinta. Elementos para o estudo da natureza económica e social do salazarismo (1928-1938)*. Lisboa: Estampa, 1986; ROSAS, Fernando. *Portugal entre a Paz e a Guerra. Estudo do impacte da Segunda Guerra Mundial na economia e na sociedade portuguesas (1939-1945)*. Lisboa: Estampa, 1990.

¹⁸ MEDINA, João. *Salazar em França*. Lisboa: Ática, 1977; MEDINA, João. *Salazar e os fascistas*. Lisboa: Bertrand, 1978.

¹⁹ TORGAL, Luís Reis. *Estados Novos, Estado Novo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

²⁰ PINTO, António Costa. *O salazarismo e o fascismo europeu*. Lisboa: Estampa, 1992.

²¹ CRUZ, Manuel Braga. *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*. Lisboa: Pre-sença/GIS, 1980.

²² GEORGE, Jacques. *Le Salazarisme - Histoire et bilan*. Paris: 1981.

uma hierarquia natural entre diferentes grupos étnicos, embasados e respaldados, inclusive, por argumentos científicos e pela etnologia.

Contudo, o peso da raciologia na configuração do colonialismo nas décadas de 1930 e 1940 é tímido quando comparado às transformações sociais por ele causado, assim como a influência dessas noções de raça que repercutiram nos âmbitos identitário, ideológico e também jurídico.

Dito isso, tomando como ponto de partida a perspectiva teórica de Pimenta (2010, 2013), Pinto (2019), Salvato Trigo (1977) e Castelo (1998), buscou-se analisar nas subseções a seguir os elementos ideológicos muitas vezes subestimados na historiografia portuguesa, que apontam para a presença marcante da ideologia colonialista no cerne do regime salazarista²³, fundamentalmente contrastante com o totalitarismo em outras nações europeias que pouco ou nada se interessavam pela colonização. Para isso, julgou-se necessário primeiro compreender no subcapítulo a seguir o que foi o Estatuto do Indigenato, o decreto que dividiu a população africana em civilizados e indígenas.

2.1 CIVILIZADOS x INDÍGENAS: a *Biopolítica* de Salazar

Indivíduos de raça negra ou os seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente na Guiné, Angola e Moçambique, não possuam ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses.

(Estatuto do Indigenato, 1954)

O princípio da dimensão colonialista como ideologia do Estado Novo Português tem como marco a instituição do Decreto-lei n.º 3966, de 20 de maio de 1954, com o Estatuto do Indigenato²⁴, que consagra oficialmente a segregação racial na administração das colônias africanas, dividindo a população em dois grupos amplamente distintos: os civilizados, que eram os cidadãos, e os indígenas, “que não possuíam ainda a instrução e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a aplicação integral do direito público e privado dos cidadãos portugueses”²⁵.

²³ PIMENTA, Fernando Tavares. Portugal e o Século XX. Estado-Império e Descolonização, 1890-1975. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

²⁴ Ministério das Colónias - Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique, Decreto n.º 12.533, de 23 de outubro de 1926; Ministério do Ultramar - Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique, promulgado por decreto-lei n.º 39.666, de 20 de Maio de 1954.

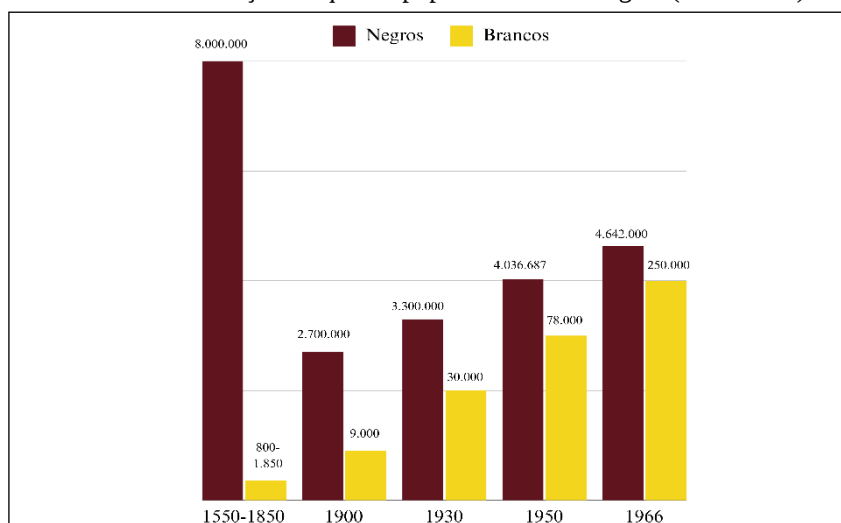
²⁵ Artigo 56, cláusula 5, do decreto acima referido.

Essa legislação estabelecia um conjunto de regras que oficialmente colocavam as colônias sob um estatuto legal inferior aos direitos dos colonos brancos, conferindo-lhes uma posição privilegiada com direitos civis e políticos mais amplos. Além disso, o Estatuto autorizava o governo português a intervir em qualquer instância, o que era refletido não somente na exploração inesgotável dos recursos naturais e do trabalho forçado, como nas restrições legais em termos de mobilidade, acesso à educação e, principalmente, à propriedade de terras.

Dessa forma, “os brancos, só porque eram brancos, eram classificados automaticamente como civilizados, enquanto os pretos (e até certo ponto os mestiços) tinham de provar a sua civilização por meio de testes estabelecidos pelas autoridades coloniais e, se fossem aprovados, tornar-se-iam assimilados”²⁶.

Antes de entender o que, na prática, essa divisão significava, chama-se atenção para o “embranquecimento” da população de Angola ao longo dos anos do tráfico transatlântico de escravizados. Os angolanos, levados para as Américas e, em menor parte, para Europa, despovoaram Angola gradativamente, enquanto os brancos cada vez mais ocupavam seu território²⁷. Os números apresentados a seguir, embora discutíveis a nível quantitativo, servem para demonstrar a evolução do quadro populacional angolano:

Gráfico 1 - Evolução do quadro populacional em Angola (1550-1966)



Fonte: Elaborado pela autora²⁸

O “valor social” que teria a classificação das raças da Guiné, Moçambique e Angola como indígenas, principalmente nos “fatores de criminalidade nas colônias”, era pautado a

²⁶ Pimenta (2013, p. 190).

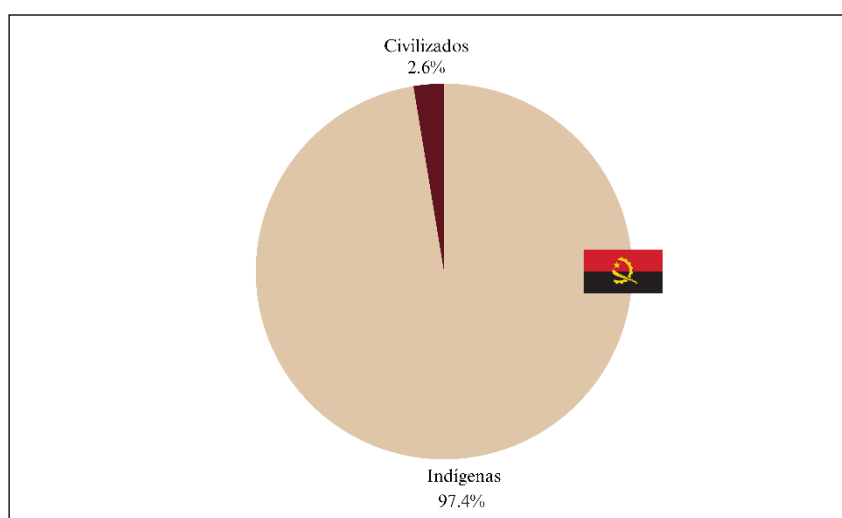
²⁷ Pinto (2019, p. 685).

²⁸ Estes dados foram extraídos e interpretados a partir da compilação das obras de Boavida (1967), Mourão (1978), Pinto (2019) e no Censo de Angola (1950). Observa-se que mesmo nestes estudos, os números referem-se a uma média aproximada, devido ao acesso remoto às informações demográficas daquele período em Angola.

partir da “dosagem de melanina nas suas epidermes ou da medição dos seus crânios, dos seus membros, do seu tórax, e mesmo das suas partes genitais”²⁹. Nessa altura, as línguas africanas já “havam sido proibidas na escola, a censura instala-se, as associações de homens de cor que visavam, principalmente, à difusão do ensino entre os irmãos de raça, passam a ser mal vistas, quando não perseguidas”³⁰.

Para uma população de mais de 4 milhões de habitantes, havia em torno de 150 mil civilizados, como é possível visualizar no Gráfico 2:

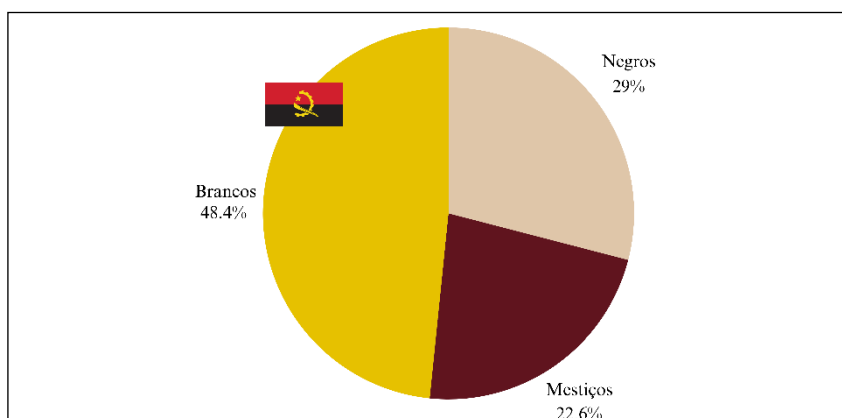
Gráfico 2 - Divisão racial da população geral de Angola em 1954



Fonte: Elaborado pela autora com base em Trigo (1977)

Da população civilizada, 75 mil eram brancos, 45 mil negros e 30 mil mestiços, conforme demonstra o quadro a seguir:

Gráfico 3 - Divisão racial da população civilizada de Angola em 1954



Fonte: Elaborado pela autora com base em Trigo (1977)

²⁹ Pinto (2019, p. 667).

³⁰ Mourão (1998, p. 26).

Os civilizados na categoria branca eram em sua maior parte de origem portuguesa, contudo, para não restar quaisquer hipóteses que ameaçasse contaminar a raça pura³¹, foram também distinguidos entre o branco natural nascido em Portugal e o branco *euro-africano*, nascido na colônia. O segundo, obviamente, não gozava dos mesmos direitos que o primeiro, “sendo notória a existência de discriminação na escola e no local de trabalho, ao ponto de serem preteridos na administração colonial a favor dos metropolitanos”³².

O decreto ainda previa quais as condições para evolução do estatuto de indígena para o de civilizado³³, sendo elas:

- 1) Ter mais de 18 anos;
- 2) Falar corretamente o português;
- 3) Exercer uma profissão ou possuir bens para assegurar o sustento próprio e o da família;
- 4) Ter bom comportamento e ter adquirido a instrução e os hábitos pressupostos para a aplicação integral do direito público e privado português;
- 5) Não ter sido refractário nem desertor ao serviço militar.³⁴

E com isso surge o questionamento: “como poderia o indígena aceder ao escalão de civilizado?”³⁵. Tendo tudo isso em vista, fica claro que o sistema jurídico-social português era eminentemente *bio-político*³⁶. Os muitos argumentos raciais cada vez mais introduziam “elementos de desagregação identitária e de oposição política na sociedade colonial, no quadro de uma lógica institucional caracterizada pelo velho princípio romano do *divide et impera*”³⁷

Entretanto, se para cada ação haverá uma reação, foi assim que essa lógica segregadora contribuiu também para o surgimento de identidades e movimentos políticos de caráter reativo ao colonialismo português, evidenciando a partir disso “a formação de uma corrente nacionalista euro-africana favorável à independência da colônia”³⁸.

É assim que em 28 de agosto de 1961, após o início da guerra em Angola, que o então Ministro do Ultramar, Adriano Moreira, vê-se obrigado a manifestar “a intenção do governo português de acabar com esse estatuto e de proclamar a igualdade de direitos entre europeus e autóctones”³⁹, como lê-se nos autos do Decreto que revoga o Estatuto:

O problema do Estatuto dos Indígenas assume grande relevância na conjuntura política actual, e porque tal diploma nem sempre tem sido entendido de modo a fazer-

³¹ Ver CORREIA, António Augusto Mendes. *Raças do Império*. Porto: Portucalense, 1943

³² Pimenta (2013, p. 191)

³³ Artigo 56 do decreto-lei n.º 39.666, de 20 de maio de 1954.

³⁴ Trigo (1977, p. 11)

³⁵ Idem, p. 12.

³⁶ Ver FOUCAULT, Michel. *Nascita della biopolitica* (curso al Collège de France anni 1978-1979). Milano: Feltrinelli, 2005.

³⁷ Pimenta (2013, p. 191)

³⁸ Pimenta (2013, p. 191)

³⁹ Trigo (1977, p. 12).

se justiça às razões e intenções que o determinarem, há vantagem nalgumas considerações sobre os motivos que deram origem à já tradicional existência, no direito português, de um diploma que especialmente se ocupasse da situação jurídica dos chamados indígenas.⁴⁰

Além da revogação, outras medidas também foram tomadas, como a regulamentação da ocupação e concessão de terras, a organização das regedorias nas províncias ultramarinas, a criação dos Institutos do Trabalho, Previdência e Ação Social de Angola e de Moçambique, o Código do Trabalho Rural e a criação do Espaço Económico Português de livre circulação de mercadorias, capitais e pessoas⁴¹.

Contudo, o discurso meritocrático e de autovalorização do português e do ‘seu modo de estar no mundo’ permanece intacto, deixando claro que, embora revogado esteja, o Estatuto do Indigenato foi uma contribuição ímpar que os portugueses, no contato que tiveram de manter com “os povos mais diversos e de maior contraste cultural ou étnico, serviu de guia a outros governos e instituições que, confrontados com problemas de ordem idêntica ou semelhante, buscaram na legislação portuguesa as fontes mais evidentes da sua própria legislação”⁴².

Em primeiro lugar deve salientar-se a tradição portuguesa de respeito pelo direito privado das populações que foram incorporadas no Estado a partir do movimento das descobertas e a quem demos o quadro nacional e estadual que desconheciam e foi elemento decisivo da sua evolução e valorização no conjunto geral da humanidade. [...] Mas foi sobretudo a implantação do conceito de Estado, a que eram alheios o território aonde, sem violência, se estendeu a soberania portuguesa, que levou a formular lentamente um conjunto de disposições que depois viriam a ser sistematizadas no Estatuto dos Índigenas. Dispersa a Nação por todos os continentes, entrando em contacto com as mais variadas gentes e culturas, acolhendo a todos com igual fraternidade, foi necessário estabelecer um conjunto de preceitos que traduzissem a ética missionária que nos conduziu em toda a parte com fidelidade à particular maneira portuguesa de estar no Mundo.⁴³

Esse discurso, que em nada se autoculpabiliza, prenuncia uma nova fase da tentativa de perpetuar a ideologia colonialista, mas dessa vez disfarçada, ao passo em que a reputação de Portugal nos holofotes do mundo pós-guerra estava cada vez mais crítica, forçando o Estado-Império a mudar a rota e agir diante da pressão externa para a autodeterminação das colônias. Inicia-se então a era do Ultramar, em que as colônias passam agora a denominar-se “províncias ultramarinas”, analisadas na seção seguinte.

⁴⁰ Decreto-lei 43893, de 6 de setembro, revoga o Decreto-Lei n.º 39666, que promulga o Estatuto dos Índigenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique.

⁴¹ Castelo (2013, p. 454).

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

2.2 MUDANÇA DE ROTA: o integracionismo das ‘Províncias Ultramarinas’

Chegou a hora em que é preciso escolher entre o Portugal conservador, racista, europeu, faminto de sociedade de consumo e o Portugal do Futuro, aliado natural do Terceiro Mundo, construindo-se na fraternidade das raças, na integração das culturas, na descoberta do Homem Novo. Numa palavra: a luta entre o Portugal que é e o Portugal que pode ser.

(Fernando Pacheco de Amorim , 1970)

Em 11 de junho de 1951, a Lei n.º 2048 suprime o Ato Colonial que salvaguardava o Império Colonial Português e incorpora na Constituição Portuguesa o *Ultramar Português*, momento que Portugal legalmente deixa de possuir colônias, que passam a ser denominadas *províncias ultramarinas*. Uma vez que “o Direito à Autodeterminação deveria ser estendido a todos os povos colonizados, nomeadamente aos Asiáticos e Africanos”⁴⁴, essa supressão foi uma manobra de Salazar para ludibriar as atenções internacionais, nomeadamente da Organização das Nações Unidas, deturpando a existência de territórios não autônomos sob administração portuguesa, ação que resultou na admissão de Portugal na ONU em 1955⁴⁵.

Desse modo, o discurso do Estado Novo passa a afirmar solenemente, com argumentos jurídicos e de caráter constitucional, que o “Portugal do Minho ao Timor” tinha nas “províncias ultramarinas” parte essencial do seu território⁴⁶, fazendo com que internamente as instâncias mais conservadoras do Estado confluíssem para a criação de uma corrente doutrinária colonialista denominada de *integracionista*⁴⁷, que rejeitava qualquer manifestação de autonomia das antigas colônias e propunha, no lugar, a integração da metrópole portuguesa com suas províncias.

Nessa nova fase da ideologia colonial, é colocada uma “grande ênfase na constituição de sociedades multirraciais no ultramar, através do incremento da fixação de naturais da metrópole”⁴⁸, representada no decreto que cria as Juntas Provinciais de Povoamento de Angola e Moçambique, que afirma estar

na base não só da valorização económico-social de territórios e gentes, como da real elevação destas e a integração com os elementos étnicos alienígenas na pátria comum,

⁴⁴ Pinto (2019, p. 687), com base na Carta das Nações Unidas, assinada em São Francisco (EUA), em 26 de junho de 1945.

⁴⁵ Pimenta (2013).

⁴⁶ MAGALHÃES, José Calvet de Portugal e as Nações Unidas. A Questão Colonial (1955-1974). Lisboa: Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, 1996.

⁴⁷ Pimenta (2013).

⁴⁸ Castelo (2007, p. 135).

naquela harmoniosa comunidade multirracial que tradicionalmente nos temos proposto e esforçado por criar.⁴⁹

O decreto faz ainda alusão ao Brasil como sendo o fruto dessa interação multirracial e o grande exemplo de que os benefícios socioculturais dessa integração ecumênica são capazes de proporcionar

na base da sua concepção estará sempre a realização da vocação ecumênica do povo luso, a traduzir-se na criação de comunidades plurirraciais plenamente integradas e estáveis, síntese harmónica de valores culturais de variada origem, e de cuja fecundidade na formação de novas civilizações tropicais de singular riqueza se tem apontado o Brasil como o exemplo mais acabado e eloquente.⁵⁰

Por último, afirma com veemência que os povos em África só terão paz e liberdade com a consolidação “das comunidades multi-raciais que, no decurso da idade moderna, só os povos de raiz peninsular se mostraram capazes de gerar, talvez porque fruto, eles próprios, da confluência e harmoniosa fusão de culturas e etnias de bem diversa origem”⁵¹.

Nessa conjuntura, surge um dos principais incentivadores dessa doutrina, o professor universitário Fernando de Pacheco Amorim⁵², que fomenta na Assembleia Nacional e na própria administração interna do governo de Salazar inúmeras convergências, como foi o caso da forte oposição à proposta do ministro Adriano Moreira (1961-1962) de libertar gradualmente as províncias; e também da reforma proposta por Marcello Caetano de modernizar e reformar Angola, Moçambique, Guiné Bissau e Cabo Verde, julgando-o como “traidor da pátria”⁵³.

O líder integracionista, em uma carta aberta⁵⁴ dirigida a Marcello Caetano, elabora um panorama das três frentes políticas da Assembleia Nacional: uma que defende o integracionismo radical; outra que advoga pelo abandono a prazo das províncias ultramarinas; e outra que cede por completo à pressão internacional e apoia o abandono imediato da África portuguesa. Contudo se, na opinião do professor, o integracionismo é a solução de maior contributo ao interesse nacional, para outros, é a maior razão do princípio do fim do Império Luso Africano. Isso porque os integracionistas radicais bloquearam qualquer solução política que implicasse na autonomia das antigas colônias, impedindo a reforma das estruturas político-administrativas do Estado colonial e contrariando as expectativas da política externa; o que acaba por minar o próprio governo ao passo em que nem conseguiam solucionar a guerra

⁴⁹ Decreto n.º 43895, de 6.9.1961, publicado no Diário do Governo, 1.ª série, n.º 207, de 6.9.1961, p. 1128.

⁵⁰ Idem, p. 1129.

⁵¹ Idem, p. 1130.

⁵² Tendo escrito alguns livros teóricos sobre a doutrina integracionista e sua importância: Três caminhos da política ultramarina. Coimbra: Ed. do Autor, 1962; AMORIM, Fernando Pacheco do. Unidade ameaçada: o problema ultramarino. Coimbra: F. Amorim, 1963; AMORIM, Fernando Pacheco do. Na hora da verdade: colonialismo e neo-colonialismo na proposta de lei de revisão constitucional. Coimbra: Ed. do Autor, 1971.

⁵³ Pimenta (2013, p. 193).

⁵⁴ Publicada pelo *Diário de Lisboa* em 22 de Outubro de 1969.

colonial que tomava proporções cada vez maiores, nem convenciam os agentes internacionais de que Portugal caminhava para a descolonização.

Em detrimento dos fatos, os integracionistas tiveram um peso importante na definição das políticas do regime salazarista nas décadas de 1950, 1960 e 1970, “condicionando no seu todo a evolução da ditadura. Por isso, o estudo dessa corrente é indispensável para a obtenção de um conhecimento mais estruturado sobre o Estado Novo, a sua natureza ideológica e os grupos e correntes políticas que lutaram pela hegemonia dentro da própria ditadura”⁵⁵

A “integração nos trópicos”⁵⁶ que evocou um cenário retórico que influenciava e justificava a doutrinação integracionista, ganha um enorme aliado: um movimento ideológico nascido no Brasil – não exatamente depois dessa fase, mas durante – que se revela como a carta na manga que faltava para fortalecer o projeto do Império de Salazar: o chamado *luso-tropicalismo*. Desse modo, considera-se importante compreender de que forma esta ferramenta de manipulação ideológica mascarou, mais uma vez, as reais relações estabelecidas entre o colonizador e o colonizado?

2.3 O LUSO-TROPICALISMO: ferramenta retórica de manipulação ideológica

Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesas, a Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura.

(Gilberto Freyre, 1940)

Criada pelo sociólogo e escritor brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), a Teoria do Luso-Tropicalismo, em princípio, não surgiu com essa exata nomenclatura, tampouco com a finalidade de se tornar uma teoria, sendo pela primeira vez concebida em “um dos livros que inventaram o Brasil”⁵⁷, o clássico *Casa Grande & Senzala* (1933), que mais tarde assume as rédeas da narrativa em *O mundo que o português criou* (1940). É assim que um conjunto de ideias sobre a romantização da miscigenação e uma possível harmonia racial nas colônias portuguesas, ultrapassa as linhas da ficção literária e transforma-se em uma das principais estratégias retórico-políticas que fortaleceram o projeto colonial do Império Luso-Africano⁵⁸.

⁵⁵ Pimenta (2013, p. 194).

⁵⁶ Pinto (2019, p. 689).

⁵⁷ Título de um artigo do sociólogo brasileiro Fernando Henrique Cardoso sobre as obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. (Fernando Henrique Cardoso, “Livros que inventaram o Brasil”, in *Novos Estudos - CEBRAP*. 37, nov. 1993, pp. 21-35).

⁵⁸ Pinto (2019).

Apesar de ainda escassa, a historiografia sobre a influência do luso-tropicalismo de Freyre no discurso do Estado Novo foi matéria de estudo para Claudia Castelo⁵⁹, que ao elaborar uma espécie de arqueologia da vida e da obra do sociólogo brasileiro, compreendendo a sua grande importância na introdução do povo africano na formação da sociedade brasileira, também explica como a visão romântica da miscigenação foi instrumentalizada nas mãos de Salazar:

Gilberto Freyre pertence a uma geração de intelectuais latino-americanos apostados em reabilitar os nativos e os crioulos, bem como as tradições culturais nacionais e regionais. [...] É o primeiro autor a popularizar e a legitimar a noção de que os africanos deram um contributo positivo na formação da sociedade brasileira; introduz novos métodos nas ciências sociais, recorre a fontes até aí desprezadas, trata temas que ainda não tinham alcançado «estatuto científico», pratica a interdisciplinaridade; adapta conhecimentos da sua formação europeia e norte-americana para criar um novo entendimento da sua cultura nacional: «estrutura e revela alguns mitos básicos do Brasil», nomeadamente o da democracia racial.⁶⁰

Entretanto, a partir da década de 1930, essa noção preconizada por Freyre de que o Brasil era um país culturalmente miscigenado e resultado do cruzamento de muitas nações e etnias, tendo Portugal quase como o grande intermediador deste processo, passou a configurar-se como uma “ideologia não oficial do Estado, mantida acima das clivagens de raça e classe e dos conflitos sociais”⁶¹.

O sucesso da colonização portuguesa nos trópicos, segundo Gilberto Freyre, só foi sistematicamente possível por mérito do próprio povo português, que com o suor do trabalho e o pensar da mente deslocou de um continente para o outro os africanos para lavoura; o mesmo povo que ao invés de desencorajar-se ao não encontrar riquezas imediatas, orientou-se para a agricultura, contraditando a vocação mercantil de outros impérios, inclusive, maiores e mais ricos. O mesmo povo que na ausência da mulher branca, em uma imersão “sem preconceitos”⁶², deitou-se prontamente com mulheres de cor, fazendo nascer disso um dos maiores países do mundo,

[...] de formação portuguesa é a **primeira sociedade moderna** constituída nos trópicos com características nacionais e **qualidades de permanência**. Qualidades que no Brasil madrugaram, em vez se retardarem, como nas possessões tropicais de ingleses, franceses e holandeses. Outros europeus, estes brancos puros, dólico-louros habitantes de clima frio, ao primeiro contato com a América equatorial sucumbiram ou perderiam a energia colonizadora, a tensão moral, a própria saúde física, mesmo as mais rija, como os puritanos colonizadores de *Old Providence*, os quais, da mesma

⁵⁹ Autora do livro *O modo português de estar no mundo. O Luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa* (1933-1961). Porto: Edições Afrontamento, 1998.

⁶⁰ Castelo (1998, p.18 e 19).

⁶¹ Extraído do livro de Lília Moritz Schwarcz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 248.

⁶² FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, p. 56, 1933.

fibra que os pioneiros da Nova Inglaterra, na ilha tropical se deixaram espapaçar nuns dissolutos e moleirões. Não foi outro resultado da emigração de loyalistas ingleses da Geórgia, e de outros novos Estados da União Americana, para as ilhas Bahamas, - duros ingleses que o clima tropical em menos de cem anos amolegou em '*poor white trash*'. **O português, não;** por todas aquelas predisposições de raça, de mesologia e de cultura a que nós nos referimos, não conseguiu vencer as condições de clima e solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora, unindo-se com **mulher de cor...** O colonizador português **foi o primeiro**, de entre os colonizadores modernos, a deslocar a base da colonização tropical da pura extração de riqueza mineral, vegetal ou animal – o ouro, a prata, a madeira, o âmbar, o marfim, - para a criação local de riqueza (grifos nossos).⁶³

É nesse imbróglio que se constrói uma imagem de Portugal e dos portugueses, criando no imaginário coletivo uma atmosfera positiva, fraterna, humana, tolerante, ausente de preconceitos raciais, como uma habilidade única que os portugueses possuíam de conviver com diferentes povos e culturas, tendo na miscigenação o resultado simplório deste processo⁶⁴.

Essa noção, frequentemente referida naquela altura como “o modo português de estar no mundo”, foi rapidamente usurpada pelo discurso do Estado Novo e pela própria memória coletiva, como se revela em uma das entrevistas que Salazar concedeu à imprensa internacional, no intuito de cativar a opinião pública, acentuando o “pendor natural [dos portugueses] para os contactos com outros povos, contactos de que sempre estiveram ausentes quaisquer conceitos de superioridade ou discriminação racial”⁶⁵.

Apesar de contraditório, é importante destacar que, inicialmente, as ideias que Freyre conferia à mestiçagem dos povos e etnias, sugerindo uma impossibilidade biológica de existir um purismo étnico, refletido na própria constituição do povo português que tem na sua gênese a herança árabe, africana e europeia, não agradou à primeira vista a ideologia colonial⁶⁶ do Estado Novo, que era naquele período extremamente influenciado pelo darwinismo social⁶⁷.

Contudo, a afirmação de que “Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesas, a Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade [transnacional ou supranacional] de sentimento e de cultura”⁶⁸, tornou-se uma narrativa muito conveniente para Salazar diante do desencadeamento do processo de descolonização que começa a ganhar força em África, na tentativa de reunir argumentos que justificassem científica e sociologicamente a autarquia do Império.

⁶³ FREYRE, Gilberto. O Mundo que o Português Criou. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 14 e 15.

⁶⁴ Castelo (1998).

⁶⁵ Castelo (1998).

⁶⁶ Pinto (2019, p. 687), com base na Carta das Nações Unidas, assinada em São Francisco (EUA), em 26 de junho de 1945.

⁶⁷ Trecho da entrevista concedida à revista norte-americana *Life*, de Nova Iorque (4 de maio de 1962).

⁶⁸ FREYRE, Gilberto. O Mundo que o Português Criou. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p.14

Ao que antes parecia absurdo, foi em 1967 citado por Salazar, afinal, os portugueses sequer saberiam outra forma de estar no mundo: “porque foi num tipo de multirraciedade que, há oito séculos, nos formámos como nação, no termo de diversas invasões, oriundas do Oriente, do Norte e do Sul, isto é, da própria África”⁶⁹.

Mas foi a partir da década de 50⁷⁰, diante das pressões internacionais pós-holocausto favoráveis à autodeterminação das nações, que ocorreu um esforço retórico massivo de colocar o ideário luso-tropicalista ao serviço dos colonos. A apropriação discursiva de uma versão instrumentalizada do luso-tropicalismo foi galardoada em todas as instâncias: da política externa à mobilização interna, pois a “nação pluricontinental e multirracial do Minho a Timor”⁷¹ começa a ter o seu futuro imperialista ameaçado, pois inicia no continente africano a guerra colonial.

Ao perceber o promissor caminho que tomava seu discurso, Freyre publica outros três livros que estenderam suas teorias aplicadas ao Brasil para as colônias em África, especialmente em Angola. *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* (1953), *Integração Portuguesa nos Trópicos* (1958), *O Luso e o Trópico* (1961) e, especialmente em *Aventura e Rotina* (1953), Angola aparece como uma extensão de um Portugal islamizado, comparando Angola a uma “moura encantada”⁷².

Sua abordagem controversa sobre as mulheres angolanas, tal como as brasileiras, idealizava e sexualizava a “mulata de pele clara”, filha de pai português, como um paradigma. Como se não bastasse, Gilberto Freyre supervalorizava a educação católica e a procriação com homens portugueses como critérios de valor, enquanto negligenciava completamente a discussão sobre homens mestiços, que não se encaixavam em sua narrativa de “limpeza racial” nas colônias⁷³.

Após encerrar a contextualização política e social que se fez necessária, compreende-se o papel exercido pela ideologia colonialista como um elemento inerente a todo o processo discursivo que ganha destaque na obra de Viriato da Cruz. Parte-se, agora, para a segunda parte desta tese, que direciona os olhares à realidade angolana que se reescreve a partir de um movimento literário: “Vamos Descobrir Angola!”, o grito coletivo que deu origem a Viriato.

⁶⁹ Trecho da entrevista concedida à revista *Life* (1962).

⁷⁰ *Life* (1962).

⁷¹ Conforme contextualização de Castelo (1998).

⁷² Pinto (2019, p. 691).

⁷³ Idem.

3 “VAMOS DESCOBRIR ANGOLA!”: o grito que fez nascer Viriato da Cruz

Grito patético este de quem, sendo de Angola e estando em Angola, propõe a sua descoberta! Patético sim, mas só na aparência, já que, na realidade, ele correspondeu ao desejo mais querido e à necessidade mais premente do homem angolano de se reencontrar consigo mesmo.

(Salvato Trigo, 1977)

Após uma “abertura decisiva de possibilidades democráticas para os povos do mundo inteiro”⁷⁴ com o fim da II Guerra Mundial, os ventos de ligeira liberdade em Portugal e colônias fizeram nascer uma inquietude cultural que se materializa na criação do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), cujo lema fazia o convite: “Vamos Descobrir Angola!” É aqui que ao lado de outros escritores angolanos⁷⁵ surge Viriato da Cruz, na liderança do que ele acreditava ser a primeira grande tentativa de “angolanizar Angola”⁷⁶, por revelar o princípio da luta travada contra a europeização da cultura africana.

O movimento nasceu a partir da Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), (em quimbundo, ANA+NGOLA = filhos de Angola), que organizou a primeira manifestação coletiva de poesia moderna angolana: a *Antologia dos novos poetas de Angola*, um “modesto caderno artesanal, [...] que incluía alguns dos poetas que haveriam de rasgar veredas autonomistas para a literatura angolana: António Jacinto e Viriato da Cruz, os mais representativos”⁷⁷; e que seria a mesma que albergaria, em 1951, a iniciativa da revista *Mensagem*.

Mas para continuar a contar essa história⁷⁸, é preciso pular alguns capítulos do tempo e considerar a motivação que leva Viriato a idealizar o Movimento – em princípio, literário – descrita na carta inédita que só em 1952 escreve a poetisa moçambicana Noémia de Souza: um documento revelador e determinante para tudo o que viria a seguir, “tanto pelo estilo comedido e elegante”, mas também (ou principalmente) “pela profundidade e acutilância da análise marxista da sua visão sobre a sociedade angolana”⁷⁹:

[...] Mas quem deverá aniquilar os restos das infraestruturas das economias escravagistas e feudal? A economia capitalista. Assim, para aquele efeito, deve-se desejar o desenvolvimento das forças produtivas da economia capitalista. Mais, é

⁷⁴ LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Universidade Aberta: Lisboa. (1995, p. 70).

⁷⁵ Higinio Aires, António Jacinto, Mário António, Tomás Jorge, Maurício Gomes, Ermelinda Xavier, Leston Martins e Humberto da Silva, como descreve Rocha, Soares e Fernandes (2023, p. 114).

⁷⁶ *Viriato da Cruz – o Homem o Mito*, de Rocha, Soares e Fernandes (2023).

⁷⁷ Laranjeira (1995, p. 70).

⁷⁸ No subcapítulo seguinte: *A MENSAGEM ANGOLANA: o poeta* (Ver página: 29)

⁷⁹ Documento da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, consultado através da colaboração dos pesquisadores Francisco Soares e Anabela Silveira: ANTT, PIDE, Proc.º Viriato da Cruz, n.º 1153/51, doc. 479-489 (ver anexo).

preciso que as super estruturas do regime capitalista - as opiniões políticas, jurídicas, religiosas, artísticas, filosóficas da sociedade capitalista e as instituições [...] desenvolvam. É desejável o desenvolvimento da economia capitalista em Angola, um capital angolano [...] é preciso criar uma "elite capitalista" angolana.⁸⁰

Viriato, ao referir-se com tanta clareza e veemência à criação de um capital angolano, revela um conhecimento amplo do que representaria o capitalismo na sociedade angolana no momento e da forma como estava, e afirma: “uma elite capitalista significa aumento e melhor definição do campo da pequena burguesia e do proletariado”. Por outro lado, demonstra plena consciência de que isso não significaria que os preconceitos raciais desapareceriam “por uma verbosa atividade moral, mas sim pela união na vida dos negros e dos brancos. Só havendo concretos interesses comuns [...] é que os brancos e os negros se poderão unir na luta pela construção de uma sociedade de Homens”⁸¹.

No avançar da carta, o poeta explica a Noémia de que aderir ao capitalismo, naquele momento, era estrategicamente necessário, uma vez que “não pode existir um proletariado sem um capital”. Reforça ainda que, embora o objetivo fosse chegar a etapa socialista, “não se chega nunca a ela sem passar primeiro pela anterior: a capitalista”⁸²:

A formação da elite capitalista angolana [...] não constitui ponto intrínseco da nossa luta. Aquela é um encargo histórico das classes dominantes, actuais donas dos instrumentos de produção. Nós somos a antítese dessas classes e, como tal, temos de nos realizar cumprindo a nossa grande e bela missão histórica. A nossa luta deve consistir no trabalho árduo, quotidiano e difícil, pela consciencialização da massa oprimida, de que participamos.⁸³

Finaliza ainda com algumas indagações que só quem compreende o exato modelo organizacional imbricado no socialismo ideológico leninista é capaz de o fazer:

Eu pergunto: e se o capital angolano se desenvolver subordinado ao capital financeiro estrangeiro, o imperialismo (definição de Lenine)? Não é verdade que os americanos já vêm explorando o nosso manganês, o petróleo e outras riquezas minerais? Não é verdade que estes factos pioram a nossa situação económica e aumentam a nossa dependência?... Não é verdade que isso implicará ainda a exportação para o estrangeiro das nossas riquezas produzidas pelo trabalho e a miséria do nosso povo? [...] Isso grita o dever de unirmos os nossos esforços à luta que, no exterior, se trava contra o escravizante imperialismo capitalista.⁸⁴

A análise sociopolítica, que Viriato da Cruz endereça à poetisa moçambicana, tem como inspiração muitas leituras provenientes de Portugal e Brasil⁸⁵, que assim como suas próprias

⁸⁰ ANTT, PIDE, Proc.º Viriato da Cruz, n.º 1153/51, doc. 479-489 (ver anexo)

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Conforme contextualização de Soares (2023, p. 117)

inferências, concorda de que as únicas organizações políticas capazes de defender o progresso da população oprimida estavam representadas pelos partidos de inspiração marxista, que tinham na classe operária o escudo desta luta, imbuída de um ideal proletário que precisava urgentemente ter em Angola uma aliada.

Esta carta representa o registro do início das articulações político-partidárias que só se tornam possíveis graças à missão literária de descobrir Angola. Em 1955, a proposta de Viriato sai do papel e junto de Ilídio Machado, António Jacinto e Mário António, é fundado o Partido Comunista Angolano (PCA). É assim que se chegou ao então questionamento desenvolvido no decorrer deste capítulo: Viriato foi um poeta? Um político? Ou um poeta-político?

3.1 A MENSAGEM ANGOLANA: o poeta

O Negro aparece aqui e pela primeira vez na poesia de Angola, como um ser normal, sem os mistérios psicológicos, absolutamente idêntico aos outros homens. **Viriato** não mistifica; como artista que é, em busca do belo e da verdade, observa a sua raça, indica-lhe caminhos, aponta-lhe soluções, mas, sempre que necessário, vergasta-lhe as costas.

(Filinto de Menezes, 1949)

O objetivo de constituir uma literatura puramente angolana que denunciase as condições sub-humanas dos musseques⁸⁶ e reivindicasse a criação de uma cultura nacional completamente autônoma do purismo europeu, consegue finalmente legitimar um movimento intelectual unicamente baseado na angolanidade com a publicação do primeiro número da revista *Mensagem* (1951). Apesar de já ter havido, em 1950, uma primeira tentativa com a publicação da Antologia dos Novos Poetas de Angola, que inquestionavelmente foi um “primeiro referencial”, só a *Mensagem* vai fornecer “a plataforma definitiva a este movimento”⁸⁷.

Destaca-se, neste processo, o apoio irrestrito de outras esferas não exatamente ligadas à questão colonial, quando uma “agremiação africanística, nativista, na linha herdada dos jornalistas, polemistas e literatos de Oitocentos”⁸⁸ passou a incentivar a *Mensagem*, tornando-a “um órgão cultural paradigmático da angolanidade, que marcou uma época e influenciou todas as futuras realizações no campo cultural e organizacional”⁸⁹.

⁸⁶ Bairros periféricos de Luanda.

⁸⁷ MARGARIDO, Alredo. Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa. A Regra do Jogo, 1980. p. 116.

⁸⁸ Laranjeira (1995, p. 71).

⁸⁹ Idem.

E foi então que a partir deste fundamento coletivo e associativo, a primeira edição é publicada em 1951, incluindo, entre outros textos literários e informativos, os que se destacaram:

- dois textos de apresentação, intitulados «**Primeiros passos...**» e «**O nosso programa**», aquele em jeito de editorial e este último, como se depreende, de carácter programático;
- os poemas «**Mamã negra**» e «**Namoro**», de **Viriato da Cruz**;
- o poema «**Desfile de sombras**», de **Agostinho Neto**;
- a primeira parte de «**Questões de linguística bantu**», de **Mário de Andrade**.⁹⁰ (grifos do autor).

Sob o ponto de vista estético nesta primeira edição, como explica Soares (2001), a *Mensagem* foi fortemente influenciada pelo neorrealismo português, pelo modernismo brasileiro e, mais tarde, pela negritude afro-americana e francófona⁹¹. O que não significava, segundo Trigo (1977), que por este motivo fosse retirado “a originalidade própria que é devida à poética desse Movimento, mas apenas referenciar movimentos literários que, no tempo, se desenvolviam fora de Angola e que possam ter constituído faróis de orientação aos jovens angolanos”⁹².

Viriato da Cruz é considerado o poeta que melhor traduz tudo o que significou a *Mensagem* para Angola, com os poemas *Namoro* e *Mamã Negra* que compõem o acervo principal da revista, são entendidos por alguns teóricos como uma das forças norteadoras para a criação de uma literatura genuinamente angolana: “a poesia deste poeta Viriato da Cruz é um valiosíssimo inquérito à vida do negro” pois o “negro aparece aqui e pela primeira vez na poesia de Angola, como um ser normal, sem os mistérios psicológicos, absolutamente idêntico aos outros homens”⁹³.

A poesia de Viriato revela-se como um recorte fidedigno de toda a riqueza estética, lexical e poética que é possível encontrar na *Mensagem*, pois constrói-se

com base num ritmo acentuadamente popular não só para a tornar facilmente captada pelo povo a quem se dirigia, como também para facilitar a sua circulação pelos «jangos», onde, por vezes, era recitada. Daí que ela nos apareça, em princípio, com uma estrutura acentuadamente narrativa, onde o diálogo e o dialogismo a tornam facilmente contada e cantada.⁹⁴

⁹⁰ Idem.

⁹¹ SOARES, Francisco. Notícias da Literatura Angolana, Ed., I.N.Casa da Moeda, 2001, p.24.

⁹² Trigo (1977, p. 152).

⁹³ MENEZES, Filinto Elísio de. Apontamentos sobre a poesia de Angola. Luanda. Sociedade Cultural de Angola, 1949.

⁹⁴ Trigo (1977, p. 152).

No ano seguinte, em 1952, os números 2 a 4 foram publicados com artigos e poesias de “grande nível literário”⁹⁵, onde mais uma vez e com mais evidência Viriato da Cruz se destaca, ao lado de outros *mensageiros* angolanos, como: Mário António, António Jacinto, Alda Lara, Lília da Fonseca, Tomás Jorge, Mário de Andrade e Agostinho Neto:

Os poemas «Sangue negro» e «Negra», da poetisa moçambicana Noémia de Sousa;
 - um texto de apresentação da referida poetisa, pelo também poeta moçambicano José Craveirinha;
 - uma página dedicada a **Viriato da Cruz**;
 - os poemas «Serão de menino» e «Dois poemas à terra», de **Viriato da Cruz**;
 - o poema «Uma negra convertida» (3.º prémio do Concurso), de Mário António;
 - o conto «Náusea», de Agostinho Neto;
 - o conto «Eme ngana, eme muene» (menção honrosa), de Mário de Andrade;
 - a segunda parte de «Questões de linguística bantu», de Mário de Andrade.⁹⁶ (grifos nossos).

O sentido da descoberta do grito, que deu vida ao movimento, é percebido sistematicamente ao longo da breve, porém densa, obra poética de Viriato, pois seus poemas são “um caminho aberto à pesquisa da forma de uma expressão literária”⁹⁷, e “bastam dois poemas de Viriato [...] para fazerem dela (a *Mensagem*) o marco inaugural de uma nova visão estética e cultural”⁹⁸, em que é revelada um “modelo textual e discursivo da moderna literatura”⁹⁹ que abre os caminhos para independência de Angola.

A revista *Mensagem* não só congregou uma série de ambições, como possibilitou a união do povo em um só discurso, que ganha maior robustez com a criação do Movimento Popular de Libertação de Angola, em 1956, quando o Viriato poeta, diante da missão que o chama, sai de cena, e cede lugar ao Viriato político, analisados na subseção a seguir.

3.2 MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA: o político

Processo 1153/51 – SR / Doc. 304

Data: 11 de Outubro de 1961

Proveniência: de Serviços Secretos Franceses

Assunto: sobre Viriato da Cruz

O negro português Viriato Clemente da Cruz [...] dirigente do MPLA, comunista notório, circula na África Negra sob a identidade de Alfred Silla, graças ao passaporte de complacência 1189/61 emitido na Guiné, em 26/6/1961.

⁹⁵ Soares (2023, p. 114)

⁹⁶ Laranjeira (1995, p. 71).

⁹⁷ Soares (2023, p. 73)

⁹⁸ Laranjeira (1995, p. 74).

⁹⁹ Soares (2023, p. 73)

Deslocou-se ao Congo por volta de 13 de Setembro sob esta identidade.

*O perigoso comunista*¹⁰⁰ Viriato Clemente da Cruz, que possuía uma “excepcional capacidade intelectual para época e para o meio provinciano que vivia”¹⁰¹, elabora ao longo de sua vida uma análise político-social sobre a sociedade colonial angolana dos anos cinquenta e desperta a *Geração da Mensagem* para não só pensar, como também agir. É assim que, juntos, fundam o Partido Comunista Angolano, o PCA, e mais tarde, o MPLA¹⁰², quando também se envolve na criação do MAC, o Movimento Anticolonialista. No decorrer de todos esses acontecimentos, “Viriato desempenhou um papel fulcral, não só como pensador, mas também como mobilizador dos jovens angolanos da sua geração, imprimindo um cariz marxista à sua mensagem nacionalista”¹⁰³.

Quando se pensa na carta escrita a Noémia de Sousa¹⁰⁴, entende-se a dimensão da influência da ideologia marxista nos meandros da frente revolucionária que se materializa com a liderança de Viriato, “a luta de classes, dos explorados contra os exploradores, dos trabalhadores contra os patrões, independentemente de qualquer divisão de raça ou de credo”¹⁰⁵, vislumbra-se no modelo discursivo ideal para a libertação das classes exploradas em Angola.

Ao elaborar a tese da necessidade de desenvolver um capitalismo em Angola, Viriato sugere que a verdadeira classe proletária angolana é na verdade “feita de brancos, castanhos e negros, unidos numa irmandade de luta e de destino, que conduziria ao advento de uma sociedade socialista”¹⁰⁶. Segundo o poeta, por si só, isso comprovava de que havia sim “condições sociais e políticas para uma franca aceitação, em Angola, do Partido Comunista Angolano”¹⁰⁷, o que na prática não foi bem recebido pelo povo.

As razões que possivelmente justificam a fraca aceitação do modelo marxista proposto por ele, concentram-se no fato de que a economia das colônias pós-holocausto era maioritariamente baseada ou na agricultura ou na extração de diamantes, exercida por trabalhadores rurais com visões ainda muito tradicionais. Ao contrário de outras nações que o inspiraram, nos anos 50 em Angola “não existia um tecido industrial forte, com trabalhadores

¹⁰⁰ ANTT, PIDE. Viriato da Cruz. Proc.º n.º 1153/51 (ver anexo).

¹⁰¹ Soares (2023 p. 109).

¹⁰² Movimento Popular de Libertação de Angola.

¹⁰³ Soares (2023 p. 109).

¹⁰⁴ ANTT, PIDE. Carta à Noémia de Souza, no proc.º 1153/51, doc. citado. (ver anexo II)

¹⁰⁵ Idem (p. 122).

¹⁰⁶ Idem (p. 107).

¹⁰⁷ Idem (p. 107).

africanos imbuídos de uma consciência de classe, com tradições de lutas sindicais, e muito menos, com uma cultura ideológica marxista”¹⁰⁸ fortalecida.

A ideia de uma reivindicação nacionalista, por mais sonhada que fosse, não imperava no seio das massas populares urbanas, quiçá, dos milhões de trabalhadores rurais, pois a maior contradição social em Angola estava longe de ser semelhante à das sociedades industriais europeias, já que o problema ainda não era a luta de classes, mas a luta entre colonizados e colonizadores.

Outro ponto, que acabou por minar o Partido Comunista, habitava no pequeno grupo de intelectuais que concordaram participar do projeto de Viriato, uma vez que era constituído de mestiços, com exceção de António Jacinto que era branco, onde pouco ou nada conheciam a realidade rural e escravagista dos musseques. O *mensageiro* Tomás Jorge, por exemplo, recusou apoiá-lo, argumentando que “não eram precisas ideias importadas (de brancos) para fazer avançarem as coisas” e que “não se sai debaixo da pata de um coelho, para nos metermos na pata de um urso”¹⁰⁹.

Contrariado, Viriato foi eleito Secretário-Geral do MPLA, e “encarregado pelos seus pares de elaborar os estatutos e o programa do partido”¹¹⁰, onde mais tarde compôs uma delegação¹¹¹ que formou a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas (FRAIN), embarcou pra China em busca de apoio político, militar e financeiro, momento fulcral que garantiu subsídios para o Dia da Revolução que se aproximava.

No entanto, destaca-se nesse processo que a criação de um movimento de resistência no coração da África Central, em Léopoldville¹¹² (atualmente, Kinshasa), torna-se contraditório ao passo em que se baseia na ideologia marxista, considerada por Viriato um exemplo intelectual urbano, mas que naturalmente contrastava-se com a grande massa rural angolana, e que põe em causa a sua própria posição de dirigente máximo de um partido negro, de um país negro, sendo ele um líder mestiço.

Essa contradição etnológica foi motivo de constante rechaça da oposição do MPLA, revelando-se um ato “inadequado para a época histórica, traduzindo uma grande imaturidade

¹⁰⁸ Idem (p. 123).

¹⁰⁹ Entrevista a Tomás Jorge, citada por Soares (2023, p. 124)

¹¹⁰ Soares (2023, p. 124)

¹¹¹ Composta por dois dirigentes do MPLA (Viriato da Cruz, secretário-geral, e Eduardo Macedo dos Santos, adjunto do departamento de Defesa e Segurança) e quatro elementos do Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau (PAI) — Amílcar Cabral, Elysée Turpin, Luciano N'Dau e Douara Bangala.

¹¹² Maior cidade da que hoje conhecemos por República Democrática do Congo, antes chamada de Congo Belga, fundada em 1881 pelo explorador Henry Stanley com o nome de *Léopoldville*, em homenagem ao rei Leopoldo II da Bélgica. A partir de 1966, passou a chamar-se Quinxassa, Quinxasa ou Kinshasa, como explica CORREIA, Paulo. Uma década de nova toponímia. *a folha - Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias*. N.º 61. pp. 7–13. Consultado em 17 de junho de 2023.

política e um desconhecimento das realidades sócio-económicas e político-culturais angolanas”¹¹³. Apesar da sua luta incansável e constante, em processo emitido pela PIDE, percebemos os fins a que tomaram sua luta: “O PCA tinha por finalidade a luta pelas ideias marxistas-lenistas, mas como não conseguiram recrutar aderentes, foi extinto pouco tempo depois”¹¹⁴.

Perseguido, desacreditado e ameaçado de morte – muda-se para Paris, onde esteve mais do que nunca envolvido com África, exilando-se em vários países até radicar-se na China, ao abrigo do governo chinês, ao passo em que sempre se manteve envolvido na movimentação anticolonial, até então clandestina, que acontecia em Luanda¹¹⁵.

Entre afetos e desafetos, Viriato morre na China em 1973, após um mal repentino que, segundo o próprio, levanta a hipótese de que o governo chinês desapontado, após confiar nele a missão de introduzir o socialismo maoísta em África¹¹⁶, assassinou-o como punição. Mas antes de morrer, Viriato deixa ao povo um último grito, a sua única obra individual publicada, inspiração maior do estudo em tela, momento em que o poeta renasce no corpo político que apesar de cansado, jamais desiste. Resiste.

¹¹³ Soares (2023, p. 129)

¹¹⁴ ANTT, PIDE. Ilídio Machado, Proc.º n.º 346/59.

¹¹⁵ *No descruzar dos caminhos*, nota introdutória de Francisco Soares em *Poemas* (2013).

¹¹⁶ PACHECO, Carlos. *Agostinho Neto, o Perfil de um Ditador. A História do MPLA em Carne Viva*, 2 vols., Lisboa, Vega Editora, 1.ª edição, 2016.

4 O POETA-POLÍTICO: análise do discurso tridimensional em Poemas (1961)

Quais as razões do sucesso num poeta de que saiu um pequeno livro, escassos poemas e que trocou muito cedo a poesia pela política?

(Francisco Soares, 2023)

De agora em diante, o objetivo deste estudo concentra-se em propor uma dessas razões que se julga ser capaz de compreender como aquilo o que à primeira vista nos parece pequeno, curto, breve, tímido, exerceu em Angola um poder transformador e transgressor da realidade colonial e escravagista, que só começa a traçar o caminho da liberdade quando entra em cena um mestiço-sonhador que tem na poesia sua principal aliada. Foi poeta? Foi político? Foi político na poesia? Foi poesia na política? Como entender que dessa estranha forma o filho de Porto Amboim tornou-se o “fundador de uma nova era”¹¹⁷ da máxima expressão poética da literatura nacionalista angolana?

Em uma mistura bilíngue de português e quimbundo, a grandeza dessa pequena obra materializa-se em seis poemas dos dez que ao todo dele se conhecem: “**Makèzú**”, “**Sô Santo**”, “**Rimance da menina da roça**”, “**Mama negra (canto de esperança)**”, “**Serão de menino**” e “**Namoro**”¹¹⁸, escritos entre os anos de 1947 e 1950, mas publicados em 1961, em Lisboa.

Esse curioso paradigma em torno da curta, porém longa, obra poética de Viriato, suscita na realidade um grande debate científico com estudos aplicados das mais diversas áreas do conhecimento, especialmente da linguística, conhecido por Análise do Discurso (AD), que se dedica a entender como o discurso (inclusive o literário) é uma forma de ação e transformação sobre o mundo e sobre os outros.

Para isso, diante da vasta possibilidade de análise preconizada pela AD, partiu-se do domínio do propósito discursivo do texto que, neste primeiro momento, tem como sustentáculo as concepções do linguista francês Dominique Maingueneau sobre o discurso literário¹¹⁹, que ao defender a indissociabilidade entre o texto e o contexto, refuta à ideia de regulação social sobre “o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada”¹²⁰.

¹¹⁷ Laranjeira (1995, p. 40).

¹¹⁸ *Namoro* e *Mama negra* saíram na Mensagem, n.º 1. Em 1974, no Lobito, saiu uma reedição, com o n.º 25 dos Cadernos Capricórnio e depois da independência, nova edição, sempre com menos poemas do que os que dele realmente já se conhecem, como explica Laranjeira (1995).

¹¹⁹ MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

¹²⁰ Maingueneau (1997, p.22).

Baseada nessa concepção, pode-se afirmar que os efeitos sociais do discurso do poeta angolano foram determinados, primeiramente, pela posição dele diante de todo o contexto que o envolvia. Isso é decorrente da ordem desse discurso que se revela a partir do relacionamento entre as práticas discursivas dentro de uma instituição ou sociedade e controla o que pode e deve ser dito em determinado contexto. Postula-se que nas sociedades modernas o poder é exercido a partir das práticas discursivas institucionalizadas na sociedade, que fortalece o vínculo e a indissociabilidade entre discurso e poder.

Para fundamentar as manifestações discursivas reverberadas em Poemas (1961), utilizou-se nesta análise a proposta do linguista britânico Norman Fairclough (1989-2003), denominada Análise do Discurso Crítica (ADC)¹²¹, responsável também por conceber à linguística crítica o título de ciência, com a publicação da obra *Language and Power* (1989), momento em que a análise de recursos linguísticos utilizados na construção de um texto pôde evidenciar relações de poder e mitigar prováveis processos ideológicos no discurso.

Ao analisar textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma “teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico”¹²², as razões que nos levaram à escolha da ADC e não da AD como teoria e método para este trabalho, deu-se na própria explicação do britânico sobre as diferenças das abordagens “crítica” e “não-crítica”, elucidadas no livro *Discurso e mudança social* (2001):

As abordagens investigadas poder ser divididas em dois grupos, segundo a natureza de sua orientação social para o discurso, distinguindo-se abordagens ‘não-críticas’ e ‘críticas’. Tal divisão *não é absoluta*. As abordagens ‘críticas’ diferem das abordagens ‘não-críticas’ não apenas na descrição das práticas discursivas, mas também ao mostrarem como o discurso é *moldado por relações de poder e ideologias* e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre *identidades sociais*, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes do discurso.¹²³ (grifos da autora).

Após a real compreensão de ambas as dimensões e, ainda, da ressalva a uma outra particularidade da abordagem crítica apresentada por Fairclough, que afirma que a linguística crítica se difere das demais linhas: “na atenção que dedica à gramática e ao vocabulário dos textos [...] isto é, o modo como o texto representa a realidade”¹²⁴, insere-se como elemento teórico norteador para nossa análise, considerando que esta dar-se-á a partir da investigação do

¹²¹ Conforme apontado por RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo. Editora Contexto, 2013.

¹²² MAGALHÃES, Izabel. *Introdução: A Análise de Discurso Crítica*. DELTA, 21: Especial, 2005.

¹²³ Fairclough (2001, p. 31-32).

¹²⁴ Idem (p. 48).

léxico e do vocabulário textual contido nos seis poemas e, mais tarde, da vinculação do texto ao modo de representação e construção identitária.

Nessa perspectiva, o conceito de discurso está relacionado a um “modo particular de representar parte do mundo”¹²⁵, o que sugere que determinadas práticas sociais e as diferentes posições ocupadas por atores sociais nessas práticas, são um modo particular de representação que transcende textos pessoais e particulares. Logo, ao fazer-se referência ao texto literário, não se deve tratar o discurso como sendo de alguém, mas como sendo articulado por alguém, consoante às explicações de Magalhães, Martins & Resende (2017), em *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*¹²⁶, que apontam os textos como sendo materialidades discursivas dos eventos consequentes das práticas sociais, em que estão incluídos elementos da linguagem como a escrita, a fala e a imagem.

Tais materialidades discursivas são precisamente uma forma de prática social, um modo de ação sobre o mundo e sobre a sociedade: “um elemento da vida social interconectado a outros elementos” que, entre outras possíveis intervenções, “contribui para a construção das identidades sociais e posições de sujeito, para os sujeitos e os tipos de ‘eu’”¹²⁷.

Assim, entende-se que o discurso ao representar sujeitos sociais, neste caso, o povo angolano livre da interferência europeia, acaba por construir uma identidade social, pois é na manifestação do discurso por meio da linguagem que nós, como sujeitos sociais, assumimos, recusamos ou transformamos nossos posicionamentos:

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, professores ou políticos), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso.¹²⁸

Ainda com relação aos efeitos ocasionados pelo texto e pelos discursos por ele representado, Fairclough¹²⁹ esmiuça em exemplos do cotidiano a dimensão dos impactos que estes causam sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre a sociedade:

Os textos como elementos dos eventos sociais têm efeitos causais, eles causam mudanças. Mais imediatamente, os textos podem causar mudanças em nosso conhecimento [...] nossas crenças, nossas atitudes, nossos valores, e assim por diante. Eles também causam efeitos de longa duração – poderíamos argumentar, por exemplo, que uma experiência prolongada com a publicidade e outros textos

¹²⁵ Fairclough (2003, p. 26)

¹²⁶ MAGALHÃES. I; MARTINS. A; RESENDE. V. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

¹²⁷ Fairclough (2001, p. 91)

¹²⁸ Idem (p.22).

¹²⁹ 2003, p. 54.

comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como “consumidoras”, ou suas identidades de “gênero”. Os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para mudanças na educação, ou para transformação nas relações industriais, e assim por diante. Seus efeitos podem incluir transformações no mundo material, como mudanças no design urbano, ou na arquitetura [...]. Em suma, textos têm efeitos causais e contribuem para transformar as pessoas, as ações, as relações sociais e o mundo material.¹³⁰

Considera-se também a concepção de Fairclough (2001) que investiga os textos como constructos resultantes de práticas discursivas, uma vez que eles não surgem por si só, mas sim configuram-se como a própria estruturação social da linguagem. Assim, tanto o processo de elaboração como de interpretação de textos envolve aspectos institucionalizados na sociedade; o que faz do texto um elemento potencialmente transformador da estrutura social.

Ruth Wodak e Meyer (2001) desenvolveram outra abordagem importante para análise dos desdobramentos do discurso político, por meio da Escola de Análise Crítica do Discurso de Viena, uma metodologia interdisciplinar e histórica para examinar como o discurso reflete e molda práticas sociais, particularmente aquelas ligadas à dominação, opressão e ideologia¹³¹.

Para eles, a linguagem é imprescindível na reprodução e na contestação de relações de poder, pois é o reflexo de como as ideologias se infiltram no cotidiano, muitas vezes de maneira sutil e naturalizada. O foco na reconstrução de concepções naturalizadas e na revelação de processos opressores, essa perspectiva se destaca por sua capacidade de trazer à tona aspectos anteriormente invisíveis, evidenciando sua natureza indutiva e o compromisso com uma práxis investigativa politizada.

Esta pesquisa, portanto, fundamenta-se na noção funcionalista de discurso, que considera não somente a interioridade e complexidade dos sistemas linguísticos, como também a investigação de como tais sistemas funcionam em favor da construção das relações sociais, e não somente, como da estruturação, perpetuação, reafirmação e contestação de ideologias no discurso.

Essa concepção nasce da gramática sistêmico-funcional desenvolvida por Halliday (1985), que compreende três macrofunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. No entanto, Fairclough em 1992 aprofunda a macrofunção interpessoal e divide-a em duas

¹³⁰ As citações aqui traduzidas do inglês para o português são de minha autoria e de consequente responsabilidade: *Texts as elements of social events have causal effects, they cause changes. More immediately, texts can cause changes in our knowledge [...] our beliefs, our attitudes, our values, and so on. They also have long-lasting effects – we could argue, for example, that a prolonged experience with advertising and other commercial texts contributes to shaping people's identities as 'consumers', or their 'gender' identities. Texts can also start wars or contribute to changes in education, or to transformation in industrial relations, and so on. Its effects can include transformations in the material world, such as changes in urban design, or in architecture [...]. In short, texts have causal effects and contribute to transforming people, actions, social relationships and the material world.*

¹³¹ Wodak (1997).

subcategorias: a identitária e a relacional. Na primeira, o discurso desempenha um papel fundamental na construção de ideologias, representando o mundo de acordo com a perspectiva do locutor; enquanto a macrofunção relacional contribui para a formação de relações sociais.¹³²

Com isso, o discurso é, antes de tudo e qualquer coisa¹³³, uma prática política e ideológica, pois como prática política é inteiramente capaz de estabelecer, manter e transformar as relações de poder e as entidades coletivas; e como prática ideológica, constitui, incorpora, mantém e, principalmente, ressignifica os mais diversos posicionamentos do sujeito na sociedade.

Antes de aprofundar-se a perspectiva tridimensional faircloughiana, é importante ter em vista alguns conceitos primários e indissociáveis definidos por Chouliaraki & Fairclough (1999), na obra *Discurso na modernidade tardia: Repensando a análise crítica do discurso*¹³⁴, e na posterior reformulação deste por Fairclough (2003), em *Analisando o discurso: Análise textual para pesquisa social*, onde delimitam alguns pontos de partida para a análise do discurso literário a partir de três principais manifestações do discurso: “modos de agir [significado acional], como as pessoas agem sobre o mundo e sobre as outras; modos de representar [significado representacional], que é a dialética entre o discurso e a estrutura social; e modos de ser [significado identificacional]”¹³⁵, relacionado à construção e à negociação de identidades presentes no discurso.

Posteriormente¹³⁶, surgem algumas categorias de análise, como: vocabulário, intertextualidade e interdiscursividade. Nesse sentido, Fairclough¹³⁷ distingue dois tipos de intertextualidade: a *manifesta*, que é a constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos, e a *constitutiva*, que é a constituição por meio de elementos (como os tipos de convenções) das ordens de discurso (interdiscursividade). No campo do interdiscurso, dentre muitas abordagens, Resende e Ramalho (2006) explicam que o termo diz respeito à identificação dos discursos articulados e às maneiras pelos quais são inseridos nas práticas sociais.

¹³² Esta explicação é organizada por Resende e Ramalho (2017), uma vez que o autor defende a ênfase na função identitária pelo fato de a questão da identidade ser um importante aspecto discursivo de mudança cultural e social (Fairclough, 1992, p. 176).

¹³³ Fairclough (2008).

¹³⁴ Título originalmente publicado em inglês, cuja tradução foi realizada pela autora: CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edimburgh University Press, 1999.

¹³⁵ Com base nas pesquisas de Vivane Resende e Viviane Ramalho (2006), em *Análise do discurso crítica*, que estruturam a tese de Fairclough.

¹³⁶ A partir da investigação de Izabel Magalhães (2005b) sobre uma análise do discurso no meio publicitário, com base em Fairclough.

¹³⁷ 2001, p.114.

Finalmente, em *Discurso e Mudança Social*¹³⁸, depara-se com a abordagem que norteou o estudo em tela, dividida em três dimensões: o texto (análise linguística); a prática discursiva (análise da produção e interpretação do texto); e a prática social (onde são analisadas as circunstâncias das instituições e organizações que fazem parte do evento comunicativo). Representados a seguir:

Quadro 1 - Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992, p. 101)



Fonte: Com base em Resende & Ramalho (2004).

Nessa perspectiva, entende-se por **texto** o vocabulário (neologismos, lexicalizações, superexpressão, relações entre palavras e sentidos); a gramática (a combinação de vários vocábulos na frase); a coesão (a combinação entre as frases, estabelecida por mecanismos de referência, palavras de mesmo campo semântico, sinônimos e conjunções); e a estrutura textual (que se refere à organização deste texto em larga escala, considerando a forma como todos os elementos são combinados).

A **prática discursiva** está relacionada a processos sociais, econômicos, políticos e institucionais, classificados em: produção, distribuição e consumo do texto, atuando como mediadora do texto e da prática social, como explica Fairclough:

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto.¹³⁹

Já a **prática social** está diretamente ligada à ideologia e à hegemonia presentes no discurso, sendo a primeira analisada pelo sentido expresso na palavra, pelas pressuposições que podem ser levantadas por ela, pelas metáforas e pelo estilo; e na hegemonia, o discurso tem que

¹³⁸ Fairclough (1989;1992).

¹³⁹ Fairclough (2001, p. 35-36).

ser observado a partir de possíveis orientações econômicas, políticas, ideológicas e culturais. Desta forma, as categorias analíticas podem ser agrupadas do seguinte modo:

Quadro 2 - Categorias analíticas propostas no Modelo Tridimensional do Discurso

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
Vocabulário Gramática Coesão Estrutura Textual	Produção (intertextualidade e interdiscursividade) Distribuição Consumo (contexto, força, coerência)	- Ideologia Sentido Pressuposições Metáfora - Hegemonia Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas

Fonte: Elaborado e adaptado pela autora com base em Resende & Ramalho (2004).

A partir desta proposição metodológica, foram elaboradas as análises textual, discursiva e social da obra *Poemas* (1961), esmiuçadas nas subcategorias analíticas propostas. Portanto, a organização lógica configura-se, respectivamente, na análise da poesia como elemento textual; do antissalarismo como prática discursiva; e da liberdade como prática social.

4.1 POESIA: a prática textual

As escolhas linguísticas feitas pelas pessoas não apenas influenciam a estrutura e o modelo das sentenças, mas também refletem escolhas mais amplas sobre significados e a construção, manutenção ou subversão de identidades sociais, relações sociais, conhecimento e crenças.

(Norman Fairclough, 1992)

Esta primeira etapa é voltada, unicamente, para o entendimento de como o discurso é apresentado no texto, de forma que considere o fato de que o texto está sempre conectado a um plano subjacente relacionado à situação social externa a ele. Nessa interação, são suscitados múltiplos significados baseados nas ambiguidades e possibilidades de interpretação de um mesmo texto, pois sua estrutura de forma deliberada pode ampliar a compreensão dos sistemas de conhecimento e crenças que sustentem suposições sobre as relações e as identidades sociais.

Portanto, a poesia de Viriato da Cruz pode ser interpretada como uma representação autêntica da análise textual sob a perspectiva tridimensional da ADC. Nessa abordagem, também chamada de "análise descritiva," o objeto de investigação é determinado pela

linguística, que contempla em si elementos interdependentes com escala ascendente: o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual.

Sendo assim, a análise textual é uma parte integrante da análise geral e será abordada em etapas separadas com o objetivo de desvelar as nuances da poesia de Viriato da Cruz, explorando como as palavras e imagens poéticas construídas em *Poemas* (1961) se relacionam com as questões políticas, sociais e culturais no contexto da independência de Angola.

4.1.1 O vocabulário

Reconhece-se que as escolhas lexicais e terminológicas feitas pelos produtores do discurso podem revelar aspectos ideológicos e representacionais. O simples ato de incluir uma palavra, termo ou expressão no vocabulário oficial de uma língua de forma que seja reconhecido e compreendido pelos falantes nativos, gera novas categorias culturalmente essenciais, pois “os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, facetas de processos sociais e culturais mais amplos”¹⁴⁰.

Os angolanos “aprendiam o kimbundo em casa e falavam-no entre si, introduzindo-lhe terminologia e construções sintáticas do português que akimbunduavam”¹⁴¹. O processo bilíngue do português europeu e o quimbundo e, muitas vezes, diglósico, quando faz menção às variações dialetais entre os diversos estatutos dos falantes, revela-se como um dos traços mais marcantes da obra poética de Viriato, tal como uma forma de expor a cultura bantu frente a do colonizador português, como glosam os poemas “**Makèzú**” e “**Sô Santo**”:

– «Kuakié!!!... Makèzú, Makèzú...»

.....

O pregão da avó Ximinha
É mesmo como os seus panos,
Já não tem a cor berrante
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha,
Mas de manhã, manhãzinha,
Pede licença ao reumático
E num passo nada prático
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro
Que se levanta altaneiro
No cruzeiro dos caminhos
Das gentes que vão pr'a Baixa.

Nem criados, nem pedreiros

¹⁴⁰ Fairclough (2001, p. 35-36).

¹⁴¹ Pinto (2019, p. 612).

Nem alegres lavadeiras
Dessa nova geração
Das "venidas de alcatrão"
Ouvem o fraco pregão
Da velhinha quitandeira.

– «Kuakiè... Makèzú... Makèzú...»
– «Antão, véia, hoje nada?»
– «Nada, mano Filisberto... Hoje os tempo tá mudado...»

– «Mas tá passá gente perto...
Como é aqui tás fazendo isso?!

– «Não sabe?! Todo esse povo
Pegô um costume novo
Qui diz qué civrização:
Come só pão com chouriço
Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima
(Hum... mbundo kène muxima...)
Qui o nosso bom makèzú
É pra veios como tu"».

– «Eles não sabe o que diz...
Pru qué qui vivi filiz
E tem cem ano eu e tu?».

– «É pruguê nossas raiz
Tem força do makèzú!...»¹⁴²

Makèzú é o plural do termo quimbundo *Dikezu*¹⁴³, que significa em português noz-de-cola, um alimento símbolo das comunidades rurais angolanas, que logo ao acordarem, comiam *makèzú* com gengibre para saciar a fome até a hora incerta do próximo alimento; já o termo que o antecede: *Kuakié*, refere-se ao horário do dia em que a refeição com o *makèzú* é feita: “A cola e o gengibre são o verdadeiro mata-bicho das gentes do mato”¹⁴⁴.

Além de alimento, *makezu* é um elemento religioso sagrado na cultura africana – tanto angolana, como iorubana, conhecida como *obi*. No site Mbanza Congo é explicada a importância do *makezu* ou *obis* como elo religioso e também social em todo o continente africano¹⁴⁵: “tradicionalmente, as nozes-de-cola não são apenas trocadas como sinal de amizade, mas também são usados como ferramentas de adivinhação e oferendas a espíritos ancestrais”¹⁴⁶.

¹⁴² CRUZ, Viriato. *Makèzú* – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

¹⁴³ CHATELAIN, H. *Fifty Tales, with Ki-Mbundu Text Literal English Translation Introduction, and Notes*. Honolulu: University Press of Pacific, (p. 31-33). 2001.

¹⁴⁴ RIBEIRO, F. *Makèzú: a matéria do tempo*. 2006. Disponível em: <https://amateriadotempo.blogspot.com/2006/05/makz.html>. Acesso em: 8 ago. 2023.

¹⁴⁵ ADOLFO, S. P. Noz de cola In: _____. *Mbanza Congo*. Disponível em: <http://mbanzakongo.blogspot.com/2009/08/noz-de-cola.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹⁴⁶ Tradução livre da obra: SANTE, M. K.; MAZAMA, A. *Encyclopedia of African Religion*. Thousands Oaks: SAGE, 2009, do trecho: *traditionally, kola nuts are not only exchange as a sign of friendship, but are also used as divining tools and offering to ancestral and other spirits*.

As marcas da lexicalização começam desde a primeira linha de *Makèzú*, onde são observadas a utilização de lacunas semânticas: “– Kuakié!!!... Makèzú, Makèzú...”, que indicam a inserção de termos dialetais ou autóctones, ao ápice da crítica em: “Hum... *mbundo kène muxima*”, que significa *negro não tem coração*. Essa composição semântica (não por acaso) é frequentemente observada nos textos pós-independência, como forma de ab-rogação¹⁴⁷ com os padrões da língua do colonizador.

O uso repetido e enfático desse termo atua como um contraponto à língua canônica portuguesa, quando a preferência pelo *makèzú* ao invés do *pão com chouriço* (alimento tipicamente português), constitui-se como uma autoafirmação da identidade angolana em detrimento da europeia: “a linguagem cria e unifica uma consciência nacional, em que as fronteiras culturais correspondem muitas vezes mais poderosas e fundamentadas do que as fronteiras políticas e geográficas”¹⁴⁸.

Na linha discursiva desse mesmo recurso vocabular, o poema “Sô Santo” é escrito (quase) todo em quimbundo e em português bantuizado, com exceção – também não por acaso – da parte final:

Lá vai o sô Santo...
Bengala na mão
Grande corrente de ouro, que sai da lapela
Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando o sô Santo passa
Gente e mais gente vem à janela
— «Bom dia, padrinho...»
— «Olá...»
— «Bejá cumpadre...»
— «Como está?...»
— «Bom-om di-ia sô Saaanto!...»
— «Olá, Povo!...»

Mas porque é saudado em coro?
Porque tem muitos afilhados?
Porque tem corrente de ouro
A enfeitar sua pobreza?...
Não me responde, avó Naxa?

— «Sô Santo teve riqueza...
Dono de musseques e mais musseques...
Padrinho de moleques e mais moleques...
Macho de amantes e mais amantes,
Beça-nganas bonitas
Que cantam pelas rebitas:

«Muari-ngana Santo
dim-dom

¹⁴⁷ Termo do latim, cujo léxico significa “anular; revogar; cassar” (LUFT, 2001, p. 32).

¹⁴⁸ PARADISO, S. R. A linguagem (pós) colonial, em *The Sacrificial Egg*, de Chinua Achebe (1962). Ponta Grossa, v. 31, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 2009 (p.34).

ual'o banda ó calaçala
dim-dom
chaluto mu muzumbo
dim-dom...»

Sô Santo...

Banquetes p'ra gentes desconhecidas
Noivado da filha durando semanas
Kitoto e batuque pró povo cá fora
Champanha, 'ngaieta tocando lá dentro...

Garganta cansando:
«Coma e arrebenta
e o que sobrar vai no mar...»

«Hum-hum
Mas deixa...
Quando o sô Santo morrer,
Vamos chamar um kimbanda
Para 'Ngombo nos dizer
Se a sua grande desgraça
Foi desamparo de Sandu
Ou se é já própria da Raça...»

Lá vai...
descendo a calçada
A mesma calçada que outrora subia
Cigarro apagado
Bengala na mão...

... Se ele é o símbolo da Raça
ou vingança de Sandu...¹⁴⁹

Ao contar sobre a riqueza de Sô Santo, Viriato opta por se manter na linha dissonante bilíngue, dando cada vez mais evidência à bantuização do português. Contudo, na penúltima e última estrofe, quando testemunha sobre a decadência nefasta do personagem, o narrador resolve descrevê-lo na norma padrão do português europeu, levando o leitor a deduzir que a ruína de Sô Santo coincidia com a “perda de poder, identidade e vigor cultural do colonialismo no princípio do século XX”¹⁵⁰.

A figura simbólica de Sô Santo representa de maneira marcante o típico mulato da classe burguesa que, à medida que a colonização avança, já não tem como manter a vida que tinha, conforme descrito na frase “não tem um tostão”. A figura metafórica do “cigarro apagado” pode ser interpretada como um símbolo da cultura portuguesa que está se extinguindo, indicando o fim de uma era de prosperidade. A “bengala na mão” evoca a ideia de fragilidade e dependência, sugerindo que Portugal está agora apoiado somente pela sua história e tradição.

¹⁴⁹ CRUZ, Viriato. Serão de Menino – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

¹⁵⁰ Soares (2023, p.82).

Dessa forma, a incorporação do quimbundo, no texto escrito em português, também refuta uma lacuna figurativa da língua, principalmente, metonímica. Isso se explica uma vez que a introdução de termos, frases, expressões e códigos da língua materna ou nativa, dentro de um texto escrito na língua imposta pelo colonizador, resulta em uma interação linguística que além de refletir uma dinâmica complexa da fusão de culturas, insere-a no mesmo patamar da língua do colonizado. Após entender como o léxico pode desvendar aspectos ideológicos e representacionais, avança-se para a estrutura que dá forma ao discurso: a gramática.

4.1.2 A gramática

As nuances gramaticais revelam que as construções frasais são tecidas a partir da interseção de significados que abrangem, para além do texto, questões ideacionais e interpessoais¹⁵¹. A seleção de estruturas e moldes oracionais não apenas determina o significado, como também configura a construção de identidades sociais, molda as relações interpessoais, e reflete crenças e conhecimentos. Um exemplo desta tese manifesta-se na escolha dos tempos verbais, como é possível perceber em “**Rimance da menina da roça**”, onde se destaca o tempo presente:

A menina da roça
está no terreiro
 cosendo a toalhinha
 pró seu enxoval...
 — «Que céu tão lindo! ,
 e o encanto da mata!...
 Ai, tanta beleza no cafezal...»

A menina da roça terá poesia
 terá poesia nos olhos de mel?

A menina da roça
chega à janela
 e na estrada branca
 a vista **alonga**...
 — «É o carro a vir?!»
 Não... é o bater compassado
 do aço de enxadas
 dos negros na tonga...

A menina da roça **tem** um namoro
tem um namoro com um motorista

A menina da roça
veio à varanda
 e os olhos erra
 no verde à toa

¹⁵¹ Fairclough (2001).

— «**Está** ele a chegar?!»
 Ah... são negros pilando
 dendém para azeite
 na grande canoa

(Prucutum, lá do telheiro,
 vai chamar o meu amor)

A menina da roça
acorda à noite
 ouviu um barulho
 na escuridão
 — «O carro chegou!...»
 Oh... é o pulsar
 apressado
 do seu coração.

(Porque **bates** tão depressa, coração alucinado?
 coração alucinado, espera que o dia amanheça)

— «Já viu a minina?...»
 «Hem... tem cor marela
 do mburututu...»
 — «E não **come** nem nada...»
 — «E os olhos de mel
 'tão-se afundar
 num lago azul
 que **faz** sonhar...»
Conversam as negras
 à boca apertada

(Minha dor, ninguém a saiba —
 não há perigo em que ela caiba)

A menina da roça
escuta dorida
 a triste canção que vem do rio.
 Que vem do rio? — Que vem do peito:
 baixinho, lá dentro,
chora de amor
 o coração.

Menina da roça — águas do rio
 saudades da fonte... desejos de amar.¹⁵²

O uso de verbos no presente ("está", "chega", "veio", "escuta", "chora", "faz", "conversam", "come", "acorda", "alonga") sugere uma imediatização da experiência, envolvendo o leitor diretamente no momento descrito. Isso pode refletir a tentativa do poeta de destacar a continuidade e a imediatidade das experiências e condições retratadas, o que torna a mensagem do poema urgente.

¹⁵² CRUZ, Viriato. Rimance da menina da roça – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

No poema “Sô Santo”¹⁵³, observa-se uma alternância entre o passado e o presente, que embora predomine no presente (“vai”, “passa”, “saudado”, “tem”), inclui formas que indicam o passado (“teve”, “Foi”, “subia”), o que reflete a conexão entre a situação atual de Sô Santo e a história que um dia foi sua, enfatizando a transitoriedade da fortuna e a constância das aparências sociais. Em oposição, em “**Mamã Negra (Canto da Esperança)**” é tecido os três tempos verbais:

Tua presença, minha Mãe
— drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a Vida escreveu com a pena de séculos.

Pela tua voz

Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais dos seringais
[dos algodoais...

Vozes das plantações da Virgínia
dos campos das Carolinas

Alabama
Cuba
Brasil...

Vozes dos engenhos dos banguês das tongas dos eitos das pampas
[das usinas

Vozes do Harlem District South
vozes das sanzalas
Vozes gemendo blues, subindo do Mississipi, ecoando dos vagões.
Vozes chorando na voz de Carrothers:
Lord God, what evil have we done
Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.
Voz de todas as vozes, na voz ativa de Langston
na bela voz de Guillén...

Pelo teu dorso

Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor amaciando
[as mais ricas terras do mundo
Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos...)
Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, pendentes da forca caídos
[por Lynch.
Rebrilhantes dorsos (ah, como brilham esses dorsos),
ressuscitados com Zumbi, em Toussaint alevantados.
Rebrilhantes dorsos...

brilhem, brilhem, batedores de jazz
rebetem, rebetem, grillhetas da Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da Música!
... do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo...

¹⁵³ Ver poema completo nas páginas 43 e 44.

Pelo teu regaço, minha Mãe

Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça...
santos poetas e sábios...
Outras gentes... não teus filhos,
que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo — folguedo...

Pelos teus olhos, minha Mãe

Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
roxas paisagens
dramas de Cam e Jafé...
mas vejo também (oh, se vejo...)
mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos, ora esplende
demoniacamente tentadora — como a Certeza...
cintilantemente firme — como a Esperança...
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
— o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE...¹⁵⁴

Aqui é observado o presente: ("brilhem, brilhem, batedores de jazz / rebentem, rebentem, grilhetas da Alma / evade-te, ó Alma, nas asas da Música!"); o passado, ao resgatar e honrar as lutas, as dores e os triunfos dos ancestrais: ("Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais dos seringais / [dos algodoais...]"); e o futuro: implícito na esperança de dias melhores ("gerando, formando, anunciando / — o dia da humanidade / O DIA DA HUMANIDADE..."). Dessa forma, ao passo em que o poema envolve o leitor no agora, fazendo com que a mensagem se torne imediata e urgente, também evoca as vozes do passado, estabelecendo um vínculo entre as gerações e reconhecendo na memória uma importante aliada para então, finalmente, projetar no amanhã um lugar onde a justiça e a igualdade prevaleçam.

Além do verbo, o uso dos pronomes e as formas de tratamento também pode refletir a estratificação social e as complexas relações de poder dentro da sociedade angolana. Como exemplo disto, o uso constante do pronome "a menina da roça" e a ausência de um nome próprio para ela, despersonaliza a figura central, sugerindo que ao invés de representar um indivíduo, seja ela um retrato de uma experiência coletiva. Isso enfatiza a universalidade das questões

¹⁵⁴ CRUZ, Viriato. Mamã negra (o canto da esperança) – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

sociais e emocionais enfrentadas pela “menina da roça”, que pode ser, inclusive, a representação metafórica da própria Angola, além de destacar o distanciamento e a despersonalização sofridos pelos sujeitos colonizados.

O tratamento por Senhor a "sô Santo"¹⁵⁵ poderia indicar uma forma de tratamento respeitosa para um personagem cuja distância e respeito um dia tivera naquela comunidade, mas ironiza a suposta autoridade e status do personagem diante da sua própria miséria, reforçando a tese da ADC sobre a demarcação de fronteiras de poder e autoridade a partir do texto:

As correntes pragmáticas insistem no fato de que o comportamento dos sujeitos com relação a um discurso é função da autoridade de seu enunciador, da legitimidade atribuída ao status que lhe é reconhecido. O que chamamos de “raciocínio de autoridade”, é precisamente um raciocínio em que a validade de uma proposição decorre da autoridade de seu enunciador.¹⁵⁶

A crítica ao colonialismo reverberada no uso (correto ou não) da gramática é também notória quando a figura metonímica da ancestralidade em “**Makèzú**”¹⁵⁷, “Avó Ximinha”, diz em tom irônico que a nova geração “Pegô um costume novo/Qui diz qué **civrização**”¹⁵⁸. O uso incorreto do termo civilização não é, assim como todas as demais escolhas gramaticais do poeta angolano, em vão, pois escrever no português errado aquilo que pro português é sagrado, provoca, desdenha e ironiza o discurso de civilidade do colonizador em detrimento da selvageria indígena dos nativos agolanos (ver subcapítulo 3.1).

Nesse sentido, Fairclough (2001) argumenta que essas escolhas gramaticais, bem como a combinação de elementos coesivos que conectam tais sentenças dentro do texto, não são neutras, mas ideologicamente carregadas. Elas fazem parte das maneiras pelas quais os participantes do discurso negociam suas identidades e relações dentro de contextos sociais específicos, cuja análise a seguir desdobra-se sob a ótica da coesão.

4.1.3 A coesão

A coesão desempenha um papel fucral na construção discursiva, pois é responsável por unir orações e frases que dão unidade ao texto¹⁵⁹. Essa integração é alcançada por meio de elementos como sinônimos, uso de vocabulários de mesmo campo semântico, repetição de

¹⁵⁵ Ver poema completo nas páginas 47 e 48.

¹⁵⁶ Maingueneau (2000, p. 17-18).

¹⁵⁷ Ver poema completo nas páginas 45 e 46.

¹⁵⁸ Personagem de *Makèzú* – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

¹⁵⁹ FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

termos (anáfora), retomada de raciocínios (catáfora), ou mesmo o uso apropriado de artigos, pronomes, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções e numerais.

Para Fairclough (2008), marcadores coesivos como estes não devem ser vistos apenas como propriedades objetivas, mas como parte do processo de construção de uma interpretação coerente, que articula as muitas partes de um texto e torna possível a comunicação entre quem escreve e quem lê. Nesse imbróglio, o tecido discursivo unificado por meio da coesão é operado no poema “**Namôro**” em diferentes níveis:

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas acácias floridas
espalhando diamantes na fímbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas.
Sua pele macia — era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce — como o maboque...
Seus seios, laranjas — laranjas do Loge
seus dentes:... — marfim...
Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou:
«Por ti sofre o meu coração»
Num canto — SIM, noutro canto — NÃO.
E ela o canto do NÃO dobrou

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete,
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
afaguei-lhe as mãos... falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço, como um mona-ngamba.
Procuraram por mim
«— Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?»
E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair
levaram-me ao baile do sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir

contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário.

Tocaram uma rumba — dancei com ela
e num passo maluco voámos na sala
qual uma estrela riscando o céu!
E a malta gritou: «Aí, Benjamim!»
Olhei-a nos olhos — sorriu para mim
pedi-lhe um beijo — e ela disse que sim.¹⁶⁰

O poema faz uso de anáforas com a repetição de palavras e estruturas frasais logo no início dos versos: ("Mande-lhe" / "E ela disse que não"), que ajudam a estabelecer um padrão que guia o leitor ao longo das várias tentativas do eu-lírico de conquistar a amada. Essas repetições funcionam como âncoras temáticas que reforçam a coesão do texto, centrado, ao que parece, na persistência amorosa.

A sequência das ações é ligada pela conjunção coordenativa ("e"), que somada à utilização de palavras sinônimas que pertencem ao mesmo campo semântico: ("carta", "cartão", "recado", "amor", "coração"), contribuem para progressão temática e reforçam o foco emocional do texto. Outro marcador coesivo expressivo no poema é a antítese entre o "não" inicial e o "sim" final, o que cria um contraste que realça a mudança de direção da vontade da amada. Além disso, a função referencial é apresentada na menção constante a elementos culturais e locais específicos, como: "Zefa do Sete", "Senhora do Cabo", "Santa Ifigénia", "avó Chica", características que constroem um cenário capaz de conectar o texto a um contexto sociocultural mensurável na perspectiva do leitor.

Sobre isso, a escrita de Viriato da Cruz é constantemente marcada pela menção a elementos culturais próprios da identidade angolana e bantu africana, como nomes de pessoas e lugares, práticas religiosas e referências à vida cotidiana. Este aspecto é compreendido pela ADC como um campo de ação social dotado de um conjunto de *tokens* semióticos, uma espécie de símbolos carregados de sentidos próprios compartilhados socialmente¹⁶¹, uma peça-chave em contextos de resistência, onde a afirmação da cultura local serve como instrumento de resistência à imposição e à assimilação da cultura do colonizador, traço marcante em **"Serão de menino"**:

Na noite morna, escura de breu,
enquanto na vasta sanzala do céu
de volta de estrelas, quais fogaréus,
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu,

¹⁶⁰ CRUZ, Viriato. *Namôro – Poemas*. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

¹⁶¹ Como teorizada pela análise crítica do discurso através da política de Wodak (2007); Benke & Wodak (2003); Wodak (2003); Meyer (2001).

ao quente da voz
de suas avós,
meninos se encantam
de contos bantus...

«Era uma vez uma corça
dona de cabra sem macho...
.....
... Matreiro, o cágado lento
tuc... tuc... foi entrando
para o conselho animal...
(«— Tão tarde que ele chegou!»)
Abriu a boca e falou —
deu a sentença final:
«— Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retem
— luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça»

Mas quando lá fora
o vento irado nas frestas chora
e ramos xuaxalha de altas mulembas
e portas bambas batem em massembas
os meninos se apertam de olhos abertos:
— Eué
— É casumbi...

E a gente grande —
bem perto dali
feijão descascando para a quitando —
a gente grande com gosto ri...

Com gosto ri, porque ela diz
que o casumbi males só faz
a quem não tem amor,
aos mais seres buscam, em negra noite,
essa outra voz de casumbi
essa outra voz — Felicidade...¹⁶²

O uso abundante de sinônimos e referências ao universo da mitologia, da natureza e da cultura bantu é expresso em termos como: “sanzala” (agrupamento habitacional de escravizados ou aldeia típica de comunidades angolanas e outros povos bantu); em “estrelas” e “fogaréus” (representando a importância da cosmologia bantu, onde o céu repleto de estrelas simboliza a manifestação dos ancestrais, assim como as fogueiras em rituais e celebrações, que servem como o ponto de encontro entre as velhas e as novas gerações); em “parábolas”, “contos bantus”, “cágados”, “leão” e “corça” (destacando as narrativas contadas pelos anciãos ricas em lendas da fauna, da flora e da mitologia, fundamentais para a educação e o fortalecimento dos laços comunitários); em “mulembas” (árvore sagrada em muitas cultura bantu, frequentemente

¹⁶² CRUZ, Viriato. Serão de menino – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

utilizada como local de reuniões comunitárias, rituais e tomadas de decisão de interesse coletivo); e em “massebas” (dança popular angolana)¹⁶³.

O valor ancestral, constantemente reverenciado na poesia de Viriato, é explicada pela preservação da identidade do grupo que é garantida através da genealogia e da tradição oral. Segundo Pinto (2019), a memória coletiva é mantida não apenas pelo narrador, mas também pelos ouvintes, em um processo de interação chamado “sanguilamento”. Este contato envolve diferentes formas de troca intergeracional, manifestada em canções, adivinhas, provérbios e narrativas, abrangendo desde fábulas até contos épicos. Com isso, o poder da narrativa na cultura bantu possui valores culturais extremamente valiosos para a comunidade.

A antítese, outro marcador coesivo no poema, estabelece uma contraposição marcante entre o medo da realidade longe da comunidade e a segurança encontrada nela, reforçada pela comparação entre a tempestade lá fora e o aconchego nas histórias contadas pelas avós. A figura assustadora do “casumbi” não perece à “Felicidade” daquela comunidade. Além disso, o uso de advérbios pronominais, como: “lá” e “dali”, também ajudam a circunstanciar uma noção de espaço para o leitor.

Portanto, a incorporação desses termos cria uma tapeçaria de referências que refletem a vida, as crenças e as tradições da cultura angolana, servindo não somente para manter a coesão textual, mas também para imergir o leitor no universo cultural que o poema busca representar, facilitando uma compreensão mais profunda dos temas e das emoções retratadas pelo autor. Finalizada a análise das unidades sintáticas e semânticas que constroem o discurso a partir da prática textual, parte-se para investigação da última categoria deste eixo: a estrutura do texto.

4.1.3 A estrutura

Quando se fala em estrutura, a análise do discurso refere-se, principalmente, às “propriedades organizacionais do texto em larga escala, às maneiras e à ordem em que os elementos são combinados”¹⁶⁴. De todos os aspectos estruturais dos poemas de Viriato, o traço mais marcante encontra-se na dimensão oral e dialogal da narrativa.

O uso expressivo de travessão (—); de aspas duplas (« »); de verbos no modo imperativo seguidos de ponto de exclamação (“não tenham medo!” / “brilhem”, “rebentem”, “evade-te, ó Alma, nas asas da Música!”); da incorporação de cantares populares (“coma e arreventa”); dos elementos de imitação interjeccional e dos vocativos, como: (“Hum-hum” / «Aí, Benjamim!» /

¹⁶³ Conceitos elaborados pela autora com base em Pinto (2019) e no site Mbanza Congo

¹⁶⁴ Resende e Ramalho (2004, p. 187).

— «Bom-om di-ia sô Saaanto!...» / — «Olá, Povo!...»); e das figuras onomatopéicas (“tuc, tuc” / “dim-dom” / “Prucutum”), trazem, além de ritmo, a noção vívida e atemporal dos personagens, causando no leitor a ligeira sensação que existe vida naquelas estórias para além das páginas do livro.

Ao empregar técnicas estilísticas, semânticas e discursivas para criar uma representação realista, elementos como a métrica e o ritmo do poema são habilmente manipulados por meio da síncope e da fusão de palavras, como em: (“Banquetes pr'a gentes desconhecidas” / “Kitoto e batuque pró povo cá fora”). Além disso, a voz do narrador quando adota, principalmente, a perspectiva da terceira pessoa, confere à estória uma espécie de voz onisciente¹⁶⁵, ampliando a profundidade da representação do cenário.

Quanto a isso, a oralidade na literatura africana foi objeto de investigação do historiador Alberto de Oliveira Pinto (2019), que se dedicou a entender como a transmissão oral de histórias, provérbios e tradições foi estratégico na preservação da memória coletiva, na honraria às tradições ancestrais e no fortalecimento da identidade cultural:

A 'literatura' consistia em provérbios, adivinhas e narrativas de tradição oral, isto é, em histórias que passavam dos pais para os filhos, e que, sofrendo transformações de geração em geração, relatavam lendas ligadas à Criação do Mundo, à genealogia dos reis, aos feitos dos heróis ou fábulas - cujas personagens eram animais personificados - para retratar a vida social. Os especialistas na narração destas histórias eram os guardiães da memória do povo e narravam-nas em público, em circunstâncias solenes, normalmente à noite, entoando cânticos, tocando instrumentos musicais, executando danças e envergando máscaras esculpidas para o efeito e pintadas de cores por eles próprios escolhidas. Assim se integravam na mesma função a literatura, a música, a dança, o teatro, a escultura e a pintura.¹⁶⁶

Essas narrativas da tradição oral são categorizadas em quatro grupos principais, que são nomeados tanto em português quanto em kimbundu: canções (*mimbu*), adivinhas (*jinongo-nongo*), provérbios (*jisabu*) e narrativas (*misoso*, com quatro subcategorias distintas: fábulas, contos fictícios, casos tidos como verídicos e narrativas épicas)¹⁶⁷.

É com base nisso que a escolha pela abordagem de Fairclough, com seu enfoque na interseção entre discurso, mudança social e cultural, oferece uma lente analítica valiosa para compreender o papel da oralidade na literatura africana, particularmente no trabalho de Viriato. A defesa de que “o discurso é tanto um modo de ação (como as pessoas agem sobre o mundo e sobre as outras) como um modo de representação”¹⁶⁸, vislumbra como a obra do escritor por

¹⁶⁵ Como menciona Laranjeira (1995).

¹⁶⁶ Pinto (2019, p. 61).

¹⁶⁷ Pinto (2019, p. 62).

¹⁶⁸ Fairclough (2001, p. 91).

meio da inserção de elementos da tradição oral africana, atuou sobre a realidade, inserindo-se como prática significativa de representação e de significação do mundo angolano.

A oralidade, nesta perspectiva, constitui-se como um ato discursivo que problematiza e transgredir as convenções literárias, misturando, conforme Fairclough, "estilos formais e informais, vocabulários técnicos e não-técnicos" em uma nova configuração textual que reflete as dinâmicas da cultura e da sociedade: um meio poderoso de engajamento dialógico que "constitui e constrói esse mundo em significado"¹⁶⁹.

Outro recurso propositalmente tecido na estrutura do poema é a imagética. Em **“Mamã Negra (Canto da Esperança)”**¹⁷⁰, Viriato faz uma referência geográfica na qual delinea no texto o mapa da América, tanto na ordem quanto na posição dos lugares nos versos, como é possível mensurar na Figura 1:

Figura 1 - Imagética do Mapa da América em “Mamã Negra”



Fonte: Elaboradora pela autora com base na interpretação própria do poema

Ao mencionar locais específicos como as plantações da Virgínia, os campos das Carolinas, Alabama, Cuba e Brasil, Viriato convoca uma gama de imagens históricas e culturais associadas à exploração e à resistência negra, evocando um simbolismo que transcende a materialidade verbal e se insere no território da memória coletiva.

Nesta tese, a análise do discurso proposta por Eni Orlandi (2007a) e ampliada por Lagazzi (2010) nos oferece um arcabouço teórico capaz de entender como a *materialidade significativa* do poema — nesse caso, a fusão da linguagem verbal e não-verbal — não somente expressa uma relação direta com a história, mas também produz sentidos que se entrelaçam

¹⁶⁹ Fairclough (2001, p. 92).

¹⁷⁰ Ver poema completo nas páginas 51 e 52.

com a realidade vivida e percebida pelos sujeitos. A escolha desses locais específicos e sua ordenação no poema funcionam como uma materialidade significativa que "amplia a definição de discurso como relação entre língua e história"¹⁷¹.

Lagazzi (2011) salienta que a produção de sentidos é delimitada pela materialidade, mas essa delimitação não impede a emergência de múltiplas interpretações. No caso do poema "**Mamã Negra**"¹⁷², a menção aos locais cria um mosaico imagético que, embora ancorado em realidades específicas, permite uma leitura ampla sobre a diáspora africana e suas consequências. Sendo assim, a materialidade imagética do poema inclui elementos como a ordem dos locais mencionados e a posição destes nos versos, convidando o leitor a caminhar pelo percurso da diáspora e do legado da escravidão e do comércio transatlântico de escravizados, ampliando, ainda, nas reticências depois de "Brasil...", o horizonte imaginativo de onde, quando e como este percurso se encerra.

Portanto, conclui-se que a estrutura textual é um componente vital que transcende a mera organização das palavras, pois penetra profundamente no tecido das interações sociais e culturais, intrinsecamente ligada à "arquitetura do texto", que não só configura a apresentação de conteúdos, como também molda e é moldada pelas percepções e pelas relações sociais¹⁷³.

A polidez, as noções de face e o ethos são componentes críticos dessa estrutura, influenciando diretamente a maneira como os textos são percebidos, interpretados e valorizados dentro do contexto sociocultural e intertextual em que emergem¹⁷⁴, abrindo o espaço que se faz necessário para adentrar nas práticas discursivas que ligam a poesia à liberdade: o antissalazarismo.

4.2 ANTISALAZARISMO: a prática discursiva

Prática discursiva aqui não se opõe à prática social: a primeira é uma forma particular da última.

(Fairclough, 2001)

As três dimensões da Análise do Discurso Crítica são constituídas por um elo que as indissocia uma da outra: a prática discursiva. É aqui que são construídos os processos de produção, distribuição e consumo dos textos: "Todos esses processos são sociais e exigem

¹⁷¹ Lagazzi (2010, p. 173).

¹⁷² Ver poema completo nas páginas 51 e 52.

¹⁷³ Maingueneau (2001).

¹⁷⁴ Fairclough (2001); Wodak (2007); Benke & Wodak (2003); Wodak (2003); Meyer (2001); Wodak (2001a).

referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado”¹⁷⁵.

Essa abordagem é centrada nas atividades sociocognitivas realizadas pelos indivíduos durante suas interações, ou seja, no modo como o discurso opera, focada na organização da interação (seja na produção escrita ou falada, seja na recepção auditiva ou visual), e considerando os elementos externos à linguagem (como história, status social e cultura) que influenciam a formação do discurso.

Compreender essa dimensão envolve, sobretudo, interpretar, diferentemente da abordagem anterior, que é predominantemente textual e analítica. Aqui, a postura do analista deve ser interpretativa, ultrapassando a categorização linguística e compreendendo o dinamismo da interação que essas categorias facilitam.

Fairclough (2001) entende que a parte do procedimento que trata, inicialmente, da análise textual (ver subcapítulo 5.1), pode ser classificada como “descritiva”, enquanto as práticas discursivas e sociais, adentram no vasto campo da “interpretação”. Para ele, a interpretação é necessária em dois níveis, sendo o desta etapa o primeiro:

- a) Um nível é tentar construir um sentido para os aspectos dos textos, observando-os como elementos da prática discursiva, em particular como 'traços' de processos de produção textual (incluindo a combinação intertextual e interdiscursiva de elementos e de convenções heterogêneas), e como 'pistas' nos processos de interpretação textual.
- b) O outro nível de interpretação é uma questão de tentar-se construir um sentido dos aspectos dos textos e de nossa interpretação de como eles são produzidos e interpretados, considerando ambos, aspectos e interpretação, como encaixados numa prática social mais ampla.¹⁷⁶

O autor sugere ainda que aqui sejam observadas a produção, a distribuição e o consumo dos textos, prestando particular atenção à coerência, à força ilocucionária (ou seja, os macroatos de fala, a capacidade de realizar ações por meio de enunciados ou textos inteiros), ao contexto e aos níveis de intertextualidade e interdiscursividade.

A escolha do antissalazarismo como o aspecto discursivo transitório entre a poesia de Viriato e a culminância na independência de Angola em 1975, traduz-se pela nossa interpretação de que este aspecto atua como um vínculo que desvenda como a poesia se torna um veículo essencial na busca pela liberdade, refletindo os contextos de produção específicos em que essas expressões poéticas e políticas se desenvolveram, bem como os efeitos ocasionados pela conexão da poesia angolana com outros textos (intertextualidade) e outros discursos (interdiscursividade), analisados a seguir na primeira categoria da prática discursiva: a produção do discurso.

¹⁷⁵ Fairclough (2001, p. 99).

¹⁷⁶ Idem (p. 245).

4.2.1 A produção (intertextualidade e interdiscursividade)

A perspectiva analítica de produção refere-se à capacidade dos textos de conterem fragmentos de outros textos e de interagirem com outros tipos de discurso. Esses fragmentos podem ser claramente identificados ou integrados ao conteúdo do texto, que pode assimilar, contradizer ou ironicamente ecoar esses fragmentos, o que contribui para a compreensão das relações intertextuais e interdiscursivas em foco.

Tomando como ponto de partida a noção de Bakhtin (2000) de que os textos transformam textos anteriores e ressignificam as convenções vigentes com o objetivo de originar novos textos e, portanto, novas convenções, usamos como exemplo fidedigno da interação textual e discursiva o poema: “**Mamã Negra (Canto da Esperança)**”¹⁷⁷.

A intertextualidade estabelece um diálogo entre textos através da incorporação de elementos de um texto em outro, em “**Mamã Negra**”, essa técnica “ajuda a fazer história”¹⁷⁸, ao invocar, no último parágrafo, as figuras bíblicas de Cam e Jafé. Esta menção de Viriato refere-se à Bíblia Sagrada do Antigo Testamento, no livro de Gênesis¹⁷⁹, sobre a descendência de Noé, onde é criada uma rede de significados em torno da maldição de Canaã, filho de Cam e neto de Noé.

Essa narrativa bíblica tem sido historicamente interpretada (e muitas vezes distorcida) em discussões sobre raça e escravidão. Isso porque os três filhos de Noé mencionados na Bíblia (Sem, Cam e Jafé), que retornaram à vida para povoar o mundo¹⁸⁰, descobriram a nudez de seu pai, mas a reação deles diante disso motivou Noé a amaldiçoar a geração de um dos filhos. Depois de um dia longo de trabalho, Noé embebedou-se dos vinhos que produzia e desmaiou nu e descoberto, Cam, “pai de Canaã, vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos”¹⁸¹. Enquanto Cam ria-se daquele infortúnio, Sem e Jafé entraram de costas e cobriram seu pai com um cobertor¹⁸². Noé, ao acordar e descobrir o que Cam havia feito, amaldiçoou Canaã, seu filho, e disse: “Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos”¹⁸³.

O sentido da maldição de Noé, nessa referência de Viriato, dá-se pela suposição de quem, na história, descendeu do filho maldito. Sem daria origem aos israelitas (a palavra semita,

¹⁷⁷ Ver poema completo nas páginas 51 e 52.

¹⁷⁸ Bakhtin (2000).

¹⁷⁹ BÍBLIA, A. T. Gênesis. In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando Jorge Nunes. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

¹⁸⁰ Gênesis (10:1).

¹⁸¹ Gênesis (9:22).

¹⁸² Gênesis (9:23).

¹⁸³ Gênesis (9:25).

inclusive, deriva deste prefixo), os assírios, os elamitas, os arameus, os amonitas, os endomitas, os moabitas e os caldeus. A linhagem de Jafé seriam os persas, os romanos, os macedônicos e os citas. Já a maldita geração recaída sobre Cam seriam os: cananeus, babilônicos, cuxitas, fenícios e egípcios (camitas); os mesmos povos que ao longo da história humana enfrentaram a escravidão, primeiramente pelos assírios, persas, macedônios e romanos (semitas e jafetitas), e mais tarde no comércio transatlântico de escravizados (camitas), praticado por europeus (jafetitas) e árabes (semitas), exatamente pelas gerações de Sem e Jafé, tal como praguejou Noé¹⁸⁴.

A escolha que Viriato fez ao referir esse texto, especificamente quando menciona: “dramas de Cam e Jafé”¹⁸⁵, alegorias respectivas da África e da Europa, convoca o leitor a uma reflexão crítica sobre como narrativas passadas continuam a influenciar o presente, contribuindo para a redefinição e expansão do campo literário e do nosso entendimento sobre textos que moldam constantemente a nossa percepção sobre o mundo e sobre os outros.

Já no campo do interdiscurso, o poema articula vozes e experiências de várias partes do mundo para criar um discurso unificado sobre sofrimento, resistência e a aspiração por liberdade e justiça. Essa confluência de vozes ressalta a universalidade da experiência negra, enquanto reconhece suas particularidades locais e históricas.

Logo no segundo parágrafo do poema, Viriato faz uma série de referências que interconectam outros discursos ao seu, expresso nas “Vozes do Harlem District South” e “[...] na voz ativa de Langston / na bela voz de Guillén”, onde cita, especificamente, Langston Hughes – figura central do movimento afro-americano Harlem Renaissance¹⁸⁶ – e Nicolás Guillén, “poeta maior da Revolução Cubana”¹⁸⁷. Essas menções situam o poema dentro de um contexto mais amplo de luta e expressão negra em todos os cantos do mundo. A referência ao movimento artístico e cultural dos Estados Unidos e à poesia afro-cubana, elevam sua mensagem a outras dimensões através da interligação das lutas negras nas Américas.

O verso “Rebrilhantes dorsos... ressuscitados com Zumbi, em Toussaint alevantados” estabelece outra conexão interdiscursiva profunda, invocando a figura de Zumbi dos Palmares e de Toussaint L'Ouverture, líderes emblemáticos da resistência negra no Brasil e no Haiti, respectivamente. Essa menção não apenas honra essas figuras históricas como símbolos de luta e resistência, mas principalmente conecta o poema a uma vasta rede de discursos sobre luta por

¹⁸⁴ Interpretado pela autora com base empírica e teórica em: BLACKBURN, Robin. A construção do escravismo no Novo Mundo. Do Barroco ao Moderno 1492-1800. Rio de Janeiro: Record, 2003.

¹⁸⁵ Cruz (1961, p. 16).

¹⁸⁶ HUGGINS, Nathan. The Harlem Renaissance, New York, Oxford University Press, 1971.

¹⁸⁷ SCHWARTZ, Jorge. Las vanguardias Latinoamericanas. Madrid: Cátedra, 1991.

independência, resistência contra a opressão colonial e busca por dignidade humana e igualdade étnico-racial. A breve obra poética de Viriato é um exemplo eloquente de como a intertextualidade e a interdiscursividade operam para enriquecer o texto, abrindo portas para compreender o papel da distribuição na disseminação e na circulação desses discursos, analisados a seguir.

4.2.2 A distribuição

Para compreender do que trata a distribuição do discurso, é necessário primeiramente distinguir aquilo o que Fairclough (2001) denomina por cadeia intertextual e relação intertextual, em que, respectivamente, uma se refere às conexões entre textos que seguem uma ordem sequencial (sintagmáticas), e a segunda, da qual se trata a análise da produção feita na seção anterior, que não segue uma ordem (paradigmática). Ao especificar-se em quais cadeias intertextuais um tipo específico de discurso está inserido, estamos, neste momento, delineando sua distribuição.

O número de cadeias intertextuais é determinado pelo número de instituições e práticas sociais existentes no discurso, ou seja, pelo número de interações reais que ocorrem a partir de um texto que suscita outro(s). Essas cadeias variam de complexidade à medida em que os níveis de distribuição em outros textos ou outros gêneros são alcançados. Por exemplo: um discurso político é mais provável que se desdobre e se reveja em diferentes tipos de texto (matérias, críticas, artigos acadêmicos, comentários), do que uma conversa informal que geralmente varia apenas nas percepções dos agentes do discurso. São esses desdobramentos que compõem as cadeias intertextuais: “Assim, os diferentes tipos de textos variam radicalmente quanto ao tipo de redes de distribuição e cadeias intertextuais em que eles entram, e, portanto, quanto aos tipos de transformação que eles sofrem”¹⁸⁸.

Guiada por esse conceito, ao deparar-me com a curta-grande obra de Viriato, pude, finalmente, estabelecer um método teórico capaz de compreender as múltiplas cadeias intertextuais levantadas em *Poemas* (1961). A mestiçagem artesanal tecida com as mais diversas referências estéticas, artísticas e literárias buscadas no mar e além-mar, era “o caldo cultural que assistia à juventude crioula de Luanda quando surgiu a *Mensagem*”¹⁸⁹ (ver subcapítulo 3.1).

¹⁸⁸ Fairclough (2001, p. 167).

¹⁸⁹ Afirmção de João Paulo Simões, neto e tradutor do escritor luandense Maurício Gomes. Artigo: Maurício Gomes e a *Mensagem* angolana. Disponível em: <https://www.arrugamao.xn--svisto-bxa.com/2012/05/mauricio-gomes-xe-de-almeida-1-mauricio.html>. Acesso em: 21 de dezembro de 2023.

Tocadores, vinde tocar
 Marimbas, ngomas, quissanges
 Vinde chamar a nossa gente
 p'ra beira do grande mar!
 Sentai-vos, irmãos, escutai:
 Precisamos entender
 As falas da Natureza
 Dizendo da nossa dor,
 Chorando nossa tristeza.¹⁹⁰

Esse poema, que poderia ser facilmente um excerto da poesia de Viriato, é na verdade um apelo poético de outro escritor angolano da *Geração da Mensagem*, Maurício de Almeida Gomes, cujas semelhanças com “**Mamã Negra**”¹⁹¹, em: “brilhem, brilhem, batedores de jazz, rebentem, rebentem, grilhetas da Alma!”, ou com “**Sô Santo**”¹⁹², em: “Vamos chamar um kimbanda / Para 'Ngombo nos dizer / Se a sua grande desgraça / Foi desamparo de Sandu / Ou se é já própria da Raça...”, demonstram a unidade identitária e literária que se constrói diante da urgente criação de uma literatura genuinamente angolana.

Contudo, mas não contrariamente, quando se entendeu com a ADC que os textos do presente respondem a outros textos do passado, identificamos na poesia de Viriato uma grande teia de referências distribuídas desde as cantigas galego-portuguesas à poesia concreta brasileira, passeando por outros momentos da cultura ocidental e lusófona como o trovadorismo, o barroco, o arcadismo e o regionalismo do romantismo brasileiro. Apresenta-se, a seguir, um recorte em que é possível identificar algumas das várias cadeias intertextuais levantadas em Poemas (1961):

4.2.2.1 Cantigas Galego-portuguesas (Trovadorismo)

O foco na idealização do amor e na esperança de conquistar o inalcançável coração da figura feminina presente nas cantigas de amigo da lírica galego-portuguesa, ressoam no poema “**Namôro**”¹⁹³, principalmente na estrutura de diálogo íntimo, e ao mesmo tempo, distante, com a amada:

«Por ti sofre o meu coração»
 Num canto — SIM, noutro canto — NÃO.
 E ela o canto do NÃO dobrou

¹⁹⁰ Mourão (1978, p. 40).

¹⁹¹ Ver poema completo nas páginas 51 e 52.

¹⁹² Ver poema completo nas páginas 47 e 48.

¹⁹³ Ver poema completo nas páginas 54 e 55.

A arte dos trovadores galego-portugueses tem suas raízes na tradição do trovadorismo francês do século XII, que se espalhou rapidamente pela Europa cristã. Esses artistas provençais, cantando em sua língua vernácula (o oitânico) em vez de latim, estabeleceram os moldes artísticos e culturais que viriam a predominar nas cortes da nobreza europeia durante os séculos seguintes. Embora essa tradição trovadoresca em Portugal faça parte de um fenômeno europeu mais amplo, ela adquire características próprias, pois acrescenta um subgênero específico: a cantiga de amigo, percebida em “**Namôro**”¹⁹⁴ na persistência do eu-lírico, mesmo rejeitado, e na estrutura lírica-narrativa do poema, onde a lamentação amorosa e a esperança de retribuição situam-se como o dilema central¹⁹⁵.

4.2.2.2 Arcadismo

O idílio arcádico que transformou o que seria só mais um século no *século das luzes*, desenvolveu-se, principalmente, em dois aspectos: o poético e o ideológico¹⁹⁶. O primeiro encontra na simplicidade da natureza o caminho para felicidade, em aproveitar cada dia como se fosse o último (*carpe diem*), longe do caos urbano (*fugere urbem*) e do apego inútil às coisas materiais (*inutilia trunat*).

Tal como “no céu tão lindo! e no encanto da mata”, na “tanta beleza” que há no “cafezal” da “**Menina da roça**”¹⁹⁷; na “noite de breu”, no “quente da voz de suas avós”, na “beleza dos contos ancestrais” em “**Serão de menino**”¹⁹⁸, do bucolismo de uma vida campestre onde os meninos e suas avós possam cantar e viver livremente.

Mas também habita no ideológico, cuja essência da crítica à burguesia do século XVIII, reinsere-se também na “raiz” cuja “força” vem do “**Makèzú**”¹⁹⁹, não do “pão com chouriço” importado de Portugal; na “corrente de ouro que enfeita a pobreza” de “**Sô Santo**”²⁰⁰; no “bater compassado do aço de enxadas dos negros na tonga”, que de tanta tristeza fez “afundar os olhos de mel” da “**Menina da roça**”; no “drama vivo de uma raça, que a vida escreveu com a pena de séculos”, nas “gentes embaladas”, “ninadas” e “amamentadas” pelo “leite”, pela “bondade”, pela “poesia”, pela “música”, pelo “ritmo” e pela “graça” de “**Mamã negra**”²⁰¹.

¹⁹⁴ Ver poema completo nas páginas 54 e 55.

¹⁹⁵ Lopes, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]. Lisboa, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 21 de dezembro de 2023.

¹⁹⁶ Segundo a distinção feita por Bosi (1987).

¹⁹⁷ Ver poema completo nas páginas 49 e 50.

¹⁹⁸ Ver poema completo nas páginas 55 e 56.

¹⁹⁹ Ver poema completo nas páginas 45 e 46.

²⁰⁰ Ver poema completo nas páginas 47 e 48.

²⁰¹ Ver poema completo nas páginas 51 e 52-

4.2.2.3 Regionalismo (Romantismo brasileiro)

Uma grande referência ao outro lado do Atlântico²⁰² está na construção de uma atmosfera romântica, regada pela valorização da natureza e do seu indivíduo nativo, que dispersa, na verdade, o que seria o grande pano de fundo da escrita romântica no Brasil: um manifesto nacionalista para urgente missão de constituir a identidade da pátria e do povo brasileiro.

A bela e jovem *Inocência*²⁰³, de Visconde de Taunay, por exemplo, cuja imagem é revestida da simplicidade e hospitalidade sertaneja, revela uma realidade silenciosa vivida pela mulher do século XIX, regida pelo autoritarismo do pai ou do marido, suscitando numa obra aparentemente romântica questões como: o analfabetismo, o drama do casamento arranjado como acordo de negócios entre homens, a virgindade como símbolo da preservação de valores cristãos, e o racismo estrutural percebido na ocupação de lugares subalternos pelos personagens negros.

Já a *virgem dos lábios de mel*, *Iracema*²⁰⁴, de José de Alencar, retrata a beleza e pureza de uma mulher que se apaixona por um português e morre por isso, representando desde o anagrama (Iracema-América) uma alegoria do “descobrimento” da América, morta todos os dias pela própria ilusão que criou. Ou *Giórgia*, de *Noite na Taverna*²⁰⁵, de Álvares de Azevedo, que desvirginada ainda menina pelo seu próprio irmão, torna-se prostitua, vivendo uma vida de infelicidade que culmina no seu suicídio. Ou *Lucíola*²⁰⁶, que por mais insubmissa que fosse (e era!), viu-se obrigada a ceder às convenções sociais que esperavam dela subserviência ao marido, levantando debates feministas que somente um século depois começam a ganhar força.

Tal como *Iracema*, *Inocência*, *Lucíola* e *Giórgia*, a “menina da roça” – que nem digna de nome foi, exerce, mais do que parece, um contra-argumento ao Estado-Império de Salazar (ver capítulo 3), pois pode ser interpretada como uma alegoria de Angola no contexto pré-independência. A menina da roça, descrita como uma figura pura e esperançosa, simboliza a ingenuidade de Angola, que acreditou nas promessas do homem branco e agora anseia pelo dia que dele libertar-se-á.

O motorista, com quem a menina “tem um namoro”, pode ser visto como o povo angolano, aquele que terá a responsabilidade de conduzir o país para este grande dia. A angústia

²⁰² Como explica Mário António (1990), em *Reler África* e Soares (2023, p. 91).

²⁰³ TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. Campo Grande: IHG-MS, 2006.

²⁰⁴ ALENCAR, José de. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

²⁰⁵ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. *Noite na Taverna*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

²⁰⁶ ALENCAR, José de. *Lucíola*. 2. São Paulo: Editora Escala, 1887, 127 p.

que vive a menina que não dorme à espera do motorista, reflete a expectativa pungente de Angola por sua independência:

chega à janela
e na estrada branca
a vista alonga...
— «É o carro a vir?!»
Não... é o bater compassado
do aço de enxadas
dos negros na tonga...²⁰⁷

Essa espera é marcada por belas paisagens naturais e pela contemplação da natureza: “— «Que céu tão lindo! / e o encanto da mata!... /Ai, tanta beleza no cafezal...»”, o que pode ser interpretado como uma referência à riqueza e à beleza de Angola, mais um traço nacionalista marcante do enaltecimento da terra, da cultura e do povo angolano.

O “namoro” com o motorista sugere uma relação de afeto, mas também de dependência em relação àqueles que liderariam o movimento de independência. Por outro lado, o poema também destaca a tristeza e a incerteza que cercam essa espera, especialmente quando a menina da roça ouve um barulho na escuridão que se assemelha à chegada do carro, mas acaba sendo o pulsar acelerado de seu próprio coração, o que representa a incerteza e a frustração experimentada por Angola ao longo de toda sua história:

ouviu um barulho
na escuridão
— «O carro chegou!...»
Oh... é o pulsar
apressado
do seu coração.²⁰⁸

Por último, a estrofe final do poema enfatiza a saudade, o desejo de amar e o sofrimento que permeiam a experiência da menina da roça:

A menina da roça
escuta dorida
a triste canção que vem do rio.
Que vem do rio? — Que vem do peito:
[...]
Menina da roça — águas do rio
saudades da fonte... desejos de amar.²⁰⁹

Interpretado como uma metáfora das emoções conflitantes e das árduas lutas que Angola enfrentou durante sua luta pela liberdade, que até então aguardava o motorista que para este sonhado dia a conduziria. A metaforização e a simbologia transmitiram as emoções

²⁰⁷ CRUZ, Viriato. Rimance da menina da roça – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Idem.

conflitantes, a angústia e a esperança que acompanhavam a luta de Angola pela independência. Este poema, aparentemente singelo e romântico, revelou-se um arauto poético da liberdade e um convite à ação para o povo angolano.

4.2.2.4 Poesia Concreta

De caráter puramente experimental e visual, a poesia concreta surge, oficialmente, no Brasil dos anos 50, com figuras centrais do movimento de vanguarda, como: Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos. O conceito baseia-se na transformação do poema em um objeto visual, onde a forma contribui e completa o significado, explorando, acima de tudo, a materialidade da palavra e sua capacidade de criar formas, imagens e significados por meio da disposição gráfica dos versos²¹⁰.

O elo entre a imagética em "**Mamã Negra**"²¹¹, retratada anteriormente na análise da estrutura do texto²¹², e a poesia concreta, é estabelecido pela maneira como ambos utilizam a disposição das palavras e dos versos para comunicar aspectos essenciais de suas mensagens. A visualização do mapa da América a partir da posição e da ordem do texto, rompe com a linearidade tradicional – seja na narrativa histórica ou na estrutura poética – e permite uma nova compreensão da realidade cujo autor deseja representar.

Dessa maneira, a análise das múltiplas cadeias intertextuais presentes em *Poemas* (1961) conduz-nos a uma compreensão mais profunda do poder de distribuição do seu discurso ao longo de diferentes contextos, períodos e tradições literárias. Independentemente de ter partido ou não da intenção do autor, a amplitude das referências estabelecidas ressalta a complexidade e a riqueza das conexões intertextuais que transcendem as fronteiras geográficas e as barreiras do tempo. Explorar essas conexões provoca uma outra questão importante desta análise: como, quando e em quais contextos deu-se o consumo da poesia de Viriato? Por que este consumo a inseriu como um veículo de expressão, mas, principalmente, de transformação social?

4.2.3 O consumo

Um texto só é capaz de fazer sentido para alguém se for possível interpretá-lo. Com essa afirmação, a ADC pressupõe que a coerência não seja uma propriedade exclusiva do texto, e

²¹⁰ AGUILAR, Gonzalo. *Poesia Concreta Brasileira: As Vanguardas na Encruzilhada Modernista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

²¹¹ Ver poema completo nas páginas 51 e 52.

²¹² Ver página 59.

sim, do contexto, pois a natureza da prática discursiva é variável aos fatores sociais que a envolvem. Neste tópico, parte-se para compreensão de como o consumo interpretativo de Poemas (1961) foi influenciado por um contexto econômico, político e institucional particular.

4.2.3.1 Década de 60, a dissolução do “Império” e o início das Guerras Coloniais

A década que sedia a publicação da obra foi marcada por um período intenso de revolta das colônias africanas e do enfraquecimento da Ditadura portuguesa. Nessa altura, cada uma das principais colônias tinha instituído o seu movimento de libertação nacional, enquanto Portugal degingolava-se “num dos países mais pobres da Europa, envolvido em três guerras de guerrilha separadas e noutro continente”²¹³.

Apesar disso, o começo das guerras acabou por fortalecer o regime de Salazar, calando o escasso número de portugueses e colonos separatistas diante da instabilidade e desordem que se instaurava na metrópole. Principalmente em Angola:

o namoro de alguns sectores da população europeia com ideias autonomistas foi rapidamente abandonado, agora que as garantias de segurança implícitas na integração com a metrópole haviam assumido, de repente, grande significado.²¹⁴

Enquanto isso, na Índia, Portugal perdia a batalha contra a tropa indiana pela independência de Goa, até que em 1961 o último governador do Estado Português, general Vassalo e Silva, decretou a rendição incondicional às autoridades indianas, após uma derrota ultrajante que criou “uma vasta onda de indignação nacional na metrópole e nos colonos em África”²¹⁵.

Foi após essa crise de 1961 que Salazar sorrateiramente tentou atribuir a derrota à guarnição de Goa e às Forças Armadas. A impaciência da população que já se exacerbava desde as eleições presidenciais de 1958, quando a vitória ostensivamente fraudulenta do candidato salazarista Américo Thomaz contra o favorito, General Humberto Delgado, soma-se agora à comoção mundial com o assalto em alto-mar do navio Santa Maria, nas Caraíbas, e à dissidência interna liderada pelo Ministro da Defesa, general Júlio Botelho Moniz, revelando mais um escândalo que escancarou a fragilidade do regime²¹⁶. A crise Botelho Moniz expôs a

²¹³ MACQUEEN, Norrie. A descolonização da África Portuguesa – A revolução metropolitana e a dissolução do Império. Trad: Mário Matos. Editorial Inquérito: Portugal, 1998, p. 46.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ Idem.

²¹⁶ FERREIRA, José Medeiros. O Comportamento Político dos Militares: Forças Armadas e Regimes Políticos em Portugal no Século XX, Lisboa, Estampa, 1992, pp. 255-73.

ambiguidade nas relações entre as esferas civil e militar do Estado Novo, enquanto o crescente descontentamento com a gestão das guerras coloniais ameaçava o futuro da Ditadura.

O choque da perda de Goa, a revogação do Estatuto dos Indígenas e a conspiração de Botelho Moniz, culminam na insurreição de Angola o marco do princípio do fim do regime de Salazar. Tal como o fim da riqueza de São Santo, que agora desce a calçada, a mesma calçada que outrora subia. Cigarro apagado. Bengala na mão... Do que adianta a corrente de ouro que sai do bolso que não tem um tostão?

4.2.3.2 A independência de Angola

Da guerra colonial à independência, Angola vivenciou três grandes períodos: o primeiro, após o ímpeto de revolta em 1961, foi marcado pela ascensão da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e pela atuação improfícua do MPLA, que estava desorganizado internamente e sem apoio externo. Na segunda fase, de 1964 até cerca de 1970, foi a vez da FNLA enfrentar disputas internas que questionavam sua campanha guerrilheira, enquanto o MPLA, reorganizado e com apoio externo crescente, expandia suas operações para novas frentes.

Entre 1970 e 1974, a terceira fase expõe as tentativas frustradas do MPLA de conseguir apoio soviético e do Partido Comunista Português (PCP), seguido de conflitos internos, que rapidamente começam a afetar sua eficácia militar, enquanto a diplomacia da FNLA reerguia-se com o reconhecimento da Organização da Unidade Africana (OUA) e apoio financeiro dos Estados Unidos.

A crise militar e política em Angola resultou em uma série de eventos que levaram ao colapso do regime português. Mergulhado numa profunda crise, ameaçado pelo predomínio hostil do FNLA no norte de Angola e, mais tarde, atacado pela PIDE em Luanda, com a prisão de muitos integrantes, dentre eles, Agostinho Neto; o MPLA expulsa Viriato da Cruz, por “actos de indisciplina tendentes a prejudicar a unidade do movimento e inspirados por ambições pessoais de poder”²¹⁷.

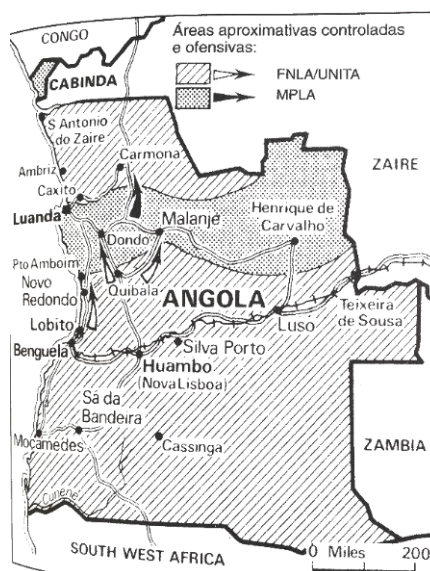
Outro ponto importante desse processo, diante do declínio do FNLA, foi a saída do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Jonas Savimbi, pertencente ao maior grupo étnico angolano: os Ovimbundus (cerca de 35% da população de Angola), que fundou a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola). Ao mesmo tempo as lutas em Cabinda e no norte angolano desciam para o leste e sudeste do país, com o MPLA anunciando a

²¹⁷ Declaração do MPLA extraída de DAVIDSON, Basil. *In the Eye of the Storm: Angola's People*, Harmondsworth Middlesex. Penguin Books. New York; 1972, p. 22.

dominação de zonas libertadas e realizando palestras para reforçar sua imagem política, tornando-se definitivamente “um partido de vanguarda”²¹⁸.

Sendo assim, o posicionamento dessas três forças militares às vésperas do 11 de novembro de 1975 distribuía-se da seguinte forma:

Figura 2 - Posicionamento MPLA, FNLA e UNITA em Angola (1975)



Fonte: Pinto (2019, p.741) e Tali (2001, p. 143)

Nos gritos angolanos ouvia-se: “Abaixo o colonialismo!”, e dos colonos: “Autonomia, sim! Independência, NÃO!”²¹⁹. Apesar das ostensivas portuguesas nos anos 70 e da utilização de estratégias semelhantes às dos Estados Unidos contra o Vietnã, cuja presença dos colonizadores permaneceu praticamente intacta²²⁰ em Angola antes, durante e após a guerra civil, a independência foi conquistada em 1975.

4.2.3.3 A independência da Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe

Faz-se necessário elaborar um breve panorama dos movimentos de libertação que aconteciam nas outras colônias, cujas influências moldaram os caminhos da independência de Angola, compondo o conjunto de significados determinantes da prática discursiva da obra de Viriato. A atuação das Forças Armadas Portuguesas contra as guerras nas colônias, entre 1961 e 1973, deu-se da seguinte forma:

²¹⁸ SOMERVILLE, Keith. *Angola: Politics, Economics, and Society*. University of Michigan: 1986, p. 37.

²¹⁹ Pinto (2019, p. 732).

²²⁰ MacQueen (1998).

Tabela 1 - Atuação das Forças Armadas Portuguesas e as Guerras (1961-1973)

	<i>Angola</i>	<i>Guiné-Bissau</i>	<i>Moçambique</i>
Força militar média	54.000	20.000	31.000
Duração da guerra	13 anos	11 anos	10 anos
Porcentagem de Europeus/Africanos	69% / 31%	84% / 16%	60% / 40%
Total de mortos	3.455	3.136	2.240
Mortos em combate	1.369	1.342	1.569
Média anual de mortes em combate	384	122	157

Fonte: Elaborado e adaptado pela autora com base nos números do Estado-Maior-General, publicado em Guerra (1993)²²¹

Diferentemente de Angola, que vivia sob conflitos ideológicos e militares internos, o movimento nacionalista na **Guiné-Bissau** possuía “uma estratégia fundamentada em preceitos políticos e militares claros”²²², conferindo uma coesão que resultou nas lutas mais intensas e organizadas entre as colônias. Conduzido pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), liderado por Amílcar Cabral, lança-se uma luta armada em 1963 que persistiria até a independência unilateralmente proclamada em 1973, reconhecida após a “Revolução dos Cravos”, no golpe de 25 de Abril de 1974, em Portugal.

Uma das estratégias mais bem-sucedidas foi a criação de uma administração que priorizasse serviços sociais nas áreas libertadas, com o objetivo de fortalecer o apoio popular e a legitimidade do movimento. *Por uma Guiné Melhor*²²³ lançou um programa de ação cívica onde “os recursos militares eram utilizados em obras públicas e o pessoal militar era destinado a tarefas de educação e serviços de saúde”²²⁴.

Cabo Verde, partilhando uma luta comum com a Guiné-Bissau sob a liderança do PAIGC, seguiu um caminho menos conflituoso. Esta vinculação ideológica entre os movimentos de libertação de Cabo Verde e da Guiné-Bissau refletia uma visão panafricanista e anticolonialista, que resultou na independência de Cabo Verde pouco tempo depois da Guiné, em 5 de julho de 1975.

Em **Moçambique**, nos anos que sucederam 1962, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) iniciou sua campanha armada contra o domínio português, sob a liderança de Eduardo Mondlane, e após seu assassinato, sob Samora Machel. A Frelimo, que

²²¹ GUERRA, João Paulo. Memórias das Guerras Coloniais. Porto: Edições Afrontamento, 1993. Estes números também são referenciados em Pinto (2019) e MacQueen (1998). Observa-se que 90% era composto pelo Exército português, sendo os outros 10% da Marinha e Força Aérea. Estes números não incluem milícias locais, que representavam cerca de 23.000 homens em todas as colônias, nem os militares da PIDE/DGS.

²²² MacQueen (1998, p. 58-59).

²²³ Fundamento do projeto político-militar de Spínola.

²²⁴ MacQueen (1998, p. 61).

começou a luta profundamente fragmentada, encerrou-a “com uma extraordinária unidade militar e ideológica”²²⁵, conduzindo operações de guerrilha que gradualmente expandiram seu controle sobre o território. O 25 de abril foi decisivo para acelerar o processo de independência, proclamada em 25 de junho de 1975, que abriu veredas para a implementação de um governo socialista.

Já o movimento de independência na menor colônia portuguesa, o arquipélago de **São Tomé e Príncipe**, foi relativamente pacífico, quando a liderança do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP)²²⁶, na figura de Manuel Pinto da Costa, conseguiu negociar, à luz do acordo que fizera Cabo Verde, a independência. O efeito dominó que previa Marcello Caetano sobre o imperialismo²²⁷, explica o que aconteceu para que o 12 de julho de 1975 chegasse. Dada a posição internacional que tomara o PAIGC e a “dispensabilidade” econômica de Cabo Verde para a metrópole, era improvável que Lisboa não acedesse ao pedido de São Tomé e Príncipe, uma vez que “estes territórios eram o menor dos problemas que se levantavam com a liquidação do Império Português”²²⁸.

O processo de independência desses países remodelou o mapa político da África, mas o questionamento maior aqui²²⁹ levantado é: este processo foi uma transição para Independência ou uma “descolonização”? Por que os portugueses aparecem como os únicos atores do processo político, tendo eles o poder de “colonizar” e “descolonizar” quando lhes é apetecido? “A verdade é mais simples: não houve descolonização, mas vitória dos africanos, que impuseram ao exército português a obrigação de resolver uma guerra que não podia ser ganha, porque já estava perdida”²³⁰.

No contexto da Análise Crítica do Discurso, ficou claro como os Poemas (1961) de Viriato enquadram as dimensões da produção, da distribuição e dos contextos que regeram o consumo das práticas discursivas de uma obra que rasgou caminho para grandes transformações sociais. É com isso que partimos para a última etapa de investigação deste trabalho, a prática social do discurso: momento que a poesia transgride as margens do papel e consoma o fim de 500 anos de colonização.

²²⁵ MacQueen (1998, p. 67).

²²⁶ Antigo Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP).

²²⁷ CAETANO, M. Minhas memórias de Salazar. Lisboa: Verbo, 1977.

²²⁸ MacQueen (1998, p. 152).

²²⁹ Embasado nos questionamentos de Pinto (2019) e Margarido (1980).

²³⁰ MARGARIDO, Alfredo. Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa, Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

4.3 LIBERDADE: a prática social

[...] como o texto se insere em focos de luta hegemônica, colaborando na articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos?

(Fairclough, 1997)

Neste último tópico, o discurso enquanto prática social é motivado e conduzido por dois fatores: a ideologia e a hegemonia. O primeiro é entendido por Fairclough (2008) como construções da realidade, significados particulares de encarar o mundo, as relações e as identidades, responsável por nortear o discurso para a restituição das relações de dominação. O segundo diz respeito à preservação (ou a extinção) de poderes de grupos dominantes.

A análise desta prática encontra no texto seu principal ponto de partida, pois só através dele é possível desvelar as estruturas de dominação, identificando os mecanismos que sustentam ou desafiam a ordem social estabelecida²³¹. É exatamente nele que estão codificados os discursos que refletem e moldam as dinâmicas sociais, o que o torna uma peça-chave na compreensão e na transformação da realidade.

Considerando que “a prática social é uma dimensão do evento comunicativo, da mesma forma que o texto”²³², tal qual a poesia de Viriato da Cruz foi uma ferramenta de conscientização e mobilização, entendemos que se faz necessário entender como a ideologia que desempenhou um papel central na vida e na obra do poeta angolano, contribuiu para a chegada do Dia da Liberdade.

4.3.1 A ideologia

Antes de iniciar a análise do ponto de vista ideológico, pergunta-se: o que é mesmo ideologia? Este foi um termo tradicionalmente vinculado ao marxismo²³³, que designava, conforme o materialismo de Karl Marx e Friedrich Engels (1982)²³⁴, aquilo o que sua etimologia traduz como uma ciência das ideias (ideo+logia)²³⁵, os juízos puramente especulativos que permeiam à sociedade. Considerado um dos conceitos mais polêmicos e controversos das ciências humanas: “é amplamente aceito que a noção de ‘ideologia’ deu origem a mais

²³¹ Resende (2004).

²³² Fairclough (2008, p. 99).

²³³ EAGLETON, Terry. Ideologia: uma introdução. São Paulo: Editora UNESP; Boitempo. 1997.

²³⁴ Ler ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. O manifesto comunista. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. 65 p.

²³⁵ Eagleton (1997).

dificuldades conceituais e analíticas do que provavelmente qualquer outro termo nas ciências sociais”²³⁶.

Também influenciada pela corrente marxista, a Análise do Discurso Crítica ressalta que embora não seja exatamente clara qual, como e por que determinadas concepções ideológicas conduzem à construção da narrativa, é que, mais uma vez, apoiamo-nos na defesa de Fairclough quando explica que quanto mais implícita sua manifestação, mais chances ela tem de operar diante da sociedade: “a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível”²³⁷.

Segundo ele, as ideologias no discurso refletem ainda as relações de dominação que podem ser facilmente observadas na realidade social, pois são:

Significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.²³⁸

Tendo isto em vista, Viriato da Cruz é muitas vezes reconhecido como o único e verdadeiro marxista angolano²³⁹, pois desde muito novo aderiu a essa ideologia política que moldou profundamente seu engajamento na luta pela independência. Isso fez com que suas poesias não fossem vistas só como meras composições artísticas, mas sim como manifestos ideológicos que ecoavam os princípios do marxismo nos meandros da revolução (ver capítulo 4). Como exemplo, o último poema da pequena-grande obra de Viriato, “**Mamã Negra (canto de esperança)**”²⁴⁰, transparece o apelo ideológico à liberdade da África-mãe.

A figura da mãe negra como o "drama vivo duma Raça", insere a voz desesperada dessa mãe que pode ser ouvida nos trabalhos árduos dos negros no campo, nas plantações, nas usinas em várias partes do mundo, da Virgínia ao Brasil, de Cuba às Carolinas, do Alabama ao Mississippi. Essas vozes representam a diáspora forçada vivida pelo continente desde a maldição da geração de Noé²⁴¹, quando menciona “Cam e Jafé”, à exploração resultada de sistemas modernos segregadores como o capitalismo.

Essa representação pode ser entendida pela colocação imaginária dos trabalhadores negros como a “classe oprimida”²⁴², e esta afirmação pode ser deduzida pelas menções aos “dorsos suados” e às “mãos calejadas” como uma reação física das condições de exploração e

²³⁶ ABERCROMBIE, Nicholas; HILL, Stephen; and TURNER, Bryan S. *The Dominant Ideology Thesis*. London: Allen & Unwin. 1984.

²³⁷ Fairclough (1989, p. 85).

²³⁸ Fairclough (2001, p. 117).

²³⁹ António (1990).

²⁴⁰ Ver poema completo na página 51 e 52.

²⁴¹ Iapetos (Jafé). Allen Ross, *A Tábua das Nações* (dissertação de doutorado não publicada: Seminário Teológico de Dallas), 1976, p. 365, citando Neiman, “Data e circunstâncias da maldição de Canaã”, p. 126.

²⁴² Ler Engles & Marx (1999).

opressão enfrentadas pelos trabalhadores: “a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, privados de meios de produção próprios, se veem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir”²⁴³.

A referência à força de Lynch – que segundo registros²⁴⁴, foi um proprietário de escravizados da região caribenha, reconhecido pelos métodos hediondos de tortura; nome que, inclusive, deu origem ao termo em português “linchar”²⁴⁵ – também evoca a violência sistemática infligida à classe trabalhadora, uma característica comum das sociedades modernas centradas no capital.

No verso: “a enxada é o seu brinquedo” pode ser entendido como uma poderosa metáfora que também se relaciona com os preceitos marxistas. Aqui, a enxada, um símbolo do trabalho árduo e muitas vezes exploratório dos trabalhadores rurais, é comparada ao “brinquedo”. Essa transformação do instrumento de trabalho em algo associado ao lazer e à infância sugere a ideia de que, sob um sistema mais justo, o trabalho deixaria de ser um fardo e se tornaria uma atividade mais digna, na qual as pessoas teriam tempo para, finalmente, viver. Essa referência à enxada pode também aludir ao símbolo central da bandeira comunista, que muitas vezes a apresenta como um dos emblemas representativos do duro trabalho do proletariado.

Outro sinal marxista é a retratação da música como um meio de evasão, criação e resistência, retratando a cultura popular que muitas vezes se desenvolve nas entranhas das classes oprimidas como uma maneira autêntica de expressar na arte tudo aquilo que faz sofrer um povo injustiçado pela própria história²⁴⁶. A música, nesse contexto, desempenha a missão quase humanitária de unir as pessoas e inspirar a solidariedade, valores fulcrais da ideologia marxista.

A esperança não em vão começa e termina o poema, expressa desde o título “canto da esperança” ao verso final da crença inabalável no “DIA DA HUMANIDADE”, momento em que a igualdade prevalecerá. A imortalidade da esperança refuta a maior ambição comunista de uma sociedade sem classes, na qual a exploração econômica e a opressão racial serão páginas passadas nos novos capítulos a serem escritos pelas novas gerações. Essa visão de um futuro mais justo e igualitário está alinhada com os princípios fundamentais do marxismo, que busca

²⁴³ Marx (1999, p. 40).

²⁴⁴ (Ver Anexo I) De acordo com A CARTA DE WILLIE LYNCH. Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lynch/>. Acesso em 2 de setembro de 2023.

²⁴⁵ Significado: “punir usando grande violência”. Etimologia: inglês [to] *lynch*, de *Lynch law*, lei de Lynch + in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/linchar>>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

²⁴⁶ Marx (1999, p. 40).

a emancipação da classe trabalhadora e a construção de uma sociedade centrada nas pessoas e nas relações entre elas.

Entender que o discurso é sim, ideológico, é imprescindível para analisar o principal objetivo deste estudo: como a formação discursiva em *Poemas* (1961) recria posições identitárias, uma vez que as “ideologias são, em princípio, *representações*, mas podem ser legitimadas em maneiras de *ação* social e inculcadas das *identidades* dos agentes sociais”²⁴⁷.

E se as ideologias estão intrinsecamente comprometidas com alguma pretensão de mudança, como defende Wodak (2008), é por meio da linguagem que se capilarizam e se enraízam essas mudanças. Ao mergulhar no vasto oceano que nos liga à vida e à obra de Viriato, torna-se evidente sua ligação umbilical à ideologia marxista, sendo a poesia a sua “enxada” de trabalho, que desafia as estruturas de dominação colonial e promove uma visão de Angola como uma nação livre e independente, onde as relações sociais e as identidades culturais são moldadas e orquestradas pela igualdade racial e humana.

Contudo, se há luta pela igualdade, há luta hegemônica! Essa afirmação conduz-nos à última questão que ousa responder esta pesquisa: como Viriato organiza e desorganiza a hegemonia cultural “difundindo sua própria ‘visão de mundo’ pelo tecido da sociedade como um todo, igualando, assim, o próprio interesse com o da sociedade em geral”²⁴⁸?

4.3.2 A hegemonia

Para a Análise do Discurso Crítica, a linguagem é um espaço de luta irregular de poder, e isso pode ser comprovado na cobiça constante por hegemonia, ou seja, na disputa pela “liderança tanto quanto pela dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico”²⁴⁹, manifestando-se em diferentes esferas da vida social e afetando instituições como a educação, os sindicatos, a família e a sociedade²⁵⁰.

O que Viriato faz em *Poemas* (1961) é exatamente desafiar as convenções hegemônicas, tirando o poder das mãos de quem sempre o teve para aquelas historicamente postas à margem. Isso é feito, principalmente, em três dimensões:

²⁴⁷ Como analisa e contextualiza o artigo científico de NEVES, Victor. *Musicistas e sua classe: uma aproximação marxista*. Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

²⁴⁸ Para Eagleton (1997, p. 108) conquistar a hegemonia é estabelecer liderança moral, política e intelectual na vida social.

²⁴⁹ Fairclough (2001, p. 122).

²⁵⁰ Fairclough (2008).

4.3.2.1 Subversão da lógica patriarcal na elevação da figura feminina

Diante de um sistema umbilicalmente patriarcal, Viriato subverte a ordem social que colocou o homem como gênero dominante e eleva, não ao mesmo plano, mas acima dele, a figura feminina, ao fazê-la assumir posições de protagonismo, liderança e poder. Por meio da representação de personagens femininas fortes, como a *Avó Ximinha*; ou a protagonista do poema "**Namoro**", detentora de pleno poder de decisão às investidas do homem apaixonado; bem como a África personificada no papel de mãe nutridora, sustentadora e provedora da vida, do solo, dos dorsos, do povo, da arte, do trabalho, da força, redefinem a narrativa de submissão da mulher que assume papéis de importância vitais na sociedade e na cultura.

4.3.2.2 Subversão da economia eurocêntrica na elevação da riqueza africana

Viriato embate o eurocentrismo que impregnou na concepção ocidental de que a Europa é artefato de riqueza, e apresenta o continente africano não como mero provedor de mão de obra e recursos naturais, mas como o legítimo detentor das riquezas indispensáveis para sobrevivência humana. Na evocação de cenários agrícolas: "canaviais", "arrozais", "cafezais", "seringais", "algodoais", e na escolha deliberada do alimento nativo Makèzú em detrimento das influências culinárias portuguesas, o autor ressalta a autonomia econômica e cultural africana, rejeitando a subordinação ao padrão europeu.

4.3.2.3 Subversão do progresso etarista na elevação da cultura ancestral

Contrariando a lógica etarista que insere na juventude o motor de progresso, Viriato, sempre na contramão, destaca o valor da ancestralidade e a sabedoria dos mais velhos. Quando insere as avós como as guias morais para as novas gerações – que por sua vez sentem medo – ele propõe uma visão de futuro enraizada na tradição e na experiência ancestral, invertendo a noção de que a inovação advém exclusivamente e impreterivelmente dos mais jovens.

Afinal, foram elas que diante de toda insegurança, medo e frustração que vivia Angola, erguem-na, encorajam-na e convocam-na para a luta, deixando para nós a última mensagem de Viriato reverenciada nesta pesquisa, inspiradora para ciência, mas principalmente para vida:

«— Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retem
— luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça»²⁵¹

²⁵¹ CRUZ, Viriato. Serão de menino – Poemas. Lobito. Coleção Cadernos Capricórnio, 25. 1974.

5 CONCLUSÃO

E Angola estava perdida com seus filhos perdidos nela. Estes procuram a Mãe e Angola clama por eles. A guerra ensinou-os, mais do que qualquer outra coisa, a não acreditarem em madrastas.

(Salvato Trigo, 1977)

O justo lugar da literatura africana está ainda por ser dado. É para lá que este estudo dissertativo caminha, demonstrando, antes de tudo, que a poesia de Viriato da Cruz não foi apenas um amontoado de palavras guardado na estante empoeirada do imenso e inexplorado acervo africano, mas uma ferramenta textual poderosa que transcendeu o óbvio e desafiou as estruturas da sociedade colonial no século XX.

Diante da necessidade de fazer com que a literatura se engajasse com a justiça e a equidade, num momento em que Angola vivia sob opressão e efervescência política, Viriato da Cruz desacomodou-a das barreiras que a separavam da liberdade. Com a breve nota biográfica que se elaborou no decorrer da pesquisa²⁵², tornou-se possível compreender o porquê da necessidade de debruçarmos os esforços sobre este autor e sobre tudo o que ele significou para a África livre que conhecemos hoje.

Aqui, pôde-se observar a profunda e complexa ligação entre ideologia, política, cultura, literatura e discurso, especialmente no contexto da Ditadura de Salazar em Angola, durante os longos anos da colonização portuguesa. A linguagem como “parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos da vida social”²⁵³, foi investigada em três etapas que desvendaram os baldrames da teia de influências que moldou o destino de Angola.

Primeiro, explorou-se as raízes do colonialismo português personificadas na figura de António de Oliveira Salazar, que dentre muitas ações, estabeleceu as bases para a exploração racial na África portuguesa com o Estatuto do Indigenato. Diante das pressões do “mundo-novo”, viu-se obrigado a alterar a rota das “Colônias” para as “Províncias Ultramarinas”, encontrando no além-mar do luso-tropicalismo brasileiro uma retórica aliada, que o ajudou a encobrir sua verdadeira natureza colonialista que jamais saíra de cena²⁵⁴.

Segundo, examinou-se como o grito da alma angolana em “Vamos Descobrir Angola!” deu origem a uma inquietude cultural que culminou na criação do MPLA, rasgando as veredas da revista Mensagem (1951-1952) que uniu poesia e angolanidade, momento que seu vigor poético se transmuta em fervor político²⁵⁵.

²⁵² Com base em Rocha, Soares e Fernandes (2008, 2023) e no *Jornal Angolano de Artes e Letras* (2023).

²⁵³ Fairclough (2003a, p. 3).

²⁵⁴ Com base em Pimenta (2010, 2013); Pinto (2019); Trigo (1977); e Castelo (1999).

²⁵⁵ Com base em Laranjeira (1995); Pinto (2019); MacQueen (1998); António (1990) e Trigo (1977).

E em terceiro, investigou-se o (re)nascimento do poeta-político na curta e infinda obra *Poemas* (1961), onde foi ponderada pelo tripé discursivo da Análise do Discurso Crítica, que avaliou a prática textual na poesia, a prática discursiva na luta antissalazarista e a prática social resultada na liberdade de Angola, em 1975²⁵⁶.

No texto, concluiu-se que as escolhas linguísticas, lexicais, semânticas e sintáticas do poeta compõem um arcabouço vívido do conhecimento e das crenças que constituem as identidades e as relações sociais. As palavras e imagéticas em *Poemas* (1961) coadunam para a perspectiva faircloughiana ao colocar a linguagem como uma força determinante de transformação social.

A primeira categoria analítica textual, o vocabulário, demonstrou como a escolha lexical do poeta em utilizar-se do quimbundo e da bantuização do português, atuaram ativamente como formas de resistência ao discurso colonial, pois questionou a narrativa de civilização e inseriu o indígena no mesmo estatuto civil, ético e moral do colonizador.

Para além da estética, revelou-se como as escolhas gramaticais estão profundamente enraizadas em contextos ideacionais, interpessoais e sociais. A criteriosa e estratégica utilização de tempos verbais empregadas por Viriato, envolve o leitor num sentimento urgente de mudança, ao mesmo tempo em que estabelece uma ponte indissociável entre o presente, o passado e o futuro, onde a força necessária para luta da juventude reside na ancestralidade.

A seleção de pronomes e formas de tratamento, mais que qualquer coisa, reflete sobre a estratificação social, as dinâmicas de poder e a despersonalização do indivíduo preto resultante do colonialismo, ao passo que a manipulação intencional da gramática desafia a autoridade colonial e suas ambições civilizatórias.

A análise da coesão evidenciou como este mecanismo pode ser utilizado em favor da fluidez e da articulação do discurso. Com o emprego estratégico de elementos coesivos (como a anáfora, a escolha lexical dentro de campos semânticos afins, o uso de antíteses e referências culturais), cria-se uma tessitura de progressão temática que imerge o leitor no contexto sociocultural angolano, enriquecendo sua experiência de leitura e engajando-o na mesma luta de Viriato.

Quando se finaliza a análise da prática textual, observa-se na estrutura do todo uma profunda inserção da oralidade, da tradição narrativa e da ruptura com a materialidade da palavra, apostando na sua capacidade de criar formas, imagens (e até um mapa!) por meio da disposição gráfica dos versos. O uso de travessões, aspas, verbos no imperativo, cantares

²⁵⁶ Com base em Cruz (1961, 1974 e 2013); Fairclough (1992, 2001); Wodak e Meyer (2001, 2003, 2008); (Maingueneau (2006); Chouliaraki (1999); Resende e Ramalho (2006); e Magalhães, Martins e Resende (2017).

populares, interjeições, vocativos e onomatopeias, conferem ritmo e vivacidade, fazendo com que o leitor pense que por trás daquela poesia, há vidas.

A habilidade de Viriato em mesclar métrica, sentido e ritmo, entoadas na voz onisciente do narrador, amplia a representação do cenário, preserva a memória coletiva e fortalece a identidade cultural. A abordagem de Fairclough, que considera o discurso como um modo de ação e de representação, ilumina o papel significativo da oralidade na literatura africana, evidenciando como a obra de Viriato atua sobre a realidade e se configura como uma prática significativa de representação e significação do mundo angolano.

Ao fim da análise textual, que é essencialmente descritiva, evoluiu-se para as múltiplas possibilidades abertas pela interpretação. Na prática discursiva, a investigação de como a produção, a distribuição e o consumo dos textos são motivados pelos ambientes econômicos, políticos e institucionais que os cercam, fazendo do poema um convite à ação para o povo angolano.

Compreendeu-se como Viriato articula a produção do seu discurso por meio do diálogo com outros textos e outros discursos, ressignificando narrativas passadas e unindo as vozes dos filhos da Mãe África partejados pelo mundo. Quando Noé amaldiçoa a geração de Canaã, é no solo dessa Mãe que esses filhos abandonados pelo pai encontram abrigo. A evocação intercontinental de figuras centrais da resistência negra, como Zumbi dos Palmares, Toussaint L'Ouverture, Langston e Guillén, bem como do aceno a movimentos culturais como o Harlem Renaissance e a poesia afro-cubana, o discurso interliga lutas globais que rugem os filhos pela liberdade.

Essas conexões intertextuais e interdiscursivas ampliam o entendimento que transborda o literário, recaindo pelas dinâmicas da opressão, do sofrimento, mas também da construção coletiva de esperança, refletindo a universalidade além-fronteiras da experiência convergida na dor dessa Mãe.

Identificou-se, ainda, as diversas cadeias intertextuais presentes em "Poemas (1961)", desvendando a complexidade do poder de distribuição do discurso de Viriato ao longo de contextos, períodos e tradições literárias distintas. A conexão com uma vasta gama de referências que vão desde as cantigas galego-portuguesas até a poesia concreta brasileira, faz com que seu texto transcenda as fronteiras geográficas e temporais, destacando-se como um testemunho vivo da riqueza literária, cultural e histórica que habita na lusofonia.

O consumo do seu pequeno escrito deu-se em meio ao caos da década de 60, marcada pela dissolução do Império que Portugal nunca deixara de construir, bem como pelo início das guerras em Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Viriato,

na sua guerrilha poética, lança um livro com seis poemas, capturando as vozes dos que clamavam por liberdade e justiça.

Por último, na dimensão social, compreendeu-se o poder da ideologia no texto, uma vez que ela contribuiu para a articulação, desarticulação e rearticulação das estruturas que tiraram a liberdade de Angola durante meio milênio. Balizado pela ideologia marxista e pela hegemonia cultural, a poesia de Viriato transgride as estruturas de dominação e os mecanismos que as sustentam.

Sempre na contramão do *status quo*, da ordem hegemônica desenhada pelo capitalismo e pela branquitude, Viriato resolve desafiar a lógica patriarcal que inseriu o homem como gênero dominante, colocando a mulher no justo lugar de poder que sempre foi dela. Além disso, confronta a economia eurocêntrica, atribuindo à África a verdadeira posse das riquezas imprescindíveis para a sobrevivência humana. Como se não bastasse, Viriato ainda questiona por que a noção etarista associa a inovação e o progresso à juventude, quando é na sabedoria dos ancestrais que encontramos a força necessária para lutar?

A oportunidade de poder responder a questões como estas sobre aquele que foi o continente mais violado pela história, contribui para a missão humanitária de reparar aquilo o que talvez seja irreparável. Desde a maldição da Terra de Canaã. Às expedições marítimas do rico continente europeu que ali encontrou uma fonte inesgotável de recursos naturais e humanos. À diáspora que obrigou e ainda obriga o povo a fugir das guerras tribais, da expansão dos impérios, da fome, da seca, da carência de tudo. À Conferência de Berlim (1884-1885) que repartiu sua terra e sua gente como “um pedaço de carne” aos lobos famintos.

Ao mais recente dado do Fundo Monetário Internacional²⁵⁷, em 2023, o qual atesta que os 10 países mais pobres do mundo estão em África (Burundi, Sudão do Sul, Somália, Malauí, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Moçambique, Níger, Libéria e Chade). Aos filhos dela que fora de lá estão: no crime, no tráfico, na favela, na rua, na periferia, na travessia da fronteira, no motor do navio escondido, na asa do avião agarrado. Mas também no jazz, no samba, na arte, no esporte, no cinema, na literatura. Ressoada na voz de Castro Alves, de Luther King, de Mandela, de Maria Firmina dos Reis, de Guillén, de Zumbi dos Palmares, de Langston, de Marielle Franco, de Bob Marley, de Chico César, de Carolina Maria de Jesus, na poesia-política de Viriato da Cruz.

²⁵⁷ “World Economic Outlook Database”. IMF.org. International Monetary Fund. 2023.

Por coincidência ou não do destino, este estudo é lançado à comunidade científica e à sociedade exatamente no ano em que se completam 50 anos da Revolução do 25 de abril de 1974: um grande passo que Portugal deu na reescrita de sua história.

Essa pesquisa é dedicada ao povo angolano e a todas as histórias que, diferente dessa que contamos, nunca poderão ser contadas, porque nem chegaram a ser vividas. O discurso aqui construído encontrou em Viriato da Cruz a voz representante das fábulas de muitas avós que não acalentaram seus netos, do leite das mães pretas que não amamentaram seus filhos, da infância que logo cedo virou labuta, dos guerrilheiros que não colheram os frutos da sua luta.

REFERÊNCIAS

A CARTA DE WILLIE LYNCH. Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lynch/>. Acesso em 2 de setembro de 2023.

AA.VV. O Estado Novo. **Das origens ao fim da autarcia**, 1926-1959 (2 volumes). Lisboa: Fragmentos, 1987.

ABERCROMBIE, Nicholas; HILL, Stephen; and TURNER, Bryan S. **The Dominant Ideology Thesis**. London: Allen & Unwin, 1984.

ADOLFO, S. P. Noz de cola In: _____. Mbanza Congo. Disponível em: <http://mbanzakongo.blogspot.com/2009/08/noz-de-cola.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

AGUILAR, Gonzalo. **Poesia Concreta Brasileira: As Vanguardas na Encruzilhada Modernista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ALENCAR, José de. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991
_____. **Lucíola**. 2. ed. São Paulo: Editora Escala, 1887. 127 p.

AMÉRICO, Boavida. **Angola: Cinco Séculos de Exploração Portuguesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

ANTÓNIO, Mário. **Reler África**. IAUC, 1990.

ANTT, PIDE, **Proc.º Viriato da Cruz**, n.º 1153/51, doc. 479-489.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. **Noite na Taverna**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
_____. **Os gêneros do discurso**. In: _____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.

BÍBLIA. Gênesis. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de Fernando Jorge Nunes. 3. ed. São Paulo: Editora NVI, 2023.

BLACKBURN, Robin. **A construção do escravismo no Novo Mundo. Do Barroco ao Moderno 1492-1800**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOSI, Alfredo. **Cultura como tradição**. In: BORNHEIM, G. et al. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: Funarte, 1987. p. 33-57.
_____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

CAETANO, M. **Minhas memórias de Salazar**. Lisboa: Verbo, 1977.

CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo**. O Luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa. Porto, Edições Afrontamento, 1999.

CHATELAIN, H. **Fifty Tales, with Ki-Mbundu Text Literal English Translation Introduction, and Notes**. Honolulu: University Press of Pacific, 2001.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

CORREIA, António Augusto Mendes. **Raças do Império**. Porto: Portucalense, 1943.

CRUZ, Manuel Braga. **As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo**. Lisboa: Presença/GIS, 1980.

CRUZ, Viriato. **Poemas**. Capa: Luandino 60. 1.ª Edição: Casa dos Estudantes do Império. Coleção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961.

Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras. Ano VIII, Nº 251, Semana de homenagem a Viriato da Cruz. 7 de junho de 2023.

_____. **Poemas**. Lobito, Coleção Cadernos Capricórnio, 25, 1974.

_____. **Poemas**. Vila Nova de Cerveira: NósSomos; Luanda: NósSomos, Coleção Poesia. ISBN 978-989-8563-13-2, 2013.

DAVIDSON, Basil. *In the Eye of the Storm: Angola's People, Harmondsworth Middlesex. Penguin Books*. New York; 1972, p. 22

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/linchar>>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Editora UNESP; Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse, Textual analysis for social research*. Londres/Nova York: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. **Discurso e mudança social**. Coord.trad.; revisão e prefácio à ed. brasileira de Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Introdução: A Análise de Discurso Crítica**. DELTA, 21: Especial, 2005b.

_____. *Language and Power*. Londres: Longman, 2001.

FEDATTO, C. P. **Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

FERREIRA, José Medeiros. **O Comportamento Político dos Militares: Forças Armadas e Regimes Políticos em Portugal no Século XX**. Lisboa: Estampa, 1992. p. 255-273.

FREYRE, Gilberto. **Aventura e Rotina: Sugestões de uma Viagem à procura das Constantes Portuguesas de Caráter e Ação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

_____. **Integração Portuguesa nos Trópicos**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1958.

_____. **O Luso e o Trópico: Sugestões em torno dos Métodos Portugueses de Integração dos Povos Autóctones e de Culturas Diferentes da Europeia num Complexo Novo de Civilização, o Luso-tropical**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.

_____. **O mundo que o português criou**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

_____. **Um Brasileiro em Terras Portuguesas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

GEORGEL, Jacques. *Le Salazarisme - Histoire et bilan*. Paris: 1981.

GUERRA, João Paulo. *Memórias das Guerras Coloniais*. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.

HASAN, R. *Text in the Systemic-functional Model*, in: Dressler, W. (org), Current Trends in Text linguistics. Berlin: Walter de Gruyter, 1978.

HUGGINS, Nathan (Ed.). *Voices From the Harlem Renaissance*. New York: Oxford University Press, (1976) 1995.

HUGGINS, Nathan. *The Harlem Renaissance*. New York: Oxford University Press, 1971.

International Monetary Fund (FMI). *World Economic Outlook Database*. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2023/April>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

LAGAZZI, S. *Linha de passe: a materialidade significativa em análise*. Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, n. 16, v. 2, 2010. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 16 jan. 2016.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Universidade Aberta: Lisboa, 1995.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 21 dez. 2023.

LUFT, C. P. *Minidicionário Luft*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MACEDO, Tânia. *O império colonial português e sua retórica*. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin; SILVA, Rejane Vecchia da Rocha e (org.). *Literatura e memória política: Angola, Brasil, Moçambique, Portugal*. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

MACQUEEN, Norrie. *A descolonização da África Portuguesa – A revolução metropolitana e a dissolução do Império*. Tradução de Mário Matos. Portugal: 1998.

MAGALHÃES, Izabel. *Análise do discurso publicitário*. Revista da ABRALIN, v.4, n.1 e 2, 2005a, p. 231-260.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1997.

_____. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Tradução de Márcio Barbosa e Maria Emília Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MARTINS, André; MAGALHÃES, I; RESENDE, V. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARX, Karl e ENGELS, F. *L'ideologie allemande. Conception matérialiste et critique du monde*. In: *Karl Marx, Œuvres. Éd. établie par Maximilien Rubel*. Paris: Gallimard, vol. III: Philosophie. 1982.

MEDINA, João. **Salazar e os fascistas**. Lisboa: Bertrand, 1978.

MEDINA, João. **Salazar em França**. Lisboa: Ática, 1977;

MENEZES, Filinto Elísio de. **Apontamentos sobre a poesia de Angola**. Luanda: Sociedade Cultural de Angola, 1949.

MEYER, M. *Between theory, method and politics: positioning of the approaches to CDA*. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2001. p. 14-31.

Ministério das Colónias - **Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique**, Decreto n.º 12.533, de 23 de outubro de 1926; Ministério do Ultramar - **Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique**, promulgado por decreto-lei n.º 39.666, de 20 de maio de 1954.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **A Sociedade Angolana através da Literatura**. São Paulo: Ática, 1978.

ORLANDI, E. **À flor da pele: indivíduo e sociedade**. In: MARIANI, B. (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PACHECO, Carlos. Agostinho Neto, o Perfil de um Ditador. **A História do MPLA em Carne Viva**, 2 vols. Lisboa, Vega Editora, 1.ª edição, 2016 (ISBN 978-972-699-988-1).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIMENTA, Fernando Tavares. **A Ideologia do Estado Novo, a Guerra Colonial, e a Descolonização em África, in Historiografias Portuguesa e Brasileira no século XX**. Olhares Cruzados, João Paulo Avelãs Nunes e Américo Freire (coordenação), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Getúlio Vargas, p. 53-79, 2013.

_____. **Portugal e o Século XX. Estado-Império e Descolonização, 1890-1975**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

PINTO, Alberto Oliveira. **História de Angola da Pré-História ao Início do Século XXI**. 3.ª edição. Lisboa: Mercado de Letras Editores, 2019.

PINTO, António Costa. **O salazarismo e o fascismo europeu**. Lisboa: Estampa, 1992. CRUZ, Manuel Braga. *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*. Lisboa: Pre-sença/GIS, 1980. _____ **O salazarismo e o fascismo europeu**. Lisboa: Estampa, 1992.

RIBEIRO, F. **A matéria do tempo**. 2006. Disponível em: <https://amateriadotempo.blogspot.com/2006/05/makz.html>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ROCHA, Edmundo. **ANGOLA, Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano**, período de 1950-1964, Lisboa; Luanda, Autor; Kilombelombe, 2003.

ROCHA; SOARES; FERNANDES, Edmundo; Francisco; Moisés. **Viriato da Cruz - O Homem e o Mito**. Luanda: Chá de Caxinde. (2008-2023).

ROSAS, Fernando. **O Estado Novo nos Anos Trinta. Elementos para o estudo da natureza económica e social do salazarismo (1928-1938)**. Lisboa: Estampa, 1986.
_____. **Portugal entre a Paz e a Guerra**. Estudo do impacte da Segunda Guerra Mundial na economia e na sociedade portuguesas (1939-1945). Lisboa: Estampa, 1990.

SANTE, M. K.; MAZAMA, A. **Encyclopedia of African Religion**. Thousands Oaks: SAGE, 2009.

SANTILLI, M. A. **Contornos literários**. São Paulo: Ática, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZ, Jorge. **Las vanguardias Latinoamericanas**. Madrid: Cátedra, 1991.

SIMÕES, João. **Maurício Gomes e a Mensagem angolana**. A ruga e a mão - Ensaio de estranheza, pesquisa e reflexão, 2012. Disponível em: <https://www.arrugamao.xn--svisto-bxa.com/2012/05/mauricio-gomes-xe-de-almeida-1-mauricio.html>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SOMERVILLE, Keith. **Angola: Politics, Economics, and Society**. University of Michigan: 1986, p. 37.

TALI, Jean-Michel Mabeko - Dissidências e Poder de Estado. **O MPLA perante si próprio (1962- 1977)**, vols. I e II, Luanda, Editorial Nzila, 2001, 473 e 334 p.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. Campo Grande: IHG-MS, 2006.

TORGAL, Luís Reis. **Estados Novos, Estado Novo**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

TRIGO, Salvato. **Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa**. Coleção: Literaturas Africanas, volume 1. Brasília Editora Porto, 1977.

WODAK, R. **‘Doing Europe’: the discursive construction of European identities**. In: MOLE, R. C. M. (Ed.). **Discursive constructions of identity in European politics**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007. p. 70-94.

_____. **Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. Linguagem em (Dis)Curso, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2010.

_____. **The discourse-historical approach**. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of critical discourse analysis**. London: Sage, 2001a. p. 63-94.

WOOLF, Stuart. **European Fascism**. Londres: 1968.

WRIGHT, George (1997). *The Destruction of a Nation: United States Policy Towards Angola Since 1945*. Londres: Pluto Press. 238 páginas. ISBN 0-7453-1030-3.

ANEXOS

ANEXO I - A CARTA DE WILLIE LYNCH

“Verifiquei que entre os escravos existem uma série de diferenças. Eu tiro partido destas diferenças, aumentando-as. Eu uso o medo, a desconfiança e a inveja para mantê-los debaixo do meu controle. Eu vos asseguro que a desconfiança é mais forte que a confiança e a inveja mais forte que a concórdia, respeito ou admiração.

Deveis usar os escravos mais velhos contra os escravos mais jovens e os mais jovens contra os mais velhos. Deveis usar os escravos mais escuros contra os mais claros e os mais claros contra os mais escuros. Deveis usar as fêmeas contra os machos e os machos contra as fêmeas. Deveis usar os vossos capatazes para semear a desunião entre os negros, mas é necessário que eles confiem e dependam apenas de nós.

*Meus senhores, estas ferramentas são a vossa chave para o domínio, usem-nas. Nunca percam uma oportunidade. Se fizerdes intensamente uso delas por um ano o escravo permanecerá completamente dominado. O escravo depois de doutrinado desta maneira permanecerá nesta mentalidade passando-a de geração em geração.”*²⁵⁸

²⁵⁸ Fonte: Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lynch/>. Acesso em 2 de setembro de 2023.

ANEXO II – PROCESSOS PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado)

ANTT

PIDE/DGS

Processo 1153/51 – SR

Doc. 473

Data: 26 de Dezembro de 1952

Proveniência: ofício nº 5920- SR da PIDE/Lisboa para Comandante do Corpo da PSP de Angola [confidencial]

Assunto: sobre Viriato da Cruz

(...) Viriato Francisco Clemente da Cruz é elemento declaradamente comunista sendo, por isso, de toda a conveniência mantê-lo sob rigorosa vigilância, cujos resultados muito agradecia se dignasse ir-nos dando conhecimento.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 472

Data: 23 de Maio de 1953

Proveniência: Comandante da segunda secção do Comando da PSP de Angola

Assunto: sobre Viriato da Cruz

(...)

Viriato Francisco Clemente da Cruz, solteiro, nascido a 25 de Março de 1928, filho de Francisco da Cruz e de Clementina da Cruz, natural da freguesia de Santo António, concelho de Porto Amboim, distrito do Cuanza-Sul (...) com outros formaram o agrupamento denominado Movimento dos Novos Intelectuais de Angola [MNIA]

Processo 1153/51 – SR

Doc. 471

Data: 10 de Janeiro de 1954

Proveniência: Jornal *República*

Assunto: sobre SCA

A Sociedade Cultural de Angola que, em Luanda, está desenvolvendo um interessante movimento de formação intelectual e artística, criou a secção de Arte Fotográfica (...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 466/469

Data: 09 de Fevereiro de 1954

Proveniência: ofício nº 399/2ª/945-SS do Comando da PSP de Angola [confidencial]

Assunto: sobre corpos gerentes SCA

(...)

Vogais suplentes

Viriato Francisco Clemente da Cruz, filho de Abel Francisco da Cruz e de Clementina Clemente da Cruz, nascido a 25 de Março de 1928, em Porto Amboim, solteiro.

(...) é elemento declaradamente comunista.

Continua a chefiar a Secretaria da Escola Industrial de Luanda, por o proprietário do lugar estar de licença na Metrópole. A sua verdadeira categoria é de aspirante.

Faz parte do grupo intitulado “Novos Intelectuais de Angola”

Tem sido exercida vigilância por esta polícia, nada consta de concreto sobre essas actividades

Processo 1153/51 – SR

Doc. 465

Data: 30 de Setembro de 1957

Proveniência: ofício nº 146/57-SR da PID Angola para PIDE/Lisboa [confidencial]

Assunto: sobre VC

(...) a bordo do paquete “Uíge”, que hoje dia 30 parte desta cidade com destino a Lisboa, viaja o nacional, Viriato Francisco Clemente da Cruz (...) com residência nesta cidade, que se encontra referenciado nos arquivos dessa direcção.

O citado indivíduo que aí na Metrópole vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica, faz parte de um grupo intitulado “Novos Intelectuais de Angola”, de tendências separatistas.

Presentemente ocupa p lugar de ajudante de guarda livros da firma “Singer” desta cidade.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 464

Data: 23 de Outubro de 1957

Proveniência: Inspector da PIDE/ Lisboa [urgente]

Assunto: sobre VC

Queira averiguar qual o paradeiro e que actividade terá desenvolvido desde a sua chegada e que veio fazer à Metrópole, Viriato Francisco Clemente da Cruz, desembarcado do Uíge em 12 deste mês, o qual declarou ir para o Hotel Universo desta cidade.

Trata-se dum indivíduo de cor e que tem ligações com Carolina Noémia Abranches de Sousa, residente na rua de Campolide, 197 1º eq.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 463

Data: 2 de Dezembro de 1957

Proveniência: Agente da PIDE/ Lisboa

Assunto: Relatório sobre VC

(...) o epígráfico não esteve hospedado no Hotel Universo e a ligação que tem com a Carolina, segundo ela diz, resume-se unicamente a um encontro casual que ambos tiveram na rua.

Esta senhora ignora por completo o paradeiro do indivíduo em questão (...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 461

Data: 4 de Dezembro de 1959

Proveniência: Surveillance Francesa [tradução] para a PIDE/Lisboa

Assunto: VC em Moscovo

(...) uma missão de africanos e de brasileiros (em número de 10) se deslocaram a Moscovo em 9/10/1958 para um congresso.

Entre eles figuram:

Santos, por Moçambique [Marcelino dos Santos]

Veritas de Cruz, por Angola [Viriato da Cruz]

Processo 1153/51 – SR

Doc. 459

Data: 17 de Dezembro de 1958

Proveniência: ofício 7.723-SR da PIDE/ Lisboa para PIDE/Luanda [urgente]

Assunto: sobre paradeiro de VC

(...) se é conhecido nessa cidade o actual paradeiro do nacional Viriato Francisco Clemente da Cruz

Processo 1153/51 – SR

Doc. 458

Data: 06 de Janeiro de 1959

Proveniência: escritório 10.SR da PIDE/ Angola para PIDE/Lisboa [confidencial]

Assunto: sobre paradeiro de VC

(...) o mestiço Viriato Francisco Clemente da Cruz saiu da firma “Singer” sem se despedir ou fazer quaisquer contas com a mesma, a fim de receber o seu salário, tendo embarcado no paquete “Uige”, a 30 de Setembro de 1957, com destino a Lisboa.

Reside em Luanda uma irmã deste indivíduo a qual declarou desconhecer o seu paradeiro, por o mesmo não ter escrito.

Na firma “Singer” constou, por alguém ter dito, que o Viriato da Cruz estaria em Madrid ou Paris, mas tal informação não foi possível confirmar.

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 458

Data: 04 de Fevereiro de 1959

Proveniência: escritório 772.SR da PIDE/Lisboa para o Ministério do Ultramar [confidencial]

Assunto: sobre escritores africanos em Moscovo

(...)

[Mário de Andrade] faz parte de um grupo de estudantes africanos que vivem na rua Cujas, 16, em Paris, que se vêm dedicando à expansão das doutrinas comunistas através do Continente Africano, com vista a fomentarem separatismo na população indígena. Desde 1950 que está referenciado como elemento comunista e, em Julho/Agosto de 1957, intitulando-se “representante” de Angola, tomou parte no “VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes para a Paz e Amizade”, que se realizou em Moscovo. Em Junho do ano findo, (...) proferiu uma conferência num clube comunista de Bruxelas que usa a designação de “Cercle Internacional”, sob o tema “Portugal e a sua política colonial”, onde demonstrou a falta de escrúpulos que é apanágio dos comunistas, injuriou, servindo-se insidiosamente das maiores falsidades, a política ultramarina portuguesa.

(...)

Acerca de Viriato Francisco Clemente da Cruz (...) está referenciado desde 1952, como fazendo parte do grupo intitulado “Novos Intelectuais de Angola” de tendências acentuadamente separatistas. Em de Setembro de 1957 (...) saiu de Luanda e depois de permanecer alguns dias em Lisboa, dirigiu-se depois para Paris, tudo indicando que se tenha juntado a Mário de Andrade e a Marcelino dos Santos.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 454

Data: 05 de Fevereiro de 1959

Proveniência: escritório 793.SR da PIDE/ Lisboa para Chefes de Postos da PIDE, com conhecimento à DPI [confidencial]

Assunto: sobre paradeiro de VC

Logo que se verifique a entrada em território nacional do mestiço Viriato Francisco Clemente da Cruz (...) deve comunicar o facto a esta Direcção pela via mais rápida, indicando o local para onde foi residir (...).

Processo 1153/51 – SR

Doc. 445

Data: 30 de Junho de 1959

Proveniência: escritório 432/59-SR da PIDE/ Angola para PIDE/Lisboa

Assunto: sobre participação no 2º congresso de escritores e artistas negros

(...) participaram no 2º Congresso de escritores e artistas negros [Roma], os seguintes indivíduos:

Mário de Andrade e L. Lara de Angola e Marcelino dos Santos e V. da Cruz de Moçambique
(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 441

Data: 03 de Março de 1960

Proveniência: ofício 139/960-GAI da PIDE/ Angola para PIDE/Lisboa [confidencial]

Assunto: sobre fixação de angolanos em Conakry

(...) vai constituir-se em Conakry um comité, do qual fazem parte um tal Hugo de Menezes, médico na República de Guiné, Mário Pinto de Andrade e Viriato da Cruz, que terá por objectivos fomentar e coordenar a acção dos movimentos clandestinos das diferentes províncias ultramarinas portuguesas.

Esse comité ficaria em ligação à Liga Anticolonialista, por intermédio de Lúcio Lara, que consta encontrar-se presentemente na Alemanha Federal.

Mais consta que o Matias Miguéis deixou recentemente Ponta Negra, onde tem residido e desenvolvido intensa actividade apoiando os movimentos clandestinos em Angola, encontrando-se de momento em Acra.

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 304

Data: 11 de Outubro de 1961

Proveniência: de serviços secretos franceses (?)

Assunto: sobre Viriato da Cruz

O negro português Viriato Clemente da Cruz (...) dirigente do MPLA, comunista notório, circula na África Negra sob a identidade de Alfred Silla, graças ao passaporte de complacência 1189/61 emitido na Guiné, em 26/6/1961.

Deslocou-se ao Congo por volta de 13 de Setembro sob esta identidade

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 182

Data: 24 de Abril de 1964

Proveniência: PIDE/ Posto de Noqui, relatório imediato

Assunto: sobre Viriato da Cruz

O Viriato da Cruz já foi admitido na UPA

Processo 1153/51 – SR

Doc. 180

Data: 27 de Abril de 1964

Proveniência: PIDE/ Posto de Noqui, relatório imediato [confidencial]

Assunto: sobre Viriato da Cruz

Junta-se fotocópia do panfleto do GRAE [comunicado 44 de 21 de Abril de 1964]

Le MPLA dirige par Viriato rejoint le FNLA

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 175

Data: 09 de Maio de 1964

Proveniência: PIDE/ Posto de Noqui, relatório imediato [confidencial]

Assunto: sobre Viriato da Cruz

1. Estava prevista a chegada de Viriato da Cruz a Léo no dia 9 de Maio.
2. Mário de Andrade teria recebido convite para se deslocar a Léo a fim de se avistar com membros do GRAE

Processo 1153/51 – SR

Doc. 169

Data: 014 de Maio de 1964

Proveniência: DGNPAI/MNE para a PIDE/Lisboa

Assunto: sobre Viriato da Cruz

(...) Viriato da Cruz – chefe da ala do MPLA que aderiu à FNLA, regressaria em breve ao Congo, sendo acompanhado de 200 angolanos treinados na Argélia.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 167

Data: 11 de Junho de 1964

Proveniência: PIDE/ Posto de Noqui, relatório imediato [confidencial]

Assunto: sobre Viriato da Cruz

A conduta de Viriato da Cruz teve má repercussão. Há ressentimentos na FNLA devido a esse facto.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 164

Data: 29 de Junho de 1964

Proveniência: internacional

Assunto: sobre Viriato da Cruz

Nous vous faisons connaitre que:

Da Cruz Viriato da Cruz (...) a pris un contact avec l'Ambassade de la Republique Populaire Chinoise lors d'un récent passage à Paris.

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 152

Data: Julho de 1964

Proveniência: *Quatrième Internationale* [traduzido pelo Gabinete de Estudos da PIDE]

Assunto: Viriato da Cruz na FNLA

Viriato da Cruz, que foi durante longos anos secretário da organização do MPLA, juntou-se à FNLA, dirigida por Holden Roberto. Segundo o New York Times, de 22 de Abril, isto é um passo em frente no sentido de uma radicalização da FNLA

Processo 1153/51 – SR

Doc. 151

Data: 07 de Agosto de 1964

Proveniência: DGNPAI/MNE para PIDE/Lisboa

Assunto: Viriato da Cruz, a FNLA e Savimbi

(...)

2. Veio a apurar-se que Savimbi, incompatibilizado com Roberto há pelo menos três meses, preparava a criação de um movimento próprio no que seria secundado pelos elementos novos e progressistas da UPA. Em contrapartida, Roberto teria a seu lado aqueles a quem se convencionou chamar os “ministros congolese”, que seriam Pinock, Kunzika e Dombele.
 3. Savimbi teria o apoio da UNEA, de Duarte Florentino e, ao que parece de Artho, conselheiro suíço de Roberto.
 4. Quando Viriato da Cruz, entrou para a FNLA, fê-lo com a oposição de Savimbi, que tentou nessa ocasião preparar a união do seu grupo com Agostinho Neto.
 5. À medida que este processo se desenrolava, Savimbi planeou servir-se dos “militares do sul”, que lhe são fiéis para realizar uma ofensiva contra Cabinda e cujo objectivo seria “libertar” uma zona onde pudesse instalar um “governo angolano”, de que seria presidente.
 6. Nos seus planos estava a ideias de vir a transferir, posteriormente à operação acima referida, parte dos seus efectivos para a Rodésia do Norte, tendo em vista a criação de uma frente contra o centro (sua região de origem) e o Sul de Angola.
 7. Porém esta operação não resultou, embora Savimbi continue convencido de que Kaunda lhe dará as facilidades solicitadas, o que justifica a sua recente estadia em Lusaka e a celeridade com que Roberto para li enviou emissário da sua confiança.
 8. Entretanto Savimbi parece continuar disposto a unir-se com o MPLA de Agostinho Neto e procura obter para essa frente a adesão da UNA.
- (...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 150

Data: meados de Setembro de 1964

Proveniência: Léopoldville [parece ser de um informador]

Assunto: Acção militar entre GRAE e o MPLA

Na fronteira entre o Congo (Léopoldville) e o enclave português de Cabinda, topas do GRAE atacaram as unidades da organização rival MPLA. As tentativas de mediação entre ambas, levadas a cabo por Viriato da Cruz ainda estão longe de se concretizar. Viriato da Cruz esteve no Vietname desde o princípio do Agosto de 1964, para assistir a um curso de treino de combate de guerrilhas.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 149

Data: 16 de Novembro de 1964

Proveniência: desconhecida [segredo]

Assunto: GRAE

A mudança do pseudo-governo no Exílio de Angola que Holden Roberto deveria levar a efeito, foi frustrada no momento por uma delegação de chefes de tribos angolanas que protestaram na pessoa de Holden contra o afastamento do “ministro da Defesa Nacional”, de Taty. A seguir, Holden negou perante os chefes das tribos a sua intenção de afastar Taty das suas funções. Contestou igualmente que o grupo do MPLA, de tendência esquerdista, dirigido por Viriato da Cruz, tenha feito pressão sobre ele neste assunto.

As autoridades congolese recusaram ao representante de Viriato da Cruz, Miguéis, que deveria ter negociações com Tschombé, o visto de entrada.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 146

Data: 19 de Dezembro de 1964

Proveniência: PIDE/Angola, posto de Noqui [confidencial]

Assunto: Viriato da Cruz na Argélia

Em Léo, entre os ministros do GRAE, consta que o Dr. Eduardo dos Santos teria ido à Argélia com o fim de convencer o Viriato da Cruz a regressar a Brazzaville. Viriato da Cruz teria recusado.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 138/139

Data: 14 de Janeiro de 1965

Proveniência: Informação nº 26-SC/CI (2) [confidencial]

Assunto: Actividades de Holden Roberto e Viriato da Cruz

(...)

- Que Holden Roberto, além do auxílio dados por outros países (...) vinha recebendo de Dar-es-Salam, mensalmente, a importância de 7 milhões de francos, que agora foi suspensa. Dentro do GRAE, parece que ninguém sabia o destino que Holden dava aqueles subsídios, suspeitando-se que os gastasse em proveito próprio, dada a existência de prédios que possui na Suíça.

Comentário: é possível que o subsídio de 7 milhões proviesse da OUA

- Que Joseph KAsavubu, apercebendo-se a diversidade de dissidências e ao descontentamento existente no seio do GRAE, que possivelmente levará Holden Roberto a ser afastado, teria oferecido a este um emprego de 80 000 francos mensais. No entanto (...), Holden não teria aceitado, em virtude dos seus partidários lhe haverem pedido para não os abandonar

-Que a razão que teria levado Viriato Francisco Clemente da Cruz, essencialmente comunista, a aderir ao GRAE, seria a de pretender convencer Holden Roberto a receber auxílio da República Popular da China e a aliar-se a este país.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 136/137

Data: 16 de Janeiro de 1965

Proveniência: Informação nº 32-SC/CI (2)

Assunto: Actividades de Holden Roberto e Viriato da Cruz

- Que em virtude do GRAE não ter sido oficialmente reconhecido pelo governo da Zâmbia, os seus elementos actuam naquele país sob a designação de UPA (...)

- Que o GRAE tem armas na Zâmbia, as quais foram remetidas pela República Popular da China a Viriato Francisco Clemente da Cruz. No entanto, aquelas armas estão sob o controle do governo da Zâmbia que, apesar das pressões que sofre por parte do “Comité dos Nove”, ainda se interroga a quem deverá ceder o “campo de treinos”, se ao MPLA se ao GRAE.

Ao que parece, esta indecisão é motivada pela falta que a Zâmbia tem de portos de mar, que facilitem o escoamento dos seus produtos e a entrada dos que necessita, razão por que Kaunda pretende, antes de tomar qualquer decisão, a concretização da linha férrea ligando o seu país ao Tanganica.

Por outro lado, países do leste da Europa, encabeçados pela Rússia, e os países africanos simpatizantes dos comunistas, têm feito pressão junto de Kaunda para que este dê apenas o seu apoio ao MPLA. (...) o Comité dos Nove acaba de aprovar o programa do MPLA como o único e melhor preparado para a independência imediata e total de Angola, parece que o governo de Kaunda.

- Que o MPLA é que controla praticamente a situação dos angolanos na Zâmbia, quer refugiados, quer partidários do GRAE (...)

Também no Katanga o MPLA é que controla a situação, pois os elementos do GRAE, oficialmente reconhecido, são os próprios a difundir a propaganda do MPLA nas regiões fronteiriças do Leste de Angola.

- Que elementos de propaganda do MPLA na Zâmbia, enquanto aguardam a cedência do “campo de treinos”, têm recrutado indivíduos para Brazzaville. O transporte por via aérea destes indivíduos, (...) é facilitado pelos governos de Pequim e de Moscovo (...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 135

Data: 01 de Março de 1965

Proveniência: DGNPAI/MNE [segredo]

Assunto: GRAE

Holden Roberto teria procedido a uma remodelação ministerial (...). Manter-se-iam o Vice-primeiro-ministro, Kunzika, os ministros do Interior – Pinock, da Informação – Rosário Neto, da Defesa – Taty, dos Assuntos Sociais – Dombele, dos Negócios Estrangeiros – Viriato da Cruz e das Finanças – Martin Sanda. Peterson seria nomeado representante em Lusaka. Não onstante as suas desinteligências com Rosário Neto e Taty, Holden conservá-los-ia no 2º governo” a fim de evitar que entrassem em acordos com o MPLA. Quanto a Taty, Holden temeria sobretudo que ele viesse a estabelecer boas relações com Tschombé e Munongo, com quem [Taty] tem mantido contactos. Por outro lado, considera-se improvável que Agostinho Neto e Matias Miguéis venham a aceitar os cargos para que teriam sido nomeados.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 125/132

Data: 29 de Março de 1965

Proveniência: Informação nº 213-SC/CI (2)

Assunto: situação geral do GRAE

(...)

7. MPLA/UPA

A aproximação entre os dois movimentos torna-se cada vez mais periclitante e crítica (...) acusam-se um ao outro de estar a soldo dos comunistas e dos imperialistas americanos e que a UPA ordenou às suas tropas para combater os rebeldes congoleses. (...)

O MPLA- ala Viriato da Cruz – continua a fazer parte da FNLA, mas sem as condições precisas ou preferenciais, tais como o Comité MPLA havia pedido, quando da sua entrada na FNLA. Até ao presente, Holden não deu outras ocupações, por exemplo: o departamento de armamento, negócios estrangeiros e informações, até agora ocupados por membros da UPA apenas.

Eis por que o Comité do MPLA- ala Viriato da Cruz – não faz comunicados ou declarações públicas, mas entretanto trabalha, embora não se saiba o que fazer pois nenhum governo do grupo da OUA apoia o partido de Viriato da Cruz, apesar de no âmbito pessoal continuar a afirmar aos seus adeptos que é apoiado por diversos governos (...). Depois que o MPLA – ala Agostinho Neto – foi reconhecido pelo Comité dos Nove, de Dar-es-Salam, Viriato da Cruz perdeu todo o apoio, embora tenha recebido armas de guerra que estão na Zâmbia sob protecção de dirigentes deste país.

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 122/124

Data: 12 de Abril de 1965

Proveniência: Informação nº 280-SC/CI (2) [confidencial]

Assunto: actividades terroristas em Angola

(...)

Nos meios diplomáticos de Luanda, consta que Viriato Francisco Clemente da Cruz teria sido assassinado em Brazzaville

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 121

Data: 19 de Abril de 1965

Proveniência: DGNPAI/MNE [confidencial]

Assunto: Viriato da Cruz

Viriato da Cruz, já depois de ter sido anunciada a sua adesão ao GRAE, teria estado, a partir de Setembro de 1964, no Vietname do Norte, estudando tácticas de guerrilha

Não se conhece o seu actual paradeiro sendo no entanto possível que continue naquele país ou na China Popular.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 119

Data: 03 de Maio de 1965

Proveniência: da PIDE/Lisboa para a DGNPAI/MNE [confidencial]

Assunto: Viriato da Cruz

(...)

O indivíduo em causa é de tendências comunistas pró-chinesas, que passa a maior parte do tempo na Argélia (...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 109

Data: 10 de Fevereiro de 1966

Proveniência: Informação nº 116-SC/CI (2) [secreto]

Assunto: Viriato da Cruz

(...) se encontra em Paris Viriato Francisco Clemente da Cruz, elemento dirigente do MPLA.

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 94

Data: s/ data

Proveniência: desconhecida

Assunto: Viriato da Cruz

(...) tomou parte na Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos que se realizou em Pequim, de 27 de Junho a 6 de Julho de 1966.

Processo 1153/51 – SR

Doc. 76/77

Data: 31 de Dezembro de 1966

Proveniência: DGNPAI/MNE para a PIDE/Lisboa

Assunto: Viriato da Cruz

[Em Novembro] encontrava-se no Paquistão Viriato da Cruz que ali se deslocara integrado numa delegação de seis escritores afro-asiáticos (...)

A organização dos Escritores Afro-Asiáticos, formada em 1957, encontra-se actualmente sob domínio chinês, tendo a URSS, conjuntamente com a Índia e a RAU, formado um organismo dissidente com o mesmo escopo.

O objectivo da visita ao Paquistão (...) teve por objectivo denunciar a chamada agressão imperialista norte-americana no Vietname e reiterar o apoio dos escritores comunistas da linha chinesa ao Paquistão em litígio de Caxemira a [atacando] com veemência os revisionistas soviéticos que advogam a coexistência pacífica e a colaboração com o imperialismo (...)

Viriato da Cruz (...) numa reunião em Dacca teria comparado o combate dos rebeldes angolanos ao combate dos habitantes de Caxemira (...) dois problemas idênticos de auto determinação

(...)

Processo 1153/51 – SR

Doc. 69

Data: 13 de Abril de 1967

Proveniência: Informação nº 385-SC/CI (2)

Assunto: Viriato da Cruz

Viriato Francisco Clemente da Cruz, que se separou do MPLA em virtude da sua feição pró-chinesa, é membro da Associação Internacional de Jornalistas Afro-Asiáticos e reside actualmente em Pequim. A sua presença na China são as principais razões da frieza existente entre o Governo de Pequim e o MPLA

Processo 1153/51 – SR

Doc. 60/61

Data: 13 de Março de 1968

Proveniência: Informação nº 261-SC/CI (2)

Assunto: Viriato da Cruz

Em princípios de Março, funcionários da embaixada chinesa em Lusaka informaram Frank Mateo, comandante de campo da UNITA (...) que Viriato Francisco Clemente da Cruz, que fora representante MPLA em Pequim, desertara daquele movimento e representava agora a UNITA na China Popular.

Esta mudança, segundo a embaixada chinesa, fora engendrada por Jonas Savimbi, com vista a facilitar a corrente de apoio chinês à UNITA.

Os chineses deram à UNITA 4 500 divisas esmaltadas de vermelho com uma estrela preta no centro (...) para serem usadas pelos soldados da Unita em Angola

Processo 1153/51 – SR

Doc. 15

Data: 20 de Julho de 1973

Proveniência: *Le Monde*

Assunto: Viriato da Cruz

[notícia da morte de Viriato da Cruz]²⁵⁹

²⁵⁹ Fonte: consultados com o apoio das pesquisadoras Anabela Silveira e Regina Queiroz, sobrinha do autor; e em arquivos encontrados na Associação Tchiweka de Documentação.